

A LAVOURA

ORGAM DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

ANNO XX

AGOSTO A DEZEMBRO DE 1916

NUM. 8 a 12

SUMMARIO

Exposição Nacional de Milho, pag. 109 — A industria de tecidos e o inquerito do Centro Industrial, pelo Dr. J. A. da Costa Pinto, pag. 113 — O Buassú, pelo Dr. Alfredo A. de Andrade, pag. 121 — A cultura do arroz no Rio Grande do Sul, pelo Dr. Ildefonso Simões Lopes, pag. 124 — Classificação Commercial do Algodão, pelo Dr. William W. Coelho de Souza, pag. 133 — A economia do combustivel nas usinas de açúcar, pag. 137 — Luiz Orsini, pag. 139 — A pecuaria nacional e o gado indiano, pelo Dr. Eduardo Cotrim, pag. 140 — Conferencia Nacional de Pecuaria, pag. 142 — Orçamento do Estado de São Paulo para o anno de 1917, pag. 150 — O accôrdo do Contestado, pag. 154. — Parte Ineditorial: Matto Grosso em fogo, pag. 160.

RIO DE JANEIRO — BRASIL
REDACÇÃO — RUA 1.º DE MARÇO N. 15
TELEPH. 1416 NORTE — CAIXA POSTAL 1245

ESPECIFICO MACDOUGALL



Sem Veneno
PARA CURAR

A SARNA

E exterminar todo insecto no gado lanar, vaccum e cavallar

Protege contra as moscas de toda a especie. Cura todas as chagas e feridas. Estimula a finura, sedosidade e crescimento da lã, aumentando-a em 20 %. Assegura a efficiencia sem nenhum perigo

A grande propriedade dos especificos de MacDOUGALL consiste em não envenenar o insecto para depois produzir a sua morte, offerecendo tal processo serio perigo aos animaes, collocando o criador no caminho de prejuizes e ruina futura.

«A acção do especifico de MacDOUGALL é tão somente a de asphyxiar o insecto ou parasyta, fulminando-o immediatamente»

Fabricado por MacDOUGALL Bros., Ltd. -- Estabelecidos em 1845 -- Manchester, Inglaterra

Fabricantes de antisepticos - Desinfectante & Insecticidas

Premiados em todas as Exposições de Pecuaria e Hygiene do Mundo

**GARANTEM EM ABSOLUTO A ENERGIA E BENEFICIOS DOS SEUS PRODUCTOS
A SALVAÇÃO DOS CRIADORES**

Moscas
e Gusanos

Tavão

Gusanos

Moscardão

Moscas nas
anhas

Sarna

Irritação

E' UNICO. — Usado como um lavado ou salpicado, impede os ataques de todas as moscas, moscardões e vões, gusano e moscardão da America (tavão), os insectos e carrapatos da Africa, etc., etc. O damno que causam estas pestes é enorme. Não só causam um soffrimento terrivel aos animaes como tambem furam os couros, reduzindo seu valor. Si se protege o gado contra estes insectos, lavando-o com uma solução deste Especifico ou esburrficando-a no animal, se evitará o GALOPE LOUCO (na da causa maior prejuizo á cria do gado e ao engorda que o correr furiosamente), e do que se enchem a perder os couros.

Será conveniente dar um só exemplo do prejuizo desta perda. Calcula-se por pessoas competentes que os lavradores da Grã Bretanha vêm perdendo de oito a onze milhões de libras por anno pelos estragos dos "tavões" o que lhes tem feito tomar medidas para combatel-a. Grande samma é esta, deve ser menor que a terrivel perda em que estão incorrendo actualmente os criadores da America, pelos estragos do gusano do tavão e do moscardão.

Para exterminar os gusanos — que são a prole destes moscardões — este Especifico offerece um REMEDIO SIMPLES, SEGURO E CERTO (vejam-se as instrucções). Verá que não só extermina os gusanos, como tambem faz cicatrizar e fechar as feridas e as picadas produzidas nos couros.

E' um remedio effcaz para esta terrivel molestia de todos os animaes (Vejam-se instrucções). Curam-se usando este Especifico como lavagem ou como cataplasma.

Para lavagem de Casas, Coche'ras, Baias, Depositos, Formigueiros, etc., usa-se na proporção de 1 parte 20 partes d'agua.



Couro atacado pelo Tavão (Multoreduzido)

Pedidos a informações com

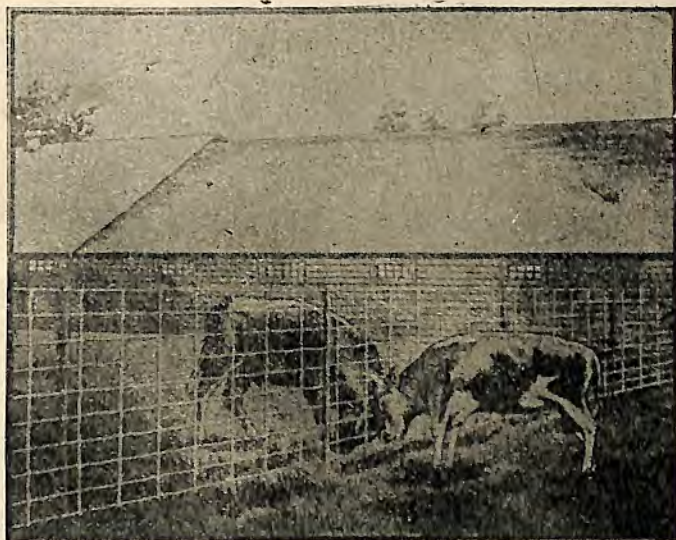
ROBERTO ROCHFORT

CAIXA 1911

RUA DO MERCADO, 49 - RIO DE JANEIRO

Cercas de tecido "PAGE"

Para fecho de gado, porcos,
jardins, hortas, etc.



A CERCA MAIS AFA-
MADA DO MUNDO!

*Pegam
preços e
catalogos*

FABRICAÇÃO DA
SOCIEDADE INDUSTRIAL E
DE AUTOMOVEIS

'BOM RETIRO'

Avenida Rio Branco n. 170 --- Predio do Lyceu de Artes e officios

→ RIO DE JANEIRO ←



O maior amigo da lavoura, unico que tem prestado importantes serviços na extincção dos formigueiros e o unico que apresentou reaes resultados nas experiencias effectuadas por ordem do Governo do Estado de S. Paulo, onde suplantou todas as marcas que concorreram a essa experiencia e demonstrou praticamente ser o **Formicida Paschoal** o mais energico destruidor das formigas e mais economico 100 %, conforme o relatorio publicado por ordem do Governo do mesmo Estado.

ULTIMO E DECISIVO TRIUMPHO ALCANÇADO A 29 DE JUNHO DE 1912

Com grande assistencia, realizou-se no dia 29 de Junho a segunda parte das experiencias do **Formicida Paschoal**, feita em dous formigueiros existentes em Jacarépaguá, por ordem do Sr. Ministro da Agricultura.

A primeira experiencia teve lugar em um formigueiro situado na rua Barão, proximo á rua Honorina, com uma área de 770 metros quadrados para mais e innumerados olheiros.

A segunda realizou-se em um formigueiro existente no sitio da Jaqueira, na outra extremidade da rua Barão, o qual apresentava uma área superior a 800 metros quadrados e grande quantidade de olheiros.

Feita a abertura dos dous formigueiros nos quaes dias antes tinha sido feita a applicação do formicida, verificou-se que não só nem uma formiga sequer foi encontrada viva, como tambem

as panellas dos formigueiros, ainda as mais profundas, foram encontradas completamente esphaceladas.

O Dr. Henrique Vaz, agronomo do Ministerio da Agricultura, declarou estar plenamente satisfeito com o resultado das experiencias.

Assistiram ás experiencias desde seu inicio os Srs. Dr. Henrique Vaz e Luiz de Mello, por parte do Sr. Ministro da Agricultura; Capitão-Tenente Samuel Pinheiro Guimarães, Dr. Julio da Silveira Lobo, Paschoal Vaz Otero, Tenente Alvaro de Almeida Cardoso, Americo Carlos Marmello, Casemiro Soares, Joaquim dos Passos, Antonio de Almeida Cardoso, Alfredo Chagas Fernandes, Joaquim Ribeiro, Luiz Santiago e muitos outros.

O **Formicida Paschoal** foi o unico premiado com a **MEDALHA DE OURO** na Exposição Nacional de 1908; é o preferido pela Sociedade Nacional do Agricultura desde 1905 para fornecer aos seus socios, conseguindo a Sociedade, do Sr. Paschoal Vaz Otero, vantagens especiaes, de que gosam os seus socios.

A Sociedade não tem tido reclamações contra o **Formicida Paschoal**, que é um producto de primeira ordem e a prova está no grande numero de latas que tem fornecido, o que nos autoriza affirmar o que acima expomos.

A Sociedade fornece aos seus associados o **Formicida Paschoal** pelo preço e descontos da fabrica

PASCHOAL VAZ OTERO

ESCRITORIO

75, Rua do Hospicio, 75

Unico para o gado
Sal
de todos os typos
e
qualidades

Grosso, fino



O mais puro Sal Nacional
Imcomparavel
na
salga das carnes
e peixes

Triturado e moido

Typo especial: Sal "UZINA"

Apropriado a todas as applicações industriaes.
Preferido em todas as cozinhas de hotel e restaurantes.
Empregado nas padarias e salga das manteigas.
Não ha casa de tratamento que o não empregue com confiança.

O sal nacional marca **Usina** purificado pelos processos mais modernos, é um sal natural, muito branco, puro e fabricado nas "Salinas de Macau e Mossoró", de propriedade da **Companhia Commercio e Navegação**.

Das analyses effectuadas no "Laboratorio de Analyses do Rio de Janeiro" e "Laboratorio de Analyses Chemicas do Estado de S. Paulo", verificou-se que este sal é sem comparação mais rico do que qualquer outro sal estrangeiro, em chlorureto de sodio, base da existencia do sal.

O abalisado Engenheiro Sr. Dr. Francisco Bolonha, conhecido industrial, analysando a graduação dos diversos saes que apparecem neste mercado encontrou a maior graduação para o **SAL USINA**.

Dessas analyses, fica cabalmente demonstrado que o **SAL USINA**, o mais puro, é incomparavelmente mais forte do que qualquer outro, o que o torna muito mais economico para as diversas applicações industriaes e usos domesticos.

Peçam tabellas, prospectos, listas de preços...Façam seus pedidos directamente a

Companhia Commercio e Navegação

37, AVENIDA RIO BRANCO, 37

CAIXA POSTAL 842
Endereço Telegraphico "UNIDOS"

SECCÃO DE SAL
Telephone, Norte 1904

Fornecimento de Saccarias de Algodão, Aniaçem, etc. Todos os pesos são á vontade dos compradores

Codigos: A. B. C.—5th Ed. Scott's-10th. Ed. Ribeiro, Brasil e Particular

SKF

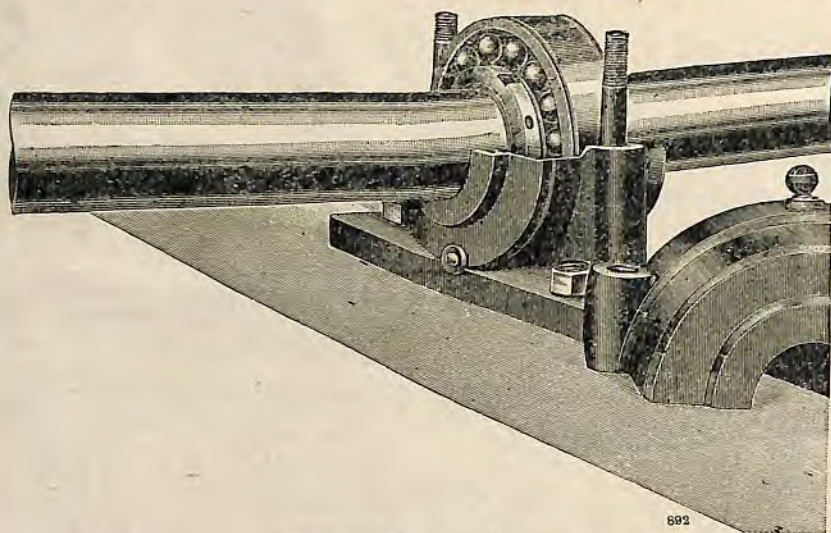


83

SKF

Aos Snrs. AGRICULTORES:

Os rolamentos e mancaes S K F applicados em vossas machinas fixas e locomotoras e em vossas transmissões e vehiculos



de tração animal facilitaram os movimentos permittindo economia de força motriz, economia de lubrificante, supressão dos cuidados e despesas de manutenção e substituição, limpeza absoluta.

Este material é de funcionamento garantido e comprovado por attestados das grandes firmas da industria nacional.

Mancal de esferas

PEDI



Cubo para carro

Catalogos, informações, orçamentos, desenhos e estudo particular sobre nossas machinas á



Turbinas de assucar

S. A. des Roulements a Billes Guedois S K F

RUA RODRIGO SILVA, 5 --- RIO

Caixa postal : 1.452



Tel. : C. 5.252



End. tel. : ROULEMENT

J. J. DE AMORIM SILVA
AGENCIAS E COMMISSOES
101, AVENIDA RIO BRANCO
1.º ANDAR

End. telegr. "Mary" — Codigos "kibeiro" — A B C — A I
Teleph. 203 — Norte — Caixa postal n.º 1505
Rio de Janeiro

Incumbe-se da venda dos seguintes artigos :

Algodão, assucar, aguardente e alcool, cereaes, couros pelles, cêra de carnauba, sementes oleoginosas, fibras textis, oleos e graxas, farinha de trigo, tecidos de algodão e de pita, dôces, plantas medicinaes, etc.

SOCIETE FINANCIERE ET COMMERCIALE FRANCO-BRESILIENNE

(CASA NATHAN)

43 A — Rua S. Bento

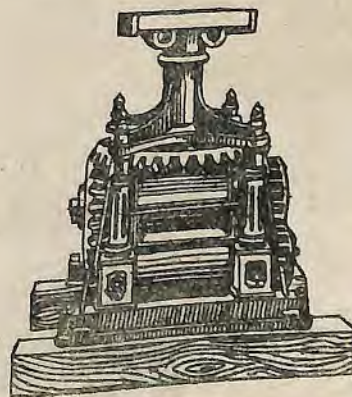
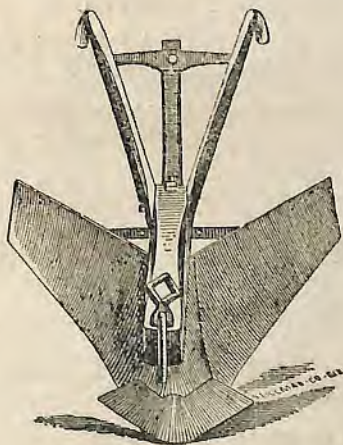
S. PAULO

Agentes directos
e Importadores das
mais afamadas ma-
chinas agricolas.

Arados, grades,
celfadeiras, moinhos,
chocadeiras.

Arados, tractores,
motores. etc.

Machinas para lei-
ferias, e uzinas de as-
sucar.



As melhores machi-
nas de beneficiar café
"PATRIA" de maior ren-
dimento com menor força.

Tintas "CHI-NAMEL"
rivalisando com os me-
lhores vernizes.

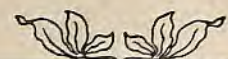
Arame farpado, cor-
reias, oleos, machinas,
ferragens e formicida das
melhores marcas.

Fabricantes dos phosphoros TREVO

Casa Especial de Horticultura

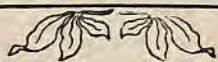
77, Rua do Ouvidor, 77

RIO DE JANEIRO

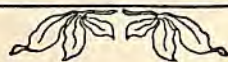


ENDEREÇO TELEGRAPHICO

HORTULANIA
Rio de Janeiro



TELEPHONE
N. 1352



Grande sortimento de sementes novas de hortaliças, de flores,
de plantas para agricultura, etc.

Grande sortimento de ferragens, utensilios e objectos para todos
os mistéres de jardinagem

Gaiola, alimento para passaros, pó da Persia e chá da India (Kam Lal's)

Grande officina de trabalhos em flores naturaes

Cestas, ramos e grinaldas feitas com apurado gosto para
casamentos, bailes, festas, enterros,
finados, etc. Encarregam-se de ornamentações
para mesas de jantar,
festas, salões, banquetes, ruas, etc.

Deposito de ovos do Posto Avicola do Rio de Janeiro

CHACARAS DE CULTURAS DE PLANTAS

RUA HADDOCK LOBO N. 228 RUA SANTA ALEXANDRINA, 134

(Deposito geral e cultura de
palmeiras)

(Cultura de arvores fructiferas, roseiras,
orchidéas e plantas)

CULTURA DE FLORES

RETIRO-PETROPOLIS

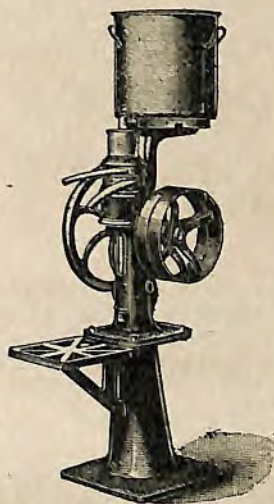
DEPOSITO GERAL DE PLANTAS

RUA HADDOCK LOBO N. 228--VILLA ITALIA

Eickhoff, Carneiro Leão & C.

INDUSTRIA DE LACTICINIOS

NAO PRECISAMOS ENALTECER
com palavras superfluas as boas qualidades da nossa



Stock importante

*Peçam o
Catalogo novo de 1916!*

DESNATADEIRA "SVEA"

pois os FACTOS têm-se encarregado de fazel-o!

As "SVEA" estão em uso por todas as partes
do paiz---Plenas Garantias

Installações completas para Fabricas de Man-
teiga e Queijos, Conservação de Leite,
Machinas Para fabricar gelo e para con-
gelar Leite.

RICHARD WHICHELO & COMP.

RIO DE JANEIRO---Rua Primeiro de Março, 114

JUIZ DE FÓRA

SÃO PAULO

BAHIA

CENTRO DAS EXPERIENCIAS AGRICOLAS

DO

KALISYNDIKAT

ALLEMANHA



*As suas terras
estão cansadas?*

*Faça-as produzir por meio
de uma Adubação completo.*

*A qualidade de seus pro-
ductos deixa a desejar?*

*Melhore-a fornecendo uma Adubação
adequada contendo Potassa.*



Qualquer informação a respeito da adubação é fornecida GRATIS

PELO

KALISYNDIKAT

CENTRO DAS EXPERIENCIAS AGRICOLAS

117, AVENIDA RIO BRANCO, 117

1º ANDAR - SALAS NS. 5 E 15

ARADOS E ENGENHOS PARA CANNA

Importadores dos afamados arados
e engenhos para canna, americanos

CHATTANOOGA

Agentes dos inegalaveis
descascadores de café e arroz ENGELBERG
AMERICANOS e importadores dos mais
aperfeiçoados machinismos
para a lavoura

Peçam o catalogo illustrado

AOS UNICOS AGENTES

F. UPTON & C.

SÃO PAULO

Largo de S. Bento, 12

MATRIZ

RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 18

FILIAL

PERFUMARIA ORLANDO RANGEL
140, AVENIDA RIO BRANCO 140,

PÓ DE ARROZ DORÁ

Adherente e unctoso, impalpável e suavemente perfumado, é o pó de arroz Dorá um soberano recurso no embelezamento da cutis, dando-lhe brilho, frescor, realçando as bellezas naturaes e occultando em muitos casos os possíveis defeitos. Medicinal, expurgado de elementos nocivos e que são, as vezes, communs em outros productos congêneres é um pó de toilette que deve ser usado por todos os que prezam a belleza e a saúde.

Lata 2\$, pelo correio 2\$500

A VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS, PHARMACIAS E DROGARIAS



BENZOIN

Cosmetico, liquido, aromatico destinado o embelezamento do rosto e á hygiene da pelle em geral. Produz, quando applicado sobre o rosto, após o uso da navalha, uma sensação de agradável frescor. Gozando de propriedades emollientes e auto herpeticas, exerce a sua benéfica acção sobre as espinhas; as brotoejas (erupções lichnoides) e diversas irritações da pelle de causas varias. applica-se como loção estendendo-se por meio de uma esponja ou algodão sobre a parte a cuidar. A pelle, em uso do BENZOIN torna-se brilhante, flexivel e aveludada, dando a impressão de

MOCIDADE

Vidro 4\$, pelo correio 5\$000

BANCO DO BRASIL

RUA DA ALFANDEGA N. 17 (ANTIGO 9)

RIO DE JANEIRO

Capital realizado 45.000:000\$ Capital autorizado 70.000:000\$

Recebe dinheiro em conta corrente :

De movimento a juro de	2 0/0
Em pequenos depositos não excedente de 5 contos a juro de	3 0/0
Contas correntes prazo de 3 mezes a juro de	2 1/2 0/0
Contas correntes prazo de 6 mezes juro de	3 1/2 0/0
Contas correntes prazo de 9 mezes juro de	4 1/2 0/0
Contas correntes prazo de 12 mezes a juro de	5 1/2 0/0

EM LETRAS A 3, 6, 9 E 12 MEZES, 3, 4, 5 E 6 %

Recebe em deposito dinheiro, titulos de credito, metaes

pedras preciosas, joias, ouro e prata em barra

Deseonta letras, Notas promissórias e ou ços Titulo com mercades

REALIZA OPERAÇÕES :

de cambio e emprestimos mediante penhor e emite saques á vista sobre todas as praças da Inglaterra, França e Allemanha.

AGENCIAS INSTALLADAS :

em Manaus, Belém, Fortaleza, Parahyba, Recife, Maceió, Bahia, Uberaba, Tres Corações, Campos, Santos, Curitiba, Porto Alegre, Corumbá e Aracajú.

IDEM A INSTALLAR—Florianopolis, S. Paulo, S. Luiz do Maranhão, Nata e Victoria.



FORMICIDA BRAZILEIRO

UNICO PREMIADO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1889

MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

O Formicida Brasileiro é um formigueiro de 1.200 metros

Foi feita ante-hontem a excavação dos dous grandes formigueiros situados em Chacarinha, Jacarépaguá, e aos quaes se havia applicado o Formicida Brasileiro.

Assistiram á excavação os Srs. Dr. Henrique Vaz, do Ministerio da Agricultura; Dr. Luiz Pelino Nobre de Mello, auxiliar da Defeza Agricola, e varios representantes dos jornaes cariocas, especialmente convidados para esse fim.

O primeiro formigueiro, de uma extensão de cerca de 1.200 metros quadrados, situado na aba de um morro em que se havia applicado uma lata de quatro litros de formicida, estava completamente extincto, o mesmo acontecendo com o segundo, situado na vargem, em terreno arenoso, de uma extensão de cerca de 1.000 metros quadrados e que havia igualmente consumido quatro litros de formicida, por ser muito ramificado.

Com essa prova do Formicida Brasileiro, ficaram satisfeitos todos os presentes.

(Transcripto do Correio da Manhã).

Em caixa de 2 ou 4 latas de 4 litros.

" " " 8 latas de 2 litros.

" " " 16 " 1

Alves Magalhães & Comp.

Rua de S. Pedro, 91 -- Sobrado

RIO

LIVROS DE AGRO-PECUARIA

Vendidos na Livraria Agricola da "Chacaras e Quintaes". — Largo do Palacio, 5 B, 2º andar. — Caixa do Correio, 552. — S. Paulo.

Todo o pedido de 10\$ para cima tem direito a frete, sellagem e registro gratuito. (A lista de todos os livros que vendemos é remetida gratis a quem a solicitar).

Libros de quinhentos réis:

Cultura do Abacaxi	\$500
Cultura do milho	\$500
A caça no Brasil	\$500
Criação de coelhos	\$500
Cultura da batata	\$500
Molestias das aves	\$500
Gallos de briga	\$500
Incubação natural e artificial	\$500
Arte de criar pintos	\$500
Alimentação das aves	\$500
Cultura do mamoeiro	\$500
Cultura do coqueiro	\$500
O Pescador Brasileiro.....	\$500
Criação de pombos	\$500
Figueira da India	\$500
A nata da avicultura	\$500
Consolida do Caucaso	\$500
Leites medicamentosos.	\$500
O craveiro da India	\$500
Cultura da mangueira	\$500
Cultura do abacateiro	\$500
Cultura do cajueiro	\$500
Cultura da baunilha	\$500
Criação de canarios	\$500
Cultura da cebola	\$500
Plantas que fornecem madeira	\$500
Monographia da alfafa	\$500
A questão caprina	\$500
Adubos organicos (estrume, lixo, etc.).....	\$500
Vinhos das frutas brasileiras.....	\$500
Presuntos e productos do porco.....	\$500
Bichos damnhinhos da fruticultura.....	\$500
Gallinhas de grande postura.....	\$500

Bibliotheca do amator de gallinhas:

- 1 — *Tratado de Gallinocultura*, segunda edição, pelo Professor Delgado de Carvalho, com 263 paginas illustradas 5\$000
- 2 — *As Molestias das aves*, pelo Dr. Lourenço Granato, com 201 paginas illustradas.... 5\$000
- 3 — *Monographia da raça Plymouth Rock*, pelo Professor J. Wilson da Costa, capa trichromia e fartamente illustrada..... 2\$000
- 4 — *Criação da patos, gansos, marrecos e outros palmipedes*, pelo Professor Wilson da Costa, ricamente illustrado 1\$000

Almanack Agricola Brasileiro (anno quinto):

Publica-se no mez de Novembro de cada anno anterior, e cada exemplar consta de 300 e mais paginas ricamente illustradas, sendo a publicação brasileira de mais avultada tiragem. Temos á venda os annos de 1912-1913 — (1914 exgotado) 1915 e 1916, a 2\$ cada exemplar.

Chacaras e Quintaes (anno setimo):

E' o magazine mais interessante e mais diffundido em todos os lares pelo nosso immenso paiz. Sua leitura é util a todos. As consultas technicas são respondidas por especialistas competentes. O texto é o mais pratico, e leve possivel, e as gravuras são das mais variadas e interessantes que se possam desejar.

Um assignatura annual custa apenas dez mil réis, e começa no mez em que é tomada.

Os leitores da "A LAVOURA" que tomarem uma assignatura agora, aproveitando o talão abaixo, receberão gratis como brinde um dos folhetos de quinhentos réis da lista supra.

Cortem e remetam logo para S. Paulo, á caixa postal, 652.

Data

Sr. Editor da «Chacaras e Quintaes» caixa 652, S. PAULO.

Junto vale de dez mil réis, pedindo-vos de iniciar-me uma assignatura annual de vossa revista, a começar com o fasciculo do presente mez.

Sendo leitor da «A Lavoura», peço como brinde o volume que trata de

que deveis remetter ao seguinte endereço:

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

N. B. — Toda e qualquer importancia deverá vir por meio de vale postal ou carta registrada com VALOR DECLARADO.

CASA FLORA

Schlick & Comp.

RIO DE JANEIRO

61, Rua do Ouvidor, 61

Alto da Serra - PETROPOLIS - (Quarteirão Mineiro)

ESTABELECIMENTO DE

FLORICULTURA E HORTICULTURA

Especialistas em trabalhos artisticos e flores naturaes

SEMENTES NOVAS DE

HORTALIÇAS E FLORES

Grandes culturas de Roseiras, Craveiros

e outras plantas para Jardins

Pó da Persia

Legítimo PARASITOL (Destruidor de insectos nocivos)

Embira, Etiquetas, Mel de abelha, Ovos de gallinha de raça, etc.

Telephone n. 1281 -- Endereço telegraphico: FLORA, RIO

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Fundada em 16 de Janeiro de 1897

Caixa do Correio, 1245 — Rio de Janeiro — RUA 1.º DE MARÇO, 15

PRESIDENTES BENEMERITOS

Wenceslão Braz Pereira Gomes.

Francisco de Paula Rodrigues Alves.

PRESIDENTES HONORARIOS

José Rufino Bezerra Cavalcanti.

Joaquim Ignacio Tosta.

Antonio Candido Rodrigues.

José Cardoso de Moura Brazil.

Antonio Augusto da Silva.

DIRECTORIA GERAL

Eduardo Augusto Torres Corrêa, 3.º Vice-Presidente.

Augusto Ramos, Secretario Geral.

Hannibal Porto, 1.º Secretario.

Alvaro Sá de Castro Menezes, 2.º Secretario.

Perminio Carneiro Leão, 3.º Secretario.

Manoel Maria de Carvalho, 4.º Secretario.

Gustavo Lebon Regis, 1.º Thesoureiro.

Jeronymo Medeiros da Rocha, 2.º Thesoureiro.

DIRECTORES TECHNICOS

Chrysantho de Brito.

João Fulgencio de Lima Mindello.

João Gonçalves Pereira Lima.

João de Carvalho Borges Junior.

Manoel Paulino Cavalcanti.

Paulo Parreiras Horta.

Victor Leivas.

CONSELHO SUPERIOR

Eduardo C. Green.

Edmundo Bittencourt.

Francisco da Rocha Lima.

Francisco Dias Martins.

Gabriel Osorio de Almeida.

Henrique Santos Dumont.

Homero Baptista.

Ildefonso Soares Pinto.

Ildefonso Simões Lopes.

João Pandiá Calogera.

João Mangabeira.

João Baptista de Castro.

João Nogueira Penido.

Joaquim Luiz Osorio.

Joaquim Pires Ferreira.

José Ribeiro Monteiro da Silva.

José Mattoso Sampaio Correia.

José Monteiro Ribeiro Junqueira.

José Felix da Costa Pacheco.

Juvenal Lamartine de Faria.

Linneu de Paula Machado.

Leopoldo Teixeira Leite.

Manoel Buarque de Macedo.

Luiz Raphael Vieira Souto.

Sylvio Ferreira Rangel.

Vivaldi Leite Ribeiro.

William Wilson Coelho de Souza.

Collaboração — Serão considerados colaboradores não só os sócios como todos que quizerem servir-se destas columnas para a propaganda da agricultura, o que a Redacção muito agradece. A lista dos colaboradores será publicada annualmente com o resumo dos trabalhos.

A Redacção não se responsabiliza pelas opiniões emitidas em artigos assignados e que serão publicados sob a exclusiva responsabilidade dos autores. Os originaes não serão restituídos.

As communicações e correspondencia devem ser dirigidas á Redacção da A LAVOURA na sede da Sociedade Nacional de Agricultura.

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA não tem cobradores.

As quantias, que lhe couberem, deverão ser pagas directamente, ou endereçadas por meio de vales postaes, cheques, ou ordens para casas commerciaes conceituadas, ao Thesoureiro Gustavo Lebon Regis, na sede social.

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA mantém desde o seu inicio, em

1897, a revista agricola A Lavoura, destinada á propaganda em prol da rehabilitação da agricultura nacional, ministrando á operosa classe a que se consagra, todos os ensinamentos e indicações que possam concorrer para a realização do seu objectivo.

Com uma tiragem de 5.000 exemplares, A Lavoura é distribuida quer no estrangeiro quer em todos os Estados do Brasil, e recebe constantemente de diversos lavradores pedidos de informações sobre instrumentos

agricolas, sementes, utensilios de lavoura, adubos, etc., e tudo que entende com esse myster. Assim, para que o nosso Boletim possa constituir-se em repositório de informações seguras, lembra a Redacção a providencia de annunciarem os interessados, em suas columnas, os diversos artigos de seu ramo de commercio, solicitando a attenção para a tabela abaixo inserta com respeito ás condições da publicação de annuncios.

		1 vez	3 vezes	6 vezes	12 vezes
1/12 pag.	10\$000	25\$000	45\$000	80\$000	
1/8 pag.	15\$000	40\$000	75\$000	130\$000	
1/4 pag.	25\$000	70\$000	130\$000	240\$000	
1/2 pag.	40\$000	110\$000	200\$000	360\$000	
3/4 pag.	65\$000	170\$000	310\$000	580\$000	
1 pag.	70\$000	200\$000	370\$000	680\$000	

ASSIGNATURAS

Para o Brasil

ANNO 10\$000
SEMESTRE 7\$000

Para o Estrangeiro

ANNO 15\$000
SEMESTRE 10\$000

Para os socios quites, distribuição gratuita

Admissão de Socios

CAPITULO V DOS ESTATUTOS

Art. 8º. A Sociedade admite as seguintes categorias de socios:

Socios effectivos, correspondentes, honorarios, benemeritos e associados.

§ 1º. Serão socios effectivos todas as pessoas residentes no paiz que forem devidamente propostas, e contribuirem com a joia de 15\$ e a annuidade de 20\$000.

§ 2º. Serão socios correspondentes as pessoas ou associações, com residencia ou sede no estrangeiro, que forem escolhidas pela Directoria, em reconhecimento dos seus meritos, e dos serviços que possam ou queiram prestar á Sociedade.

§ 3º. Serão socios honorarios e benemeritos as pessoas que, por sua dedicação e relevantes serviços á lavoura, se tenham tornado dignos desta distincção.

§ 4º. Serão associados as corporações de character official e as associações agricolas filiadas ou confederadas que contribuirem com a joia de 30\$ e a annuidade de 50\$000.

§ 5º. Os socios effectivos e os associados poderão se remir nas condições que forem preceituadas no regulamento, não devendo, porém, a contribuição fixada para esse fim ser inferior a dez (10) annuidades.

Art. 9º. Os associados deverão declarar o seu desejo de participar dos trabalhos da Sociedade. Os demais socios deverão ser propostos por indicação de qualquer socio e a apresentação de dous membros da Directoria e ser acceitos por unanimidade.

Art. 10. Os socios, qualquer que seja a categoria, poderão assistir a todas as reuniões sociaes, discutindo e propondo o que julgarem conveniente; terão direito a todas as publicações da Sociedade e a todos os serviços que a mesma estiver habilitada a prestar, independentemente de qualquer contribuição especial.

§ 1º. Os associados, por seu character de collectividade, terão preferencia para os referidos serviços e receberão das publicações da Sociedade o maior numero de exemplares de que esta puder dispôr.

§ 2º. O direito de votar e ser votado é extensivo a todos os socios; é limitado porém, para os associados e socios correspondentes, os quaes não poderão receber votos para os cargos de administração.

§ 3º. Os socios perderão sómente seus direitos em virtude de espontanea renuncia, ou quando a assembléa geral resolver a sua exclusão por proposta da Directoria.

CAPITULO VI DO REGULAMENTO

Art. 18. A Sociedade prestará seus serviços de preferencia aos socios e associados, quando estiverem quites com ella.

Art. 19. A joia deverá ser paga dentro dos primeiros tres mezes após a sua acceitação.

Art. 20. As annuidades poderão ser pagas por prestações semestraes.

Art. 21. Os socios e os associados se poderão remir mediante o pagamento das quantias de 200\$000 e 500\$000, respectivamente, feito de uma só vez e independente de joia, que deverão pagar em qualquer caso.

Art. 22. Os socios e associados não poderão votar, nem receber o diploma, sem terem pago a respectiva joia.

§ 1º. O socio, que tiver pago a joia e uma annuidade, poderá remir-se mediante a apresentação de 20 socios, desde que estes tenham igualmente satisfeito aquellas contribuições.

§ 2º. Para esse effeito o socio deverá requerer á Directoria, provando seus direitos nos termos do paragrapho anterior.

§ 3º. Serão considerados benemeritos os socios que fizerem donativos á Sociedade a partir da quantia de um conto de réis.

Art. 23. Para que os socios atrasados de duas annuidades possam ser considerados resignatarios, nos termos dos Estatutos, é preciso que suas contribuições lhes tenham sido solicitadas por escripto, até tres mezes antes, cabendo-lhes ainda assim o recurso para o conselho superior e para assembléa geral.

A LAVOURA

ORGAM DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

ANNO XX

RIO DE JANEIRO

AGOSTO A DEZEMBRO

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO

A Sociedade Nacional de Agricultura, que sempre acompanhou com grande interesse tudo quando se relaciona com a economia nacional, não podia se conservar indifferente ao grande certamen, que se realizou na bella capital mineira, de 19 a 21 de Julho findo.

Para melhor affirmar a sua solidariedade á importante festa do trabalho, nomeou uma commissão de membros da sua Directoria, composta dos Srs. Eduardo Cotrim, Ildefonso Simões Lopes, Joaquim Osorio e Hannibal Porto, para represental-a na exposição.

Desempenhando-se da honrosa incumbencia, a referida commissão seguiu para Bello Horizonte a 18 do referido mez, estando habilitada hoje a affirmar o brilhantismo de que se revestiu aquelle certamen. A elle acorreram de toda a parte numerosos visitantes, que voltaram maravilhados com o espectáculo das innumeras espigas de milho esparsas sobre muitas mesas extendidas ao longo do vasto salão da exposição, para cujo brilhantismo cerca de 600 expositores levaram o concurso dos seus productos.

Conforme se annunciara foi inaugurada no dia 19, no edificio do Archivo Publico Mineiro, em Bello Horizonte a 2ª Exposição Nacional de Milho, promovida pela revista paulista *Chacaras e Quintaes* e patrocinada pelo governo do Estado, cuja commissão organizadora era composta dos Srs. Drs. Benjamin Hunnicutt, Director da Escola Agronomica de Lavras, Alvaro da Silveira e Donato de Andrade.

A's 7 ½ horas da noite inaugurou-se a exposição com a presença do Sr. Dr. Delfim Moreira, presidente do Estado; Drs. Raul Soares, secretario da Agricultura; Americo Lopes, secretario do Interior; Vieira Marques, chefe de Policia; Cornelio Vaz de Mello, prefeito da Capital; os membros da Commissão organizadora da Exposição e dos representantes do Paraná Sr. Dr. Hegreville Hintz; da Sociedade Nacional de Agricultura, Drs. Eduardo Cotrim, Ildefonso Simões Lopes, Joaquim Luiz Osorio e Coronel Hannibal Porto; da Sociedade Mineira de Agricultura, Dr. Fidelis Reis; do director da revista *Chacaras e Quintaes*, Conde Amadeu Barbiellini, representado pelo Major Dr. João Pereira Junior; das Associações Rurales do Rio Grande do Sul, Drs. Simões Lopes e Joaquim Osorio; Grande numero de funcionarios, representantes da imprensa, numerosos agricultores, etc.

O Sr. Dr. Benjamin Hunnicutt, o infantíavel director da Escola de Lavras e director tecnico da Exposição, convidou o Sr. Dr. Delfim Moreira, presidente do Estado a presidir a sessão.

Declarando solemnemente inaugurada a exposição de milho, S. Ex. deu a palavra ao Dr. Donato de Andrade, secretario da commissão, que leu uma carta do Dr. Azeis Brasil, na qual o illustre brasileiro se escusava do seu não com-

parecimento e mandava os seus mais expressivos applausos aos organizadores de tão importante certamen. Finda a leitura, o Major Dr. João Augusto Pereira Junior representante especial do director da revista *Chacaras e Quintaes* e do Estado de S. Paulo, pronunciou eloquente discurso no qual justificou a ausencia do Conde A. Barbiellini, naquelle festa do milho, cuja iniciativa se lhe deve. Depois de ter desenvolvido a necessidade da expansão da cultura e seleccionamento do milho, terminou por saudar ao Sr. Presidente do Estado e aos Drs. Raul Soares Soares, illustre secretario da Agricultura; Alvaro da Silveira, consultor tecnico da Agricultura, Dr. Benjamin Hunnicutt, director da Escola Agricola de Lavras, e a todos quantos com a sua honrosa cooperação e presença concorreram para o brilho daquelle festa.

Em seguida, falou o Dr. Raul Soares, em nome do governo de Minas. S. Ex. foi muito feliz na sua primorosa oração, que se revestiu de real importancia pelos conceitos que emittiu com grande elevação. A sua oração impressionou vivamente o numeroso auditorio, que acolheu o eloquente orador com prolongada e merecedissima salva de palmas.

Seguiram-se-lhe com a palavra os Srs. Eduardo Cotrim, em nome da Sociedade Nacional de Agricultura, e Joaquim Osorio pela Federação das Associações Rurales do Rio Grande do Sul. Por ultimo falou, pela classe dos lavradores, o Sr. Coronel Antonio Mourão, representante do municipio de Diamantina, que terminou levantando um viva ao Sr. presidente do Estado, calorosamente correspondido.

Logo após foi encerrada a sessão, e o Sr. Dr. Delfim Moreira, acompanhado de seus auxiliares, representantes da imprensa e demais pessoas presentes, percorreu o amplo salão da exposição, examinando detidamente os productos dos diversos municipios mineiros e dos Estados do Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

No dia 20 a concurrencia foi muito grande.

A' noite, perante numerosa assistencia, realizou o Dr. Eduardo Cotrim uma conferencia, que deixou excellente impressão no selecto auditorio.

A' mesa, presidida pelo Sr. Presidente do Estado, sentaram-se os Srs. Drs. Raul Soares, secretario da Agricultura; Americo Lopes, secretario do Interior; Vieira Marques, chefe de Policia; Cornelio Vaz de Mello, prefeito da Capital; deputados Simões Lopes, Joaquim Osorio e Coronel Hannibal Porto, representantes da Sociedade Nacional de Agricultura, Drs. Fidelis Reis, presidente da Sociedade Mineira de Agricultura, João Augusto Pereira Junior, representante da revista *Chacaras e Quintaes*, Hegreville Hintz, representante do Estado do Paraná e os membros da commissão organizadora da Exposição, Drs. Benjamin Hunnicutt e Daniel de Carvalho.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO — BELLO HORIZONTE



Milho de produção paulista

Pelo Dr. Fidelis Reis foi aberta a sessão dando o mesmo em seguida a palavra ao deputado mineiro Dr. Julio Meirelles, para em nome da Sociedade Mineira de Agricultura fazer a apresentação do illustre conferencista.

Levantou-se o Dr. Eduardo Cotrim e solicitou do Sr. presidente do Estado que lhe dêsse a these sobre a qual deveria discorrer.

Acquiescendo ao pedido, S. Ex. o Dr. Delfim Moreira, indicou o thema: "A pecuaria em geral — Raças mais convenientes ao Estado de Minas sob ponto de vista da produção do leite e da carne".

Considerando a larguesa da materia que o thema proposto encerrava, o Dr. Cotrim pediu permissão para restringir o assumpto de seu discurso a um estudo da situação actual do problema pecuario.

Começou o nosso illustre director, fazendo considerações sobre o momento economico, accentuando a necessidade de uma orientação segura na escolha das raças, principalmente para a produção da carne.

Falou sobre a necessidade de se apparellhar o Brasil, afim de offerecer ao mercado estrangeiro o producto que elle ha de forçosamente reclamar uma vez que cessem as condições actuaes em que se encontram os paizes em guerra. Terminou o Dr. Eduardo Cotrim aconselhando aos lavradores mineiros a adopção do gado "Devon" que, se adaptando melhor ás condições do meio mineiro, fornecerá o typo de carne que exigirá o consumidor europeu, cujo mercado devemos conquistar desde agora definitivamente, não entrando para elle com producto inferior, que será amanhã recusado.

Em relação ao gado leiteiro preconizou o "Schwitz", que satisfaz as condições de produzir leite rico em manteiga e se presta tambem, com vantagens, para o corte.

O orador concluiu a sua conferencia que muito agradou, agradecendo ao Sr. Dr. Delfim Moreira bem assim á Sociedade Mineira de Agricultura o convite que lhe fôra feito para realiza-la.

Em seguida, pelo Sr. Presidente do Estado, foi encerrada a sessão.

No dia 21 realizou-se no Theatro Municipal a conferencia do Dr. Benjamin Hunicutt, director da "Escola Agricola de Lavras" sobre o Club Nacional do Milho, organizado no Brasil por iniciativa do director da revista paulista *Chacaras e Quintaes*.

O illustre conferencista fez largas e oportunas considerações sobre o problema das associações ruraes no Brasil e terminou com as seguintes palavras: "Aproveitamos a occasião para appellar para o Congresso do Estado, que ora se acha reunido na Capital, para o Governo deste grande Estado, afim de que não deixem passar o presente momento sem estudar bem o trabalho do Club Nacional do Milho, e agir de modo que melhor lhe pareça, afim de que este esforço seja immediatamente aproveitado. Os annos vão correndo, os lavradores estão accordando do seu somno secular e olham para o Governo pedindo encarecidamente que este desperte e tome a peite o problema de maior importancia no momento: — a instrucção dos nossos agricultores porque delles vem toda a nossa riqueza, não sómente em dinheiro, mas em homens, do presente e do futuro."

EXPOSIÇÃO NACIONAL
DE MILHO — BELLO HORIZONTE

A espiga de milho CAMPEA do interessante certamen e a taça de prata que a premiou. Esse premio foi instituido pela promotora da exposição, a nossa prezada collega CHACARAS E QUINTAES

E assim — concluiu o Dr. Benjamin Hunnicutt — transformando em ouro tantos productos abandonados, marcharemos triumphantes como povo trabalhador, audacioso e forte, que somos.

Seguiu-se-lhe com a palavra o nosso illustre collega Dr. Joaquim Luiz Osorio, que fluentemente dissertou sobre as Associações Rurales no Rio Grande do Sul.

A bella conferencia causou funda impressão no auditorio.

A sua apresentação foi feita em eloquente oração bordada de felizes imagens, pelo Dr. Daniel de Carvalho, official de gabinete do secretario da Agricultura.

No dia 22 ainda foi muito frequentada a exposição. Durante esse dia houve larga distribuição de sementes seleccionadas de milho e tambem do excellente "Livro do Milho" interessante publicação feita pelo Dr. Benjamin Hunnicutt.

A's 20 horas desse mesmo dia, procedeu-se, na presença do Sr. Dr. Delfim Moreira, honrado presidente do Estado e

altas autoridades, á leitura da acta do julgamento, incumbencia que coube ao Dr. Loreto Ribeiro de Abreu.

Finda a leitura falou o Dr. Daniel de Carvalho em nome da Comissão organizadora, pondo em destaque os serviços prestados pelos certamens da natureza do que se encerrara, e lembrando ao Governo a necessidade de promover annualmente concursos semelhantes.

Por fim usou da palavra o Sr. Dr. Delfim Moreira, que elogiou a acção dedicada do Dr. Benjamin Hunnicutt, tão benefica para os agricultores mineiros. Agradecendo o consurso prestado a exposição pelos delegados que a ella concorreram e felicitando os lavradores pelo exito daquella festa do trabalho, S. Ex. deu por encerrada a 2ª exposição de milho.

A Sociedade Nacional de Agricultura instituiu dois premios para os expositores que melhores productos apresentassem, comprehendendo um casal de porcos "Large Black" e um arado "Planet Jor".

E' a seguinte a lista dos premios conferidos pelo jury da Exposição:

CLASSE A:

1. casal de porcos Duroc-Kersy — José Moretzon;
2. Cultivador — Francisco da Silva;
3. 100\$ em dinheiro — Daniel Ribeiro de Andrade;
4. Arado Chattanooga — Pedro Machado de Azevedo;
5. Cultivador Planet Junior — Joaquim Ignacio Ribeiro;
6. Cultivador Chattanooga — José Augusto Ladeira;
7. Cultivador Planet Junior — Luiz A. de Oliveira;
8. Depulhador a mão — José Bernardes da Costa.

CLASSE B:

1. Arado Anery — Fazenda Modelo de Amparo;
2. Casal de porcos Berkshire — Alberto S. Minchins;
3. 5 caixas de formicida — E. Pyles & Irmão.
4. Arado Rud-Sockl — Arthur F. Hanteins;
5. Cultivador — Luiz Knessebe;
6. Baldes hygienicos — José Herly;
7. Arado Bantam — Felix da Sila Maia.

CLASSE C:

1. Cultivador "Deere" — Haras Paulistas;
2. Moimho de milho — Dr. Alfredo de S. Mamede;
3. Seccador de milho — José Moretzon;
4. Arado Wiard — Luiz Olyntho;
5. Debulhador — Dr. Creso Braga;
6. Tesquiador de animaes — Marcellino de Oliveira;
7. Rolo de arame "Page" — Francisco A. de Arruda Camara;
8. Semeador a mão — José Corrêa de Oliveira.

O Especifico de Mac DOUGALL deve ser empregado na lavagem de Chiqueiros, Baías, Cocheiras, Depositos, Formigueiros, Irrigação de curraes, etc. Vejam a pagina 1 Pede-se mencionar esta Revista.

CLASSE D:

1. Arado Oliver — Dr. Donato Andrade;
2. Moinho de milho — Dr. Vander Andrade;
3. 150\$ em dinheiro — Sancho Mendes de Vasconcellos;
4. Arado "Oliver" — Joaquim Mendes de Vasconcellos;
5. Debulador Pomy — Zacharias Silva;

Paraná, S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro deram alguns premios, para serem concedidos aos agricultores que apresentassem os melhores milhos cultivados nesses Estados. Os premiados foram os seguintes:

Paraná:

- 1.º premio — Bernardo Selfer Pilarsink.
- 2.º premio — Luiz Knesebeck & Filhos.
- 3.º premio — Stephan Besciat.

S. Paulo:

- 1.º premio — E. Pyles & Irmão.
- 2.º premio — Leopoldo P. Vieira.

Minas:

- 1.º premio — Eugenio Mendes Castanheira.
- 2.º premio — Franklin Eduardo Cerqueira.

A Leopoldina Railway remetteu tambem 3 premios para serem concedidos aos melhores milhos que apresentassem os agricultores da zona por ella percorrida. São os seguintes:

- 1.º premio — Antonio Augusto Braga.
- 2.º premio — Victor Manoel da Silva Dutra.
- 3.º premio — José Maria Ferreira Campos.

Além disso, recebeu tambem um premio, colono da fazenda "S. Miguel", Sr. Theotonio Calixto da Silva, dado pelo Dr. Donato Andrade.

O Centro de Experiencias Agricolas do Kalisyndicat offereceu um premio de 250\$, sendo um de 100\$, para o melhor lote com o emprego de adubos chimicos e o outro de 150\$, sem designação especial.

Foi collocado na classe "E" Especial, o lote apresentado pelo Dr. Donato Andrade e, nesse mesmo lote, encontrou-se a espiga que pelas suas qualidades e caracteres, foi declarada a campeã do Brasil; obteve a faixa de prata no valor de 500\$, offerecida pela revista "Chacaras e Quintaes", de São Paulo.

O Exmo. Sr. Dr. Eduardo Ferreira Cardoso, Secretario geral da S. B. para Animação da Agricultura com sede em Paris, offereceu uma medalha de prata e 100\$ em dinheiro como premio para ser dado ao joven que concorresse com o melhor milho á Exposição.

O joven premiado foi o Sr. Joaquim Mendes de Vasconcellos, residente em Capivary do Paraizo, sul do Estado de Minas,

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO — BELLO HORIZONTE



Aspecto parcial do interessante certamen

A Industria Brasileira de Tecidos e o inquerito do "Centro Industrial"

pelo Sr. Dr. J. A. Costa Pinto, Secretario Geral do Centro Industrial do Brasil

Ha quatro dias surprehendeu-me um honroso telegramma do illustre Sr. Dr. Miguel Calmon, benemerito primeiro Vice-Presidente da Conferencia Algodoeira. Nesse despacho, S. Ex., em nome da mesa desse brilhante Congresso Agricola, pedia-me, com expressões de extrema generosidade, que realizasse uma conferencia sobre a industria de fiação e tecelagem no Brasil, pondo especialmente em contribuição os dados colhidos pelo recente inquerito promovido pelo Centro Industrial.

Não podia tergiversar. A distincção recebida obrigava-me a diminuta compensação da immediata obediencia.

Está, portanto, explicada a minha presença nesta tribuna.

Meus senhores: Para satisfazer aos intuitos do appello que me foi dirigido cumpre, em primeiro lugar, algo dizer-vos sobre o inquerito a que me referi.

Devo, para isso, fazer-vos, preliminarmente, a leitura do rapido relatorio, escripto sobre aquella *enquête*.

RELATORIO

O "Centro Industrial do Brasil", a pedido da Sociedade Nacional de Agricultura, promoveu entre as fabricas brasileiras de tecidos de algodão e de tecidos mixtos, o seguinte inquerito:

1.º — Quaes os numeros mais communs de fios com que trabalham as fabricas brasileiras de tecidos de algodão?

2.º — Em que condições recebem essas fabricas os fardos de algodão e quaes os defeitos que encontram nos enfardamentos?

3.º — Qual o melhor progresso de tirar dos fardos amontoados de algodão?"

RESULTADOS OBTIDOS

Acudiram ao appello do "Centro" 143 fabricas, sendo que 6 para declarar que nos seus tecidos de lã ou de seda não entrava fio de algodão.

Das 137 restantes, 4 declararam que produzem, a par de tecidos finos de lã ou seda, tecidos em que entra fio de algodão.

1.º QUESITO

NUMERO DOS FIOS

Actualmente, existem no Brasil nunca menos de 49.648 teares e 1.464.218 fusos.

Relativamente a 130 empresas de tecidos de algodão, com 44.890 teares e 1.356.102 fusos, foi possivel, pelas respostas obtidas, registrar o numero do fio, respectivamente empregado.

Estão organizados, e foram annexados a este relatorio, grandes mappas nesse sentido.

A idéa de pedir a indicação do numero do fio vizou conhecer, tanto quanto possivel, por maneira indirecta, e no entanto rapida e praticavel, as qualidades de algodão convenientes á fabricação de tecidos no Brasil.

Os numeros altos de fios só se podem fabricar com algodão de boas qualidades, de longas fibras.

E' obvio que, as alludidas indicações, sem haver simultanea designação de qual a percentagem do uso de cada fio não satisfazem completamente. Seria, no entanto, excessivo, pedir mais, em respostas que deviam ser fornecidas com a maxima urgencia.

Não faz mal explicar aqui, bem que talvez seja ocioso, o que significam as numerações ingleza, franceza e belga relativas á fiação.

NUMERAÇÃO INGLEZA

O numero indica a quantidade de meadas de 840 jardas (768 metros) que é necessario para obter um peso equivalente a uma libra ingleza de 454 grammas.

NUMERAÇÃO FRANCEZA

O numero revela a quantidade de meadas de 1.000 metros, que é sufficiente para pesar 500 grammas.

NUMERAÇÃO BELGA

O numero demonstra a quantidade de meadas de 840 jardas (768 metros) que é necessaria para alcançar o peso de 500 grammas.

Exemplificando: O numero 15, francez, corresponde ao numero inglez 17 e 70 centesimos; o numero 15, inglez, equivale ao numero francez 12 e 703 millesimos.

As fabricas brasileiras de tecidos de algodão fiam de 2 a 100 (numeração ingleza).

Sabe-se que, do n. 30 em diante, são necessarios algodões de boa qualidade e que os numeros mais altos, como 60, 80 e 100, exigem fibras longas especiaes.

A prodiga natureza do Brasil nol-as offerece, sem que seja preciso ir buscar-as ao estrangeiro.

Não deve causar reparo que algumas fabricas brasileiras produzem fios grossos, porque, naturalmente, a nossa produção fabril ha de adaptar-se quanto á qualidade do artigo, ás variadas exigencias de nosso extenso mercado interno, que abrange tanto cidades grandemente civilizadas como vastos sertões incultos.

Convém, tambem, notar que uma grande parte desses fios baixos é destinada ao fabrico de tecidos proprios para acondicionamento de mercadorias de produção nacional.

2.º QUESITO

ENFARDAMENTO

Responderam ao quesito que se refere ao enfardamento 108 fabricas.

Setenta e quatro, tratando dos fardos ou saccos não prensados, declararam que os recebem em más condições, apresentando pesos irregulares, sujos de assucar (sic), mal

VENDEM-SE

reproductores de todas as edades da raça CARACÚ
Trata-se com o Snr. Roberto Dias Ferreira
Rua Primeiro de Março, 15-Sobrado

amarrados, contendo grande quantidade de impurezas e com envoltórios insuficientes ou dilacerados.

Cerca de 35 fabricas affirmaram que receberam fardos prensados em boas condições.

Como muitas fabricas recebem algodão não prensado, e também, ao mesmo tempo, algodão prensado, diversas figuram no primeiro e no segundo grupo.

Algumas fabricas, poucas aliás, dizem que os fardos muito prensados expõem as fibras a perdas, por dilaceração, quando essas vão ás machinas de abrir. E uma importante fabrica consigna que, na sua opinião, os fardos devem vir sempre encapados, bem amarrados, sem serem prensados.

Da leitura demorada e cuidadosa de todas as respostas enviadas ao Centro sobre enfardamentos, ha muito que esperar, pois que ella constituirá fonte de preciosas informações para solução dessa palpitante questão, que está provocando medidas importantes por parte das companhias de navegação subvencionadas pelo nosso Governo.

Esta breve exposição não comporta o resumo de todas as valiosas opiniões expendidas sobre o assumpto de que se trata. Aliás, aos estudiosos e interessados mais valerá, perlustrando os proprios boletins enviados ao Centro, sentir directamente a impressão desses depoimentos.

No emtanto, não ha mal no respigar alguns factos, idéas e informações que parecem merecer, ainda, immediato destaque.

Muitos fabricantes queixam-se de que, mesmo nos fardos prensados, ha impurezas demasiadas, e alguns notam que nesses fardos, frequentemente se encontram, no mesmo envoltorio, fibras de tamanhos sensivelmente differentes. Um destes refere que no mesmo fardo encontrou fibras, umas de 25 milímetros, outras de 35 e até de 40.

— Fabricas da Bahia, manifestam-se satisfeitas com os fardos que recebem, pouco prensados, em prensas de rosca e vindos do interior desse Estado. Queixam-se, entretanto, do algodão que recebem do Maranhão, em saccoes não prensados.

— Em Pernambuco, informa certa fabrica, estabeleceu-se a tara de um kilo para as saccoes amarradas por meio de arame, e de 1.600 grammas para as saccoes amarradas com cordas.

— Certas fabricas affirmam que os fardos lhes chegam com faltas até 5 %.

— Outras fabricas informam que, no processo mecanico de limpeza do algodão, registam-se, em geral, quebras que vão até 16 %.

— Ha exemplos de fabricas que tecem e fornecem aos lavradores ou descarçadores as saccoes em que adquirem o algodão necessario á sua actividade manufactureira.

— Algumas fabricas, na maior parte situadas em Minas, declaram que não recebem fardos, porque compram em capullo algodão produzido em zonas circumvizinhas.

Longe chegar-se-hia se houvesse, o que não succede, a intenção de estender esse rapido registo de algumas informações.

Caberia, portanto, terminar esta parte do presente relatório.

Todavia, como poder-se-á perguntar qual seja, sobre o 2º quesito, a impressão do "Centro Industrial", a sua Directoria declara que está de perfeito accôrdo com a opinião, a respeito, firmada, por um dos seus membros, o Sr. J. M. da Cunha Vasco.

Assim acontecendo, seja licito, aqui, transcrever essa opinião.

"Os fardos prensados são recebidos geralmente em condição, que é nestes mais cuidada e mais forte, permitindo por isso, reunir, em menos espaço, maior peso, e apresentando mais

regularidade na superposição das camadas do algodão e na disposição da fibra.

As saccoes, designação pernambucana dos fardos de 80 e 90 kilos, na sua maioria, chegam ao Rio em más condições; bastante melhor, entretanto, do que antes da fundação, em Julho de 1902, do "Centro de Fiação e Tecelagem de Algodão", organizado expressamente para este effeito e para diminuir abusos, que estavam prejudicando as fabricas. Alguma coisa se conseguiu, mas estamos ainda muito longe do que esperavam os fundadores do "Centro". A noção nitida dos proprios interesses, teria feito com que productores e intermediarios, aproveitassem melhor os 14 annos decorridos.

Apezar da insistencia com que tem tratado o assumpto, o "Centro Industrial", continuador do "Centro de Fiação e Tecelagem de Algodão", a dura verdade é que a insignificancia dos resultados obtidos, neste largo tempo, nada tem de lições para o descortino dos Poderes Publicos e para a industria e actividade nacionaes.

Os fardos prensados, das "Prensas" de Boxwell & C., de Pernambuco, de Kroncke & C., da Parahyba, e de outras mais do Ceará, — Boris Frères, Salgado, Rogers & C., e G. Gradvol & Fils, — e do Natal, Boris Frères, pôde-se dizer com justiça, especialmente os de Boxwell e Kroncke que são de um arranjo quasi perfeito, precisando, apenas, dispôr, com mais cuidado, as camadas de algodão e melhorar a disposição das fibras. Neste particular, a superioridade do acondicionamento americano é devida, sem duvida, ao concurso de machinismos, que ainda não possuem as "Prensas" nacionaes. Devemos accrescentar, que, nestes ultimos annos é visível o desejo de alguns agricultores e exportadores aperfeiçoarem a cultura, o preparo e o acondicionamento do algodão.

Convém também esclarecer, que os melhoramentos americanos, a que alludimos, são de data recente e foram conseguidos depois de grandes esforços e reclamações insistentes da parte dos compradores europeus. Isto não attenua as falhas e o descaso dos nossos agricultores e exportadores de algodão mas serve para affirmar aos criticos implacaveis de tudo que é nacional, a verdade meridiana de que não somos, como lhes parece e apregoam sem escrupulos, os unicos industriaes que precisam aperfeiçoar os seus methodos de trabalho.

Ainda não se obliterou de todo, na memoria dos interessados, a opinião, muito accentuada, de que o acondicionamento do algodão americano era o peor e o mais sujo (*sic*). Este assumpto é superiormente tratado, com informações copiosas e documentos de grande valia, pelos Srs. Professor F. J. Brooks e Harvie Jordan, em dous artigos magistraes publicados no Relatório do Nono Congresso Algodoeiro, realizado no anno de 1913, em Scheveningue.

Aqui termina o brilhante depoimento.

3º QUESITO

TIRAGEM DE AMOSTRAS NOS FARDOS

Ao 3º quesito, referente ao modo de retirar amostras dos fardos de algodão, responderam, apenas, 82 fabricas.

Cerca de 30 declararam usar, para essa collecta de amostras, uma especie de trado, a que applicam differentes nomes: harpão, setta, gancho, perfurante, verruma, flecha e outros.

Parece mesmo, que esses instrumentos não são sempre iguaes, e sim, apenas, semelhantes.

Dous depoimentos esclarecem o assumpto.

Cabe registal-os.

Diz uma fabrica pernambucana:

"Qual o melhor processo de tirar dos fardos, amostras de algodão?"

Abrindo-se com um trado que termina em lança muitíssimo afiada, a qual penetrando no algodão, e sendo girada dentro do mesmo, aggrega uma boa quantidade dessa matéria prima que, retirada, é sufficiente para o processo de inspecção."

Escreve uma fabrica paulista:

"Qual o melhor processo de tirar dos fardos, amostras de algodão?"

"Por meio de uma pua, munida de um estilete especial que, girando, faça nelle se envolverem as fibras de algodão. Retirando o estilete, elle trará, adherente por enrolamento, uma certa quantidade de algodão, bastante para avaliar-se a qualidade do mesmo, no tocante os requisitos essenciaes ou principaes: limpeza, resistencia e comprimento da fibra."

As restantes fabricas que, além das 30 acima alludidas, responderam ao 3º quesito, adoptam processos differentes.

Muitas opinam pela abertura do fardo, afim de ser colhida á mão a amostra desejada.

Algumas destas e outras acham que se deve ir sempre buscar a amostra do fardo, no centro do volume, e uma dellas, aconselhando essa medida, affirma ter encontrado fardos prensados com cabeças falsas de algodão de boa qualidade, havendo, porém, na parte central do volume algodão de qualidade muitíssimo inferior.

Ha declarações de que, chegando os fardos quasi sempre com envoltorios dilacerados, retiram-se facilmente, por essas roturas as amostras necessarias.

E' aconselhado, expressamente, por alguns fabricantes, costurar sempre, a abertura feita no fardo, para tirar a amostra.

E finalmente existem fabricas que asseguram que não tiram amostras dos fardos.

Uma dellas escreveu:

"Para ter uma idéa, mais ou menos, do algodão que nos é remettido, escolhemos, ao acaso, dez fardos, de cada cem recebidos, os abrimos e experimentamos nas machinas."

Que deverá o "Centro Industrial" dizer sobre o quesito em questão, resumindo, a respeito, o seu sentir?

Está claro que o seu proceder não pôde ser differente do que teve em relação ao 2º quesito.

A impressão do Centro é, justamente, a que se traduz pelas seguintes palavras de seu Director, J. M. da Cunha Vasco:

"O processo seguido entre nós (para tirar amostras de algodão) é abrir á faca, ao longo do fardo, o espaço necessario para introduzir a mão e tirar a amostra. Terminado o trabalho, cose-se a parte cortada, repondo-se depois a capa do fardo, que fica deste modo em condições de ser conduzido para a fabrica sem maior inconveniente. Um instrumento usado em Pernambuco pelos classificadores, para examinarem os fardos, denominados "saccas", não pôde ser utilizado para extrahir amostras dos fardos prensados. E' uma especie de trado, que poderemos expôr, se assim o entender a benemerita Sociedade Nacional de Agricultura. De um fardo prensado do Ceará ainda conseguimos com o grande esforço de dois trabalhadores possantes uma quantidade insignificante de algodão, mas de um fardo americano nada conseguimos; o trado vergou, mas o algodão não sahio."

Os dados estatísticos e informações que constituem o inquerito, cuja rapido relatorio acabo de ler-vos, não são inexpressivos. Elles, a meu ver, autorizam, entre outras, as seguintes conclusões:

1ª — O consumo de algodão pelas fabricas brasileiras de tecidos é, no minimo, de 58.568.720 kilos;

2ª — E' intenso o desenvolvimento da industria de tecidos no Brasil;

3ª — As nossas fabricas de tecidos realizam, presentemente, um cyclo industrial perfeito e produzem desde os pannos communs e médios até os mais finos e delicados;

4ª — O algodão de fibra relativamente curta encontra abundante procura interna para a fabricação de fios até numero 30 (numeração ingleza), com os quaes se podem tecer variados pannos, sendo que muitos de boa qualidade e de largo consumo no Brasil.

Não consigno, entre as conclusões possiveis de serem deduzidas do exame dos alludidos dados e informações, as referentes aos quesitos que tratam do enfardamento e da tiragem de amostras, porque nada mais vejo a accrescentar ao que, a respeito, está expresso no luminoso depoimento do Sr. J. M. da Cunha Vasco.

1ª conclusão

A affirmação de que no Brasil as fabricas de tecidos consomem 58.568.720 kilos de algodão em rama, basea-se em calculos feitos no primoroso livro "A Industria de Tecidos de Algodão", da autoria do referido illustre industrial e escriptor J. M. da Cunha Vasco. Escreveu S. Ex.:

"Admittindo a existencia de 1.000.000 de fusos, com o consumo annual de 40 kilos por fuso, conforme exemplificámos em 1907, podemos avaliar o consumo das nossas fabricas em 40.000.000 de kilos.

Esta avaliação não é a certeza absoluta, mas deve estar muito proxima da realidade.

A base que nos servio para avaliar em 40 kilos o nosso consumo annual, por fuso, foi o quadro de René Pupin, "Le Coton", pag. 44, de que extractamos apenas a parte relativa aos paizes em que é maior esse consumo:

	Kilogrs.
Dinamarca.	59,333
Italia.	50,595
Suecia.	47,311
Allemanha.	43,872
Austria.	43,593
Estados Unidos.	42,064

Para concluir que as fabricas brasileiras consomem actualmente 58.568.720 kilos de algodão em rama, nada mais fiz do que acceitar a abalisada opinião acima transcripta e modernizar o respectivo calculo, multiplicando os actuaes 1.464.218 fusos pelo consumo annual de 40 kilos por fuso.

2ª conclusão

A declaração de que se fez intenso, como aliás é notorio, o desenvolvimento da industria de tecidos no Brasil encontra apoio completo em algumas comparações suggestivas.

Em 1905 existiam no Brasil 110 fabricas de tecidos de algodão. Actualmente existem em nosso paiz 250 fabricas de tecidos de algodão.

Em 1905 as fabricas brasileiras de tecidos de algodão possuíam 734.928 fusos e 26.420 teares.

Hoje dispõem de 1.464.218 fusos e 49.648 teares.

As alludidas fabricas empregavam em 1905 — 39.159 operarios e empregam actualmente 72.943.

Ainda em 1905 o capital investido nas alludidas fabricas chegava a 193.708:127\$ e em 1915 elevou-se a 315.024:000\$.

Em 1905 o valor da produção das fabricas nacionaes de tecidos de algodão podia ser calculado em 121.043:500\$000.

Presentemente esse valor eleva-se a 239.135:000\$000.

Na primeira data, a nossa produção annual em metros era esta: 242.087.181 metros.

Agora, pelos dados que possuo, ainda sujeitos a rectificações, que poderão ser, talvez, para maior, a alludida produção em metros ultrapassa 400.385.000 metros.

Quando a força motriz, não foi possível, bem que o Centro Industrial já possuia todos os dados necessarios, realizar agora os calculos para a redução de toda a força motriz a cavallos, afim de poder ser feita a desejada comparação. Foi por demais curto o prazo de que dispuz para preparar esta conferencia.

Em 1905 a força motriz subia a 31.718 cavallos. Não havia fabricas movidas a electricidade.

Sobre a actual força motriz das fabricas brasileiras, só posso, neste momento, dar as seguintes informações:

ESTADOS	A vapor	A electricidade	Força hydr.	Gaz pobre	Força mixta
Alagoas.....	6 f. 5621.		2 f. 1611		1 f. 701.
Bahia.....	4— 2.460—		1 f. 600		2 f. 2335—
Ceará.....	1— 200—			1 f. 201	
D. Federal.....	1—	16— 6561.			1— 4131—
E. São.....	1—	1— 110—			
Maranhão.....	2— 867—				1— 400—
Minas.....	3— 87—	18— 1.698—	9— 600—	1— 4	1— 1.798—
R. G. do Norte.....	1— 412—				
R. G. do Sul.....	6— 980—	2— 270—			
Paraná.....	1—	1— 41—			
Pernambuco.....	3— 2.172—	2— 822—			2— 160—
Piauí.....	1— 156—				
Rio de Janeiro.....		7— 984—	3— 3.720—	2— 245—	5— 1.590—
S. Catharina.....		1— 3—	1— 5—		4— 165—
S. Paulo.....	2— 1471—	26— 7.361—	1— 150—		
Sergipe.....	5— 990—		1— 300—	2— 488—	9— 4.083—
Total.....	37— 9.433—	74— 18.048—	18— 5.632—	6— 802—	41— 15.145—

Em resumo, conheço no Brasil 37 fabricas com 9.433 teares movidos a vapor; 74 fabricas com 18.048 teares movidos a electricidade; 18 fabricas com 5.632 teares movidos a força hydraulica; 6 fabricas com 802 teares movidos a gaz pobre; 41 fabricas com 15.145 teares movidos a força mixta.

Está claro que, tambem sob esse aspecto, a situação corresponde aos progressos anteriores, convindo salientar o já enorme emprego da electricidade como força motriz nas fabricas brasileiras de tecidos. (Os dados relativos a 1905, usados em todas as comparações acima feitas, foram colhidos, excepto no que se refere ao valor da produção em réis, na estatística, levantada, naquele anno, pelo Sr. J. M. da Cunha Vasco. Os dados referentes a 1915, são do recente inquerito do "Centro Industrial").

O progresso da industria brasileira de tecidos faz-se, como vêdes, a passo fortemente acelerado.

Para melhor comprehensão da intensidade desse prodigioso desenvolvimento manufactureiro, saliento que no periodo de 1905 a 1915 o numero de fabricas augmentou, no Brasil, na razão de 136 %; o numero de fusos na de 99 2/10 %; o capital empregado na de 62 6/10 %; o valor da produção de 86 2/10 %; o numero de operarios na razão de 86 2/10 %; e, finalmente, o numero de metros fabricados na de 60 %.

A importancia destes augmentos mais se destaca se fôr lembrado que, quanto aos fusos, indicação principal na materia, o acrescimo, no estrangeiro, e no periodo de 1892 a 1902, segundo dados publicados pelos illustre Dr. Castro Menezes no seu trabalho "O algodão nos Estados Unidos", foi na Inglaterra na razão de 3 2/3 %; no continente europeu na de 28 2/3 %; nos Estados Unidos, Estados do Norte, 13 1/5 %, Estados do Sul, 228 1/5 %; na India Britannica, 52 4/5 %.

Só os Estados do Sul dos Estados Unidos da America do Norte ultrapassaram naquelle decennio a percentagem de 99 2/10 %, verificada no augmento de fusos, no Brasil, durante os ultimos dez annos.

Tão extraordinario desenvolvimento, que até agora visou apenas o mercado interno, já principia a ter maiores aspirações.

Talvez mais cedo do que geralmente se acredita, poderá a industria de tecidos de algodão atravessar constantemente os limites do nosso mercado interior em busca, de mercados externos, pelo menos nas Republicas vizinhas da America do Sul.

Não ha muitos dias, o illustre Dr. Pandiá Calogeras, digno Ministro da Fazenda, espirito sempre attentamente voltado para os interesses legitimos do nosso progresso economico, repetia, no correr de uma audiencia, que gentilmente concedera ao meu illustre amigo Dr. Jorge Street e a mim, suggestivas informações que recebera, na sua recente viagem á Argentina, sobre possibilidade de collocação vantajosa de tecidos brasileiros no mercado desse grande paiz.

Penso que não erro, declarando que essa idéa de levar productos de nossas fabricas de tecidos aos paizes proximos da America do Sul já começa a trabalhar fortemente no espirito de varios dos nossos industriaes.

Casos mesmo já existem de ensaios de exportação de tecidos para o Paraguay e Republicas do Prata.

Da preocupação a que ha pouco alludi, encontrei no inquerito do Centro Industrial um indicio interessante. O Sr. R. Crespi, director de uma importante fabrica paulista, indicou no seu depoimento, entre as medidas que na sua opinião concorreriam para o desenvolvimento da lavoura e da industria algodoeira, a seguinte: estabelecer premios de exportação sobre os manufactos de algodão, no intuito de pôr a industria brasileira em condição de fornecer seus productos a toda a America do Sul, em competencia com os mercados europeus.

Um outro illustre industrial, não ha muitos dias, fazia-me considerações sobre a isenção dos respectivos impostos de consumo, no caso de exportação internacional de tecidos, e ponderava que era opportuno estudar a importancia dessa isenção como incentivo para a referida exportação. (Let. a, do § 22 do art. 4º, do Dec. 11.951, de 1916).

Só applausos merecem esses symptomas promissores de um maior futuro para a industria brasileira de fiação e tecelagem.

Senhores!

O vertiginoso progresso dessa industria só tem trazido beneficios ao Brasil.

Sob o ponto de vista economico e social, elle tem sido bemfazejo para o consumidor nacional, e sob o ponto de vista financeiro não tem embaraçado o Thesouro Federal, pelo contrario leva-lhe annualmente avultados recursos pecuniarios.

Não me refiro, aliás, ás extraordinarias vantagens economicas que a industria brasileira está offerecendo ao nosso paiz neste momento excepcional em que a grande guerra perturbou, profundamente, e quasi supprimio a produção manufactureira em grande parte do continente europeu.

Ninguém ousará desconhecer os serviços que ao Brasil estão prestando as nossas industrias, entre as quaes se destaca a de fiação e tecelagem do algodão.

A benemerencia a que alludi estende-se ao passado e revela feição definitiva, respondendo galhardamente a todas as accusações.

Não é exacta a affirmação dos adversarios da industria nacional, quando dizem que os fabricantes brasileiros conseguem vender os seus artigos, não por preços normaes approximados do custo de produção, e sim por preços muito mais

elevados, que atingem, segundo apregoam, os preços por que se vendem, em nosso meio commercial, os artigos similares importados.

E por que não conseguem os productores nacionaes igualar os seus preços aos de mercadorias similares estrangeiras, em nosso mercado?

Não ha outra razão senão esta: a concorrência interna, que realmente existe, cresce, augmenta como elemento compensador do nosso regimen fiscal. Essa concorrência interna é intensa relativamente aos tecidos de algodão. Nesse caso elia faz-se mais forte do que em qualquer outro, determinando não somente preços inferiores referentes a similar estrangeiro, mas também uma evidente tendencia para a baixa, nos respectivos preços nacionaes, o que manifestamente só pôde ter como causa a alludida concorrência interior.

Para comprovação do meu asserto, seja-me licito alludir a dous quadros que em 1914 me foram fornecidos, antes da declaração da guerra, pelas importantes companhias nacionaes Progresso Industrial e Carioca.

Referem-se esses quadros a preços correntes:

COMPANHIA PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

QUANTAS	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913
A. 24	\$180	\$420	\$180	\$180	\$180	\$160	\$150
B. 24					\$405	\$405	\$395
B. B. B.						\$330	\$250
D.	\$500	\$500	\$500	\$180	\$170	\$170	\$160
F. 72						\$570	\$520
H.	\$520	\$520	\$520	\$520	\$520	\$520	\$480
J.	\$180	\$175	\$170	\$140	\$150	\$150	\$150
T.		\$510	\$510	\$510	\$510	\$510	\$510
B.	\$125	\$115	\$100	\$100			
J. L.		\$630	\$100				
D. L.				\$500	\$570		
T. T.					\$510	\$510	\$500
A. 80						\$620	\$600

MORINS (Peças de 20 metros)

A. 5	78 00	78 00	78 40	78 40	78 30	78 30	78 30
B. 28	68 70	68 70	68 60	68 70	68 60	68 60	68 50
C. 28	58 60	58 60	58 30	58 40	58 40	58 40	58 40
F. L.	108 120	108 120	98 180	98 120	98 420	98 400	98 380
F. 50	98 600	98 300	108 100	108 070	108 070	108 070	108 050
F. 60	108 260	108 260	98 880	98 880	98 880	98 880	98 850
F. 80	108 180	108 180	108 070	98 750	98 750	98 750	98 700
F. B.	108 180	108 360	108 260	108 260	98 330	98 330	98 330
M. 27 1/2	78 510	78 520	78 500	78 400	78 150	78 120	78 000
R. A.						78 550	78 500
S.						58 50	58 480
A. 24	68 180	68 180	68 150	68 150	68 150	68 170	
B. 8	68 160	68 160	68 160				
A. L.	78 620	78 600					
A. 19	78 500	78 500	78 500	78 450	78 450	78 450	

Rio de Janeiro, Maio de 1914.

COMPANHIA «CARIOCA»

TECIDOS «CARI»	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913
Typo 1 — metro	190	185	180	205	215	200	170
Typo 2 — metro	220	215	200	240	240	225	220
Typo 3 — metro	330	320	300	320	320	310	290
Tecidos de côr							
Typo 1 — metro	320	340	330	390	380	360	350
Typo 2 — metro	260	260	260	280	300	270	250
Typo 3 — metro	570	480	480	480	520	510	500
Morins							
Typo 1 — metro	350	355	340	370	360	355	340

Em 1910 e 1911 houve sensível alta do algodão em rama.
Rio de Janeiro, Maio de 1914.

Continuo.

Compulsando-se o catalogo de 1913 de um dos nossos maiores armazens de fazendas, o Parc Royal, vê-se que os

tipos de morins estrangeiros alli consignados, como francezes e inglezes, são de 13\$500 a 17\$ por peça de 20 metros, ao passo que os morins da Companhia Progresso Industrial do Brasil, foram, como mostrei, vendidos em 1913, em grosso, por preços que vão de 5\$400 a 10\$360 por peças de 20 metros, e os morins da Companhia Carioca por \$340 o metro ou 6\$800 por 20 metros. Isto significa claramente que desses morins nacionaes alguns, os de preços mais altos, de excellente qualidade, podem ser vendidos a varejo (admittindo ali um lucro de 20 %), por preços, respectivamente de réis 6\$480, 12\$432 e 8\$160 por peça de 20 metros, preços estes sensivelmente inferiores áquelles que o referido catalogo attribue a morins inglezes e francezes.

A anormalidade do mercado actual, por effeito da conflagração européa, torna inoportuno extender as considerações acima feitas a 1914 e 1915.

Não houvesse concorrência interna e naturalmente os industriaes brasileiros de tecidos, levados pelo natural impulso de seus interesses, igualariam, no citado anno de 1913, os preços de seus artigos aos preços dos congeneres tecidos estrangeiros.

Sei, que, ás vezes, mercadorias nacionaes se vendem a retalho com lucros maiores do que eu ha pouco calculava e que, não raro, se retalham artigos nacionaes se os dizendo estrangeiros. Factos dessa natureza, que acredito sejam lamentaveis excepções, não podem todavia ser levados á conta da industria nacional, cujos preços obedecem a regras perfeitamente confessaveis e normaes.

Affirmo, portanto, sem temer contestação fundada, que os tecidos nacionaes estão sujeitos á concorrência interna, real e effectiva.

Estes não só se cotam por preços inferiores aos identicos artigos importados, como também baixam de modo absoluto.

No emtanto, não têm baixado os tecidos de algodão importados.

Os seguintes dados, extrahidos directamente, da "Estatística do Ministerio da Fazenda", demonstram a nossa affirmativa:

Artigos manufacturados de algodão	Valor por kilo em réis ouro, segundo a Estatística do Ministerio da Fazenda						
	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913
Tecidos Brancos	18862	18867	18771	18955	28022	18927	18913
Idem crás	18314	18468	18926	18360	18433	18387	18367
Idem estampados	28198	28275	28135	28375	28425	28386	28236
Idem finos	28134	28165	28155	28742	28509	28456	28386
Idem não especificados	28230	28218	28111	28143	28321	28317	28193

Comparados os valores da columna de 1907 com os da columna de 1912 e 1913 resalta a elevação, em globo, dos preços ouro dos tecidos de algodão importados. Entretanto, no Brasil, os artigos analogos nacionaes, ao envez de seguirem essa alta, que é o reflexo da ascensão mundial dos preços, essa alta, até certo ponto, com essa regra e baixam de modo apreciavel! E não ha concorrência interna?! Certamente que sim.

A tendencia dos preços ouro a bordo, quanto aos tecidos de algodão importados, é, em globo, como observei, no sentido da alta. Contudo, casos ha em que a concorrência interna, reflectindo sobre a importação, corta cerce no preço commercial em papel das mercadorias importadas, preço que se fórça, ma, não somente das parcelas ouro e direitos effectivos, não susceptíveis de redução facil ao choque da alludida con-

concorrência, porém, que se integraliza com o accrescimento das quotas de lucros, muitas vezes elevados, do importador.

Aponto um exemplo sensacional.

Os brins estampados americanos eram vendidos no nosso mercado por 1\$400 o metro. Aconteceu, porém, que ha 2 ou 3 annos importante companhia desta Capital, a "America Fabril", começou a produzir esses brins com a mais absoluta perfeição, e logo taes brins, nacionaes ou estrangeiros, baixaram, sem distincção, a 600 réis o metro.

Convém, entretanto, consignar que, relativamente, apesar de igual preço, o brim nacional ficou ainda o mais barato, visto como é de melhor qualidade a materia prima empregada no seu fabrico. A industria nacional serve-se, no caso, de algodão de primeira qualidade, ao passo que é facil verificar que o similar norte-americano faz-se com algodão inferior, attendendo o industrial *yankee* a que, exteriormente, essa inferioridade desaparece devido a seus processos de coloração ou tinturaria.

Eis ahí um exemplo conhecido e notorio entre nós de haver a concorrência interna produzido um duplo effeito benefico: fazer baixar, não só o producto nacional como o similar importado!

Não perturbem a nossa grande industria de tecidos, com modificações inesperadas nas condições de sua actividade, e exemplos, como este repetir-se-ão frequentemente, em beneficio do consumidor brasileiro.

Não procede tambem o reparo de que a vida financeira da União soffreu com o desenvolvimento da industria de tecidos.

O quadro que adiante apresento, organizado de accôrdo com os dados officiaes da Estatistica do Ministerio da Fazenda, demonstra, quanto aos tecidos que essa importação, não obstante o grande impulso da industria similar nacional, não havia diminuido até antes da declaração da guerra europeia. Permanecera portanto neste caso na importação de tecidos, até 1913, a mesma capacidade contributiva para os respectivos tributos alfandegarios.

Eis o alludido quadro:

IMPORTAÇÃO DE TECIDOS DE ALGODÃO

(VALOR)

Annos	Papel	Ouro
1902.	56.294:960\$000	24.730:566\$000
1903.	65.542:380\$000	28.980:036\$000
1904.	65.918:181\$000	29.619:900\$000
1905.	52.762:813\$000	30.657:122\$000
1906.	53.949:561\$000	31.834:139\$000
1907.	67.499:817\$000	37.703:798\$000
1908.	44.159:594\$000	24.558:665\$000
1909.	41.145:715\$000	22.914:187\$000
1910.	66.212:326\$000	39.589:668\$000
1911.	76.707:949\$000	45.371:653\$000
1912.	64.961:217\$000	38.495:539\$000
1913.	58.710:320\$000	35.229:000\$000
1914.	23.724:762\$000	13.421:975\$000
1915.	25.195:725\$000	11.558:013\$000

E' verdade, dir-se-á, que a importação de tecidos de algodão não diminuiu até 1913, porém, poderia ter augmentado muito mais do que aconteceu. Respondo que existe como com-

pensação o producto do imposto de consumo sobre tecidos de algodão, producto que já ultrapassa a bella somma de réis 10.000:000\$000.

Lembro, como outro elemento compensador, o real accrescimento da capacidade acquisitiva nacional, motivado pelos ganhos, salarios, e lucros obtidos na actividade fabril de que se trata, augmento esse que bem se pôde traduzir em uma maior importação e portanto no maior rendimento fiscal por parte dessa fonte tributaria.

3ª conclusão

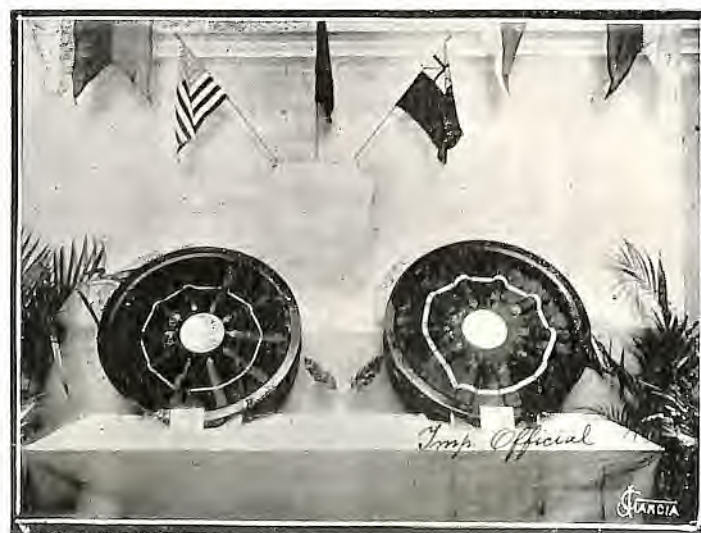
As nossas fabricas, affirmei, realizam presentemente um cyclo industrial perfeito.

Para comprovar essa asserção basta reproduzir o que, em 26 de Outubro de 1915, a Directoria do Centro Industrial do Brasil escreveu numa representação dirigida ao Sr. Presidente da Republica:

"Hoje, a nossa industria de pannos de algodão emprega nunca menos de 45 milhões de kilos de algodão, colhidos na terra brasileira, os quaes se houvessem sido exportados teriam valido em 1913, 41.410:000\$000. Essa materia prima, sob a acção intelligente e fecunda do trabalho fabril nacional, foi transformada em tecidos de varias especies e que, segundo seguros calculos baseados na arrecadação do imposto de consumo, tiveram, no citado anno, o valor minimo de réis 162.381:768\$000! E, notai, Exms. Srs., que, salvo as anilinas consumidas annualmente, na importancia de dous mil contos de réis, pagando de imposto aduaneiro quantia approximadamente igual, nenhuma outra materia prima estrangeira apreciavel entra, hoje, no fabrico dos nossos pannos de algodão. Longe vai o tempo em que se importava, em grande escala, fio de algodão para a tecelagem. Actualmente as nossas numerosas fabricas de tecidos realizam, nas suas vastas e modernas officinas, um cyclo industrial perfeito, desde a fiação até a estamparia.

A "Estatistica Commercial do Ministerio da Fazenda" diz-nos que em 1913, foi importado fio para tecelagem no valor, apenas, de 3.401:886\$, e que, em 1914, essa importação se reduziu a 1.810:378\$, fio esse exclusivamente, destinado, como é notorio, a algumas pequenas fabricas de tecidos.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO BELLO HORIZONTE



Productos do Estado do Rio Grande do Sul

dos de malha e de rendas. Tão limitadas importações fazem prova que, presentemente, a fiação de algodão, entre nós, se tornou brilhante realidade.

A industria de tecidos de algodão é, portanto, uma actividade manufactureira genuinamente nacional, tão nacional como a do assucar. E' ella motivo de justo orgulho patrio."

A cifra do consumo de algodão pelas fabricas brasileiras consignadas no primeiro topico acima transcripto e outras, estão, em consequencia do mencionado inquerito, rectificadas sempre para mais.

As nossas fabricas, declarei, produzem desde os pannos communs até os mais finos e delicados.

De facto, muitas de nossas fabricas chegaram a um extraordinario grão de aperfeiçoamento, offerecendo hoje tecidos que não receiam confronto, com o que, no genero, nos enviava de melhor a grande mestra mundial da fiação e da tecelagem — a manufactureira Inglaterra.

Um rapido golpe de vista sobre o grande mappa organizado pelo Centro Industrial, quadro no qual estão indicados os numeros de fios, agora usados pelas nossas fabricas, revela que estas fiam numeros com os quaes se tecem os mais finos e delicados pannos: casas, levantines, voiles, louizines e outras fantazias de lindo aspecto e difficil e esmerada confecção.

A exposição de tecidos que, certamente, será realizada quando se effectuar a segunda Conferencia Algodoeira, dará a prova publica e em conjunto do que já é, entre os entendidos, a verdade sabida e notoria. Teares brasileiros tecem pannos communs, pannos médios e pannos finos.

Ha poucos dias, tive a satisfação de lêr um depoimento escripto, altamente significativo, pela competencia profissional de seu autor e que confirma a opinião aqui expendida. O Sr. Vizeu, importante commerciante de fazendas nesta praça, escreveu em um parecer que elaborou, como membro da quinta commissão da Conferencia Algodoeira, as seguintes palavras:

"Como negociante intermediario das fabricas, posso, com segurança, affirmar que a nossa industria textil vem tendo um progresso assombroso e que, dentre as nossas fabricas, existem felizmente muitas que mais se preocupam com o aperfeiçoamento, com o bom acabamento, do que com o augmento da produção, trazendo-nos diariamente ao mercado typos novos, aperfeiçoados, em condições de poderem concorrer com os estrangeiros."

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO BELLO HORIZONTE



Edificio onde funcionou a Exposição

4ª e ultima conclusão

Adiantei, como resultado do exame feito no mappa indicativo dos numeros de fios usados na tecelagem brasileira, que o algodão de f.bra relativamente curta encontra abundante procura interna para a fabricação de fios até numero 30 (numeração ingleza) com os quaes se podem tecer variados pannos, sendo que muitos de boa qualidade e de largo consumo no Brasil.

Aliás, este facto não se verifica sómente em nosso paiz. Em toda a parte a maior quantidade de tecidos é feita com fios entre ns. 20 e 40. No Brasil, de accôrdo com o citado mappa, a situação é esta:

(Exclui as fabricas de malha)

Fabri- cas					Fusos
Até fio n.	6	1	com.		2.000
" " "	7	1	"		5.248
" " "	12	3	"		9.156
" " "	14	4	"		16.256
" " "	15	1	"		1.300
" " "	16	6	"		35.320
" " "	18	9	"		58.300
" " "	20	20	"		66.826
" " "	23	1	"		5.100
" " "	24	20	"		178.130
" " "	25	1	"		10.000
" " "	28	6	"		108.110
" " "	30	4	"		75.442
" " "	32	6	"		88.488
" " "	33	2	"		25.632
" " "	35	1	"		12.600
" " "	36	3	"		93.864
" " "	40	13	"		237.536
" " "	46	2	"		27.000
" " "	70	2	"		101.000
" " "	80	1	"		60.000
" " "	100	1	"		85.286
					731.406
					1.302.594

Desses 1.302.594 fusos cerca de um milhão estão localizados no Districto Federal, Rio, Minas e S. Paulo.

Como se vê, 571.188 fusos só fiam até 30.

Dos restantes 731.406 cerca de metade, se não mais, fiam communmente até 30.

Assim acontecendo chega-se, *grosso modo*, ao seguinte resultado: cerca de 936.831 fusos brasileiros fiam até 30 e por conseguinte só precisam de algodões de fibras relativamente curtas, isto é, de fibras cujo comprimento médio, facilmente, se encontra agora, em algodões do Brasil, quer do Norte, quer de S. Paulo ou Minas.

E' incontestavel que o algodão de S. Paulo presta-se perfeitamente á fiação em numero 30 (numeração ingleza). Isto não constitue novidade. Uma publicação official "L'Etat de S. Paulo", "Renseignements utiles" editada em 1914, pelo

Commissario Geral de S. Paulo, em Bruxellas, diz á pag. 61. "O algodoeiro mais cultivado no Estado de S. Paulo é o algodoeiro herbaceo, de origem americana. O producto que delle se colhe é superior ao da India, bem que seja inferior ao algodão do norte do Brasil. A fibra do algodão paulista tem em média 38 mm. de comprimento, — 0,018 a 0,019 centesimos de millimetro de diametro e 7 a 9 grammas de resistencia: elle convém muito bem para os fios de ns. 40 a 50."

Diversas qualidades de algodão paulista em exposição neste edificio e que, a meu pedido, foram medidas por um profissional director de uma das nossas mais importantes fabricas de tecidos, indicam os seguintes comprimentos de fibras:

Bussel Big Ball 0,046.
Floresta, 0,044.
Big Ball 0,044.
Upland 0,037.
Upland — Pereira Ignacio, 0,036.

Assim, pois, mesmo para grande parte da zona sul do nosso paiz, o futuro da cultura do algodão é vasto.

O algodão de S. Paulo e Estados limitrophes encontrará facilmente, por notavel que seja o desenvolvimento da sua produção, consumo abundante, por parte das nossas fabricas de tecidos. Além disso, elle poderá ser exportado, como aliás já foi, para satisfazer iguaes necessidades da fiação estrangeira relativas á fiação pelo menos até numero 30 ou mesmo 40, necessidades que são importantes em toda a parte.

Mesmo dentro do proprio Estado de São Paulo, o algodão de fibra relativamente curta encontrará larga applicação. Para demonstrar esta affirmativa basta renovar, sómente quanto a este Estado, a argumentação que formulei ha pouco, referindo-me a todo o Brasil.

A situação de S. Paulo, sob o aspecto em questão, é a seguinte:

S. PAULO

(Exclui as fabricas de malha)

	Fábri-		cas			Fusos
Até fio n.	16	2	com.		12.600	
" " "	18	3	"		28.804	
" " "	20	1	"		1.776	
" " "	24	4	"		36.336	
" " "	30	1	"		35.542	115.058
" " "	36	1	"		45.000	
" " "	40	7	"		76.100	
" " "	46	2	"		27.000	
" " "	80	1	"		60.000	208.100
	24					323.158

Como se verifica, pelo menos 115.058 fusos paulistas só fiam até 30 (numeração ingleza). Dos restantes 208.100 fusos, metade, pelos menos, fia tambem até 30. Póde-se, portanto, concluir que, pelo menos, 219.108 fusos paulistas fiam até pouco mais, e desse modo só precisam de algodões que correspondem perfeitamente ás qualidades produzidas agora no Estado de S. Paulo.

Em condições semelhantes ás do algodão de S. Paulo, acha-se o algodão de Minas e o da Bahia. Deste ultimo, que é ainda pouco conhecido na praça do Rio de Janeiro, fiz tambem

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO BELLO HORIZONTE



Brilhante representção da Escola Agrícola de Lavras.

medir fibras retiradas da referida exposição, encontrando este resultado: algodão de Caetitê, 0,042; de Serrinha, 0,045; de Bomfim e Jacobina, 0,040.

Não vacillo, po's, em insistir: a cultura do algodão, quer no norte quer no centro, quer em largas zonas do sul do Brasil, tem rasgados horizontes, promissoras perspectivas.

Exms. Senhores: — Eis ahi, com algumas referencias e commentarios, o que, ao primeiro exame, me disseram, em conjunto, sinceros depoimentos de numerosas fabricas nacionais de tecidos de algodão.

Todas ellas comprehendem que estavam sendo chamadas a collaborar numa grande e séria propaganda economica nacional, cujo exito muito de perto lhes interessava, porque desenvolver e aperfeiçoar, entre nós, os methodos de cultura do algodoeiro, melhorar os processos de colheita, acondicionamento e transporte do producto dessa preciosa malvacea, é trabalhar, simultaneamente, pela nos a lavoura do algodão e pela grande industria brasileira de tecidos.

O BUASSÚ

Desde fins de 1914, venho eu estudando o côco desse nome, provido de material — bahiano — graças á obsequiosidade do Sr. Dr. Salomão Dantas, e suplementar, originário de Matto Grosso, que o Sr. Hoelme recolheu nas excursões da Comissão Rondon. Não figurava elle amiude então, como agora, em referencias de jornaes, nem cogitára o Congresso de facilitar-lhe o aproveitamento.

Porque o vejo assim, na attenção e no interesse publico, adiante aos leitores d'A Lavoura as primeiras investigações e ligeiras pesquisas chimicas, reservando, como de dever, extenso trabalho para os Archivos do Museu Nacional.

Tem o Buassú vasta synonymia popular: — *Aguacu*, *Ba-guaçu*, *Guaguaçu* — lhe chamam em Matto Grosso; *Uanaçu* ou *Oauassu'*, no Amazonas; *Buassu'* e *Babassu'* em Maranhão; corruptelas todas, portuguezas e hespanholas, de *Ua-uassu'*, fruto grande.

Entretanto, *uau* mais traduz haste, talo, talhe ou folha grande (1) que fruto. Certo, porém, é dos côcos nativos o maior, como de todas as palmeiras nossas a mais alta, a de mais dilatada e formosa frança e porte mais alentado e soberbo. Fica-lhe bem, por vistas differentes, e denominação indigena.

No Piauhý, é o fruto o *côco de macaco*; *côco de palmeira*, nos sertões bahianos e, ahi, mais proximo á Capital, *côco de rosario* — pelas enfiadas, muito do gosto das crianças, á venda com este feitio, as amendoas dispostas, alternadamente, em sentidos transverso e longitudinal, tocando-se.

MARTIUS conheceu, em 1823, exclusivamente o fruto (*Palmae Brasiliensis*); e só mais tarde, em sua *Historia Naturalis Palmarum*, vol. II, pag. 138, descreveu a palmeira, classificando-a de *Attalea speciosa*, o que confirmou no vol. III, pag. 298, em 1850 publicado.

Assevera BARBOSA RODRIGUES (*Palmae Matto Grossensis*, 1898, pag. 70), que nem elle, nem A. WALLACE, nem SPRUCE TRAIL e outros que percorreram o Amazonas lhe viram as flores.

Effectivamente, é succinta e omissa a diagnose de MARTIUS:

"O ATTALEA SPECIOSA. — *A. caudice altissimo; frondibus erectipatentibus; drupis ovato-oblongis conico-rostratis.*"

E accrescenta florescer nas provincias do Maranhão e Pará e que a chamam os naturaes de *Oauassu'*.

Ao botânico brasileiro foi dado encontrar esse precioso elemento de classificação, em terras de Matto Grosso, e, por elle integrar o *buassu'* no genero *Orbignia*, com a denominação de *Orbignia Martiana*, em homenagem ao sabio que o mencionou primeiro. Identificou, tambem, a *Orbignia Lydiae*, de DRUDE, ao professor de Dresde, remettida por GLAZIOU, que outro exemplar, felizmente, plantára em nosso Passeio Público.

Decennios ap's, o scientista patricio pasmou antes es-pique de oito metros no individuo descripto por acaule, tendo, além disso, patentes os caracteres outros da *Orbignia Martiana*. ARRUDA CAMARA (*Disc. sobre a utilid. dos jardins*, pag. 35), citou-a como *Côco Nayá* e PECKOLT (2) a *Palha*

branca por synonymo; denominações que em multiplos typos da familia recahem.

O *uanassu'* é uma das mais bellas, a mais excelsa e a mais graciosa das palmeiras" (BARB. ROD.). Seu porte attinge 15 e 20 metros, o caule 40 a 45 centimetros de diametro; 15 a 20 folhas formam a copa de 8 a 9 e meio metros, com foliolos de 1 metro e 1 metro e 20 por 38 millimetros, na media.

Distribue-se por extensas zonas, desde Matto Grosso ao Amazonas e Bolivia e pelo Maranhão, Piauhý, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco e Bahia.

Congrega-se em *uaussutaes*, que RONDON assignala em suas observações e conferencias e se estendem por leguas e leguas, com pequenas intercisões de terreno desnudo tendendo a desaparecer um dia pela fusão dos agrupamentos, em reciproco e progressivo avanço. Nelles se encontram da semente apenas abrolhada aos individuos annosos, em deperecimento.

Affirma BARBOSA RODRIGUES, e tem o facto consen-so de tradição bahiana, a duração centenaria. A frutificação começa aos 10 annos e se retarda aos 12 a 15, si pouco fertil o solo; entretanto, não é raro encontrarem-se exemplares aparentemente acaules e já de frutos carregados.

A inflorescencia, androgyna, se faz em espadice e, á fecundação, rebenta em longos cachos, de 2 metros e mais de comprimento, e de modo tal pesados que não bastam, ás vezes, dois homens para os levantar e menos os carregar.

Variam de 2 a 8 por anno, mas por periodos de 3 annos, descança ligeiramente a arvore e o numero se restringe: alguns espadices não vingam e só produzem e pouco as palmeiras melhor conservadas e dos terrenos mais frescos.

A maior pujança resalta quando de 10 a 12 metros de altura.

Esses cachos podem ser divididos em grandes, medios e pequenos. Os primeiros, com 500 a 600 côcos e mesmo 1.000, si bem raramente assim avultem; os medios com 300 a 400; os ultimos com menos de 200 e apresentam frutos maiores, supprindo-lhes o tamanho a exiguidade.

Cinco cachos, que me forneceram material de estudo, ostentavam respectivamente 580, 442, 361, 217 e 161, attestando aquelle mais exuberante a feracidade do valle do Itapicuru'.

O fruto ou côco é uma drupa oblonga, volumosa. O maior, das muitas centenas que observei, affectava o comprimento de 110 millimetros por 68 de diametro, pesando 145 grammas. Conta BARBOSA RODRIGUES os haver visto com dimensões quasi iguaes ás do côco da Bahia.

Diversas camadas defendem o embrião pequenissimo: o *epicarpo*, envolvero externo fibroso, de 3 a 5 millimetros, de grande resistencia, ou *cairo*; o *meso-carpo* polposo e farinaceo, branco-amarellado, com 2 a 4 millim., o *endocarpo* bruceo, branco-amarellado, de notavel dureza e finalmente *endos-perma* carnosos ou *amendoas*, brancos, infiltrados de oleo, com o embrião á parte inferior.

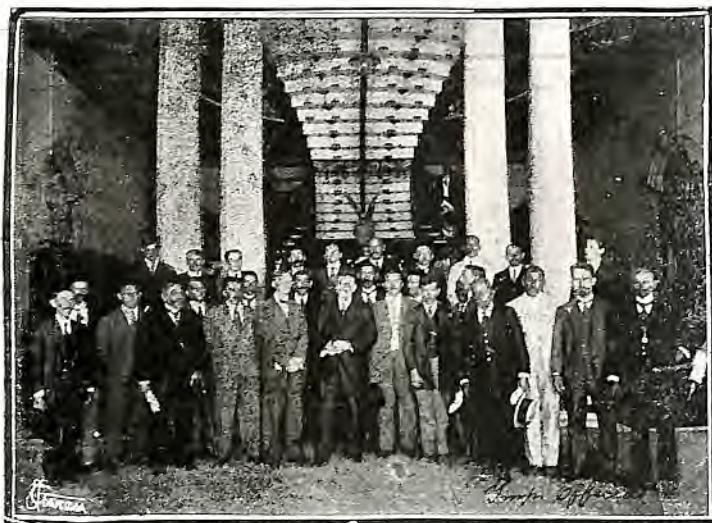
São estas normalmente em numero de 3, de superficie abahulada sobre duas outras planas em angulo diedro, que lhes dão feitio triangular mixto ao corte transverso; o todo levemente encurvado sobre a aresta viva. Raramente sobem a 4 e 6; mais commum é baixarem a 2 e ficam formas abor-divas na unidade. Então, desprovida de angulos, reveste a amendoa figura cylindro bi-oblonga, estirada, ou curta e globosa; e o endocarpo adquire forte espessura — até 15 millimetros e extrema dureza.

(1) Ruiz de Montoya — *Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo traductor da «Conquista Espiritual»*, pag. 548.

Em lupi ua e qua se substituem.

(2) Historia das plantas medicinas e uteis do Brasil, vol. II, pag. 142.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO BELLO HORIZONTE



Recepção dada pelo Exmo. Sr. Dr. Delphin. Moreira, Presidente do prospero Estado de Minas, aos expositores.

— Essa photographia foi apanhada no hall do Palacio.

E' de menos de 3 a percentagem das endospermas unicas de 12 a 18 % as duplas e rarissimas as abundantes, consoante minha observação. Creio se trate da *Orbignia Macrocarpa*. BAREOSA RODRIGUES, e não da Martiana, quando do Maranhão se referem a frutos de numerosas amendoas, 6 a 8, em corôa. As parecências são grandes, apenas assim tem aquella os côcos e de menor vulto.

Largo aproveitamento possibilita a palmeira toda: para esteios — o espique; — seccas as folhas, e estreitamente, fendidas — para tecer chapéos, bolsa e delicadas esteirinhas; dellas, o talo, rachado em fitas grosseiramente aperfeiçoadas — para cestos, condeças e peneiras, mistér a que bem se apropriam as fibras lenhosas da espatula protectora dos cachos; — do penduculo da inflorescencia, ao cortemana liquido assucarado que aos indigenas facilitava bebida fermentada, muito appetecida.

Como a arvore o fruto: elle, inteiro acha emprego industrial. Verde — fornece, ao fogo, abundantes fumaças com primazia na coagulação e dessecamento do leite de seringueira; ao amadurecer — assegura manteiga aos pobres. Secco, serve: — o cairo — para cordas de valor e procura, escovas, capachos, etc., identicamente ao similar do *Cocus nucifera*, apenas diminuido em preço pela restricta extensão da fibra, com 10 a 16 centimetros: é recurso alimentar — a camada farinacea é providencia aos flagellados pelas seccas; presta-se á factura de botões e arranjos outros — o endocarpo petreo e espesso. A importancia do "buassu" repousa, no entanto, por maior, na amendoa muito oleosa e comestivel.

Mas, nem só ella assim: quando immaturo, impregna o mesocarpo uma substancia gordurosa, concreta, amarella, de que é retirado oleo semelhante ao do dendê (*Elaeis guineensis*); della induzem o pão, á guiza de manteiga, pelo Amazonas. A maturação perfeita, a faz desapparecida e vestigios quasi não se topam mais no fruto secco.

Antes que em pouco mezes se tornasse, por toneladas, artigo de exportação para Inglaterra e America do Norte e entrasse tambem na industria do Rio, era, no interior, a amendoa do "buassú" motivo de pequeno commercio, para usos comestiveis, extracção de oleo com gastos culinarios e engorda de gallinaes e porcinos. Vendia-se aos "pratos", medida inda não desbancada pelos sertões e orçando, no caso, por 5 litros. As oscillações de preços, nas pequenas feiras, reflectiam os das gorduras animaes adubantes e alimenticias.

A colheita não é facil pela altura, mas tanto que secco desata o côco a tombar. E' o penduculo cortado á faca em longa haste atada, ou a machado, brandido por quem até ahi chegou com auxilio de caibro encostado ao caule.

Quebrar o côco resistente é officio de crianças e mulheres; e o fazem com presteza e segurança, pela percussão subita, entre pedras. O primeiro golpe liberta todo o cairo; o segundo — fende as lojas todas e se destacam as amendoas facilmente. Si incompleta a seccura, a elasticidade do epi e mesocarpo amortece a acção mecanica e falseia o effeito. Diz então o povo que *está de bagaço*; as endospermas só serão retiradas pela interferencia de instrumento perfurante.

E' esse ainda o methodo diffundido e mais seguro. Não que hajam faltado esforços para propiciar ao trabalho humano o auxilio das machinas: a inventiva logrou no Maranhão algum exito e as creou portateis e proficuas. Mas, a

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO BELLO HORIZONTE



Milho de variedade FLORIDA FRUIT.

PARA CACHORRO

Usem o Especifico-Insecticida Mac DOUGALL

Garante a cura da lepra, sarna, carrapatos, morrinha, bicheira, e demais molestias de cachorro.

PEDIDOS EM GROSSO-Á

ROBERTO ROCHFORT, Rua do Mercado, 49

CAIXA, 1911 - RIO DE JANEIRO

Pede-se mencionar esta Revista em suas consultas e pedidos

continuidade do uso, a pouco trecho as embota e inutiliza sem compensações ao dispendio aquisitorio.

As amendoas originarias dos sertões bahianos, accusam dimensões que orçam, em milímetros:

	Comprim.	Larg.	Espes- sura
Maximas ..	55,	21,	16,
Médias ..	37,2	17,7	12,6
Minimas ..	31,	15,	10,

Mais delgados se mostram as de Matto Grosso e enfesadas; não as levei em computo, para alguns dados, por distarem tres annos da producção.

Varia o peso de cada, desde 6 grammas; o medio podendo ser computado em 4 grammas. O peso dellas por côco attinge a 9 % do total, conteiradas grandes quantidades. Côcos, isoladamente tomados, offerecem a relação de 5 a 12 %; pesam estes na média 108 grammas e os maiores, 145, 138, 132.

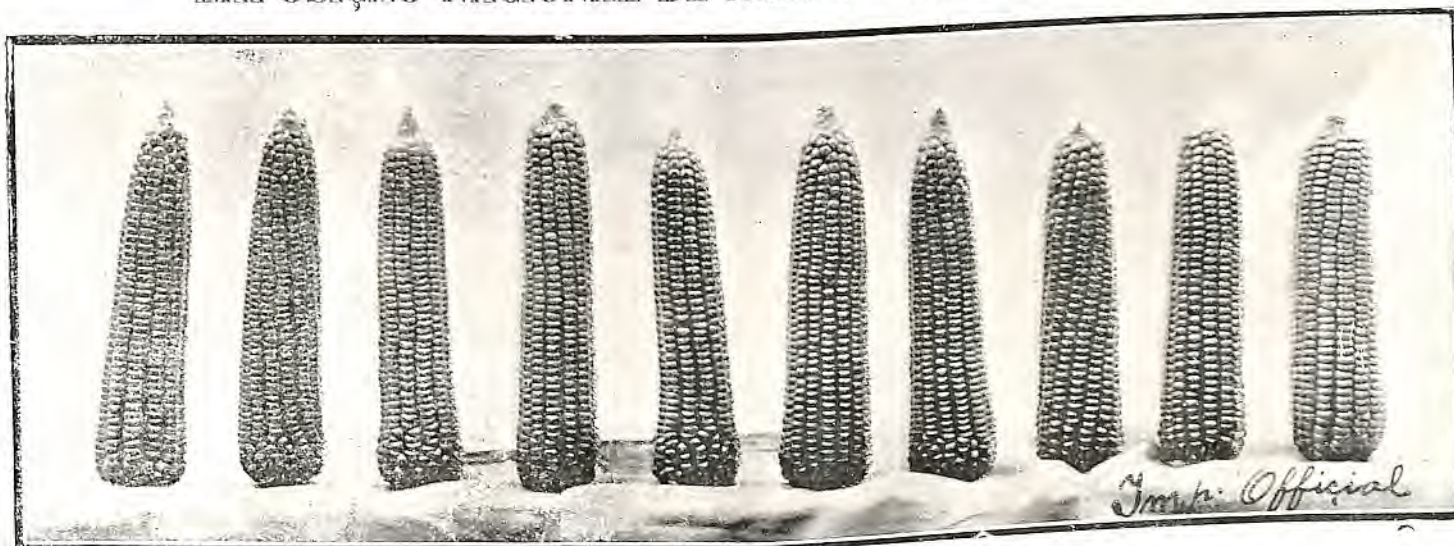
Determinações chímicas por mim procedidas, em amostra média, proveniente de multiplos frutos seccos, apanhados em quêda recente, facultaram os seguintes resultados:

ANALYSE DA AMENDOA

Agua ..	13,220
Subst. gordurosas (oleo) ..	66,750
Subst. proteicas ..	2,612
Amino-acidos (subst. azotadas não proteicas) ..	0,875
Saccharose e outros hydratos de carbono ..	13,263
Cellulose (fibras) ..	2,500
Saes mineraes fixos (cinzas) ..	0,780
	100,000

A consideração de que os melhores processos industriaes de extracção de oleo — por prensas hydraulicas com aqueci-

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO — BELLO HORIZONTE



Precioso grupo de espigas de milho, premiado

mento a 60° —, deixam ainda 7 a 8 % da substancia gordurosa, e de que a purificação acarreta pequena perda, —permite estimar em 600 grammas o oleo extrahido por kilogramma de amendoas.

O residuo será magnifica torta para engorda do gado, com cerca de 8 % de gorduras ao lado de albuminoides e hydratos de carbono, que avultarão pelo diminuir forçado e mecanico do corpo oleo e de pouca agua que o acompanhará; e como semelhante, no mais, á do "Cocus nucifera", não é dezarrazoado asseverar-lhe tambem a grande e facil digestibilidade.

Esses numeros permittem deduzir encerrarem 100 kilogrammas de "buassu" 9 de amendoas, fornecendo á industria 5.400 grammas de oleo e cerca de 4.500 de torta alimentar, de valia na Inglaterra para fins da pecuaria.

Tem o oleo todas aquellas applicações do de côco da Bahia ou "da praia", em sabonetes de luxo, duros e avelludados ao tacto, em perfumaria para os cabellos, em lubrificação de aparelhos esmerados e leves, culinaria e emfim todas as mais dos de inferior qualidade. E' fino, unctuosos e ligeiramente ambreado; concreta-se aos 20° e 22° e imperfeitamente; apresenta characteristics physico-chímicas que não cabem aqui exaradas, apenas a menção, porque util, da densidade

que é de 0,914. Um kilogramma corresponde pois em volume a 1.094 centímetros cubicos.

No sertão, o preparam por processo primitivo: chamuscam mais ou menos intensamente as amendoas assam-n-as até pilam e é o pó grosseiro posto n'agua a ferver, a cuja tona sobe, o oleo, a pouco e pouco, sendo gradualmente recolhido. Sobeja a completa evaporação da agua volumosa borra que não é desprezada.

Assim, flue amarello, a intensidade do matiz em relação com a do aquecimento; custa a concretar-se e se lhe desvanece não raro o cheiro proprio. Fora do meio local, é apoucado o valor; de um terço talvez do outro com que provê a industria progressista os crescentes consumidores.

Tal a palmeira, que por centenas de milhões brota espontanea e fecunda numa extensão vastissima do territorio nacional. Assim o côco, que a industria brasileira e, muito melhor e providencial, á actividade dos nossos patricios, abandonados no interior e norte em seu lutar perenne com a Natureza, — abrio um campo novo e lhes acena com a ventura do trabalho remunerador e inextinguivel.

ALFREDO A. DE ANDRADE.

Do Museu Nacional.

A CULTURA DO ARROZ NO RIO GRANDE DO SUL

Primeira parte. Antes e depois da Tarifa Proteccionista. Meio cultural Rio Grandense. Processos geralmente seguidos nos melhores estabelecimentos. Observações Experimentaes. Escolha do terreno. Organização do plano do arrozal. Lavoura. Gradação. Adubação. Sementes. Variedades. Semeadura.

O imposto prohibitivo despertou no Brasil as plantações, que já se faziam, aliás, em pequena escala, nas zonas favoráveis como Iguape e outras do norte do paiz.

O seu effeito util foi a queda da importação estrangeira, dentro de poucos annos, de 90.000 para 5 a 6.000 toneladas e, ultimamente, para quasi nada.

A lavoura mecanica moderna não podia viver antes da protecção aduaneira; vingava, entretanto, a rotineira, de que Iguape representava talvez o melhor typo.

Era a aventura de pequenos capitaes, correndo a sorte dos bons e dos máos annos, aproveitando faixas de terras especiaes, onde com pequena obra obtinham-se resultados relativamente compensadores. Não se preparavam nem se irrigavam terras; o grão era enterrado á ponta de chuço, ou pisando-se o terreno, quando amolecido pela humidade dos pantanos.

E assim mesmo colhia-se, alli em media, uns 2.000 litros, sejam 1.200 kilos por hectare.

Após a protecção aduaneira, de mais de 17\$ sobre sacco de 60 kilogrammas, ainda o genero estrangeiro, mesmo o mediocre, conseguiu mercado entre nós, sendo vendido entre 26 e 28\$. Dentro, pois, de nove a onze mil réis, encontravam remuneração o agricultor estrangeiro, os agentes de commercio dos dous paizes, o transporte, o seguro, etc.

Tal a perspectiva para o nosso trabalho economico, em face da secular lavoura estrangeira. Quanto precisaremos reformar para nos approximarmos desses formidaveis concurrentes: organização do trabalho rural, custo das machinas, fretes, taxas de juro do capital, etc. etc., constituem um conjunto que se não modifica facilmente, apenas com a tributação proteccionista.

Não obstante o clima menos tropical, foram os Estados do sul os que mais se inclinaram á cultura, após as tarifas de 1904 e 1906: Minas, Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul.

Este, ainda mais ao Sul, nem por isso deixou de tentar a cultura em larga escala. Posto que na littitude de 29° 17' e 33° 45', não devia desanimar, uma vez que a mesma posição astronomica tem a Luisiania, um dos principaes centros de arroz dos Estados Unidos.

Se o clima não o impedia, as condições topographicas lhe eram muito favoráveis e tão especiaes que caracterizaram, desde logo, um criterio differente, como veremos, na organização e exploração dos seus arrozaes.

Em 1901 importava o Estado 1.849 toneladas de arroz na importancia de 1.401 contos. Esta importação foi decrescendo e já em 1907, baixava ella a 1.361 toneladas, no valor de 291 contos.

Em 1909, era já o Rio Grande exportador de 3.100 toneladas; em 1910, de 2.975 toneladas, no valor de 753.831\$; em 1913, 17.217 toneladas, no valor de 4.955 contos.

Assim, dentro de seis a oito annos, pôde-se dizer, creou esse Estado uma nova industria agricola, que representa hoje em peso, o quinto logar e em valor o quarto, entre os seus productos exportaveis.

A area cultivada de arroz é actualmente de 4.910 hectares, que correspondem a 1,7 % da superficie total cultivada. O calculo da producção, segundo os ultimos dados officiaes, foi de 104.775.000 kilogrammas, no valor de 20.955 contos.

E' possivel que a presente safra, ainda não apurada, seja superior, isto é, acima de 2 milhões de saccas de 50 kilogrammas de arroz em casca.

Mais tarde veremos o numero das empresas e lavouras particulares, entre as quaes figura uma que semeia annualmente cerca de 2.000 saccas, fundada pelo operoso industrial Coronel Pedro Osorio, o mais importante estabelecimento no genero, do paiz e da America do Sul.

A differença capital no criterio de organização das lavouras do Sul está na irrigação. Lá ninguem se anima a cultivar 10 hectares que sejam, só contando com as aguas da chuva. Apenas o colono, na zona colonial, aventura diminutas parcelhas, juntas a brejos ou a mananciaes, para o consumo de sua casa.

O inverso disso dá-se no norte do paiz. Mesmo em São Paulo, até agora, a maior parte da producção provém da lavoura de sequeiro. Circumstancias favoráveis de clima, chuva, qualidade terra, regimen de meação, etc., os animam a cultivar o arroz sem o previo preparo da irrigação. Dahi as oscillações no volume das colheitas, as estimativas falsas, menos computadas pela superficie plantada que pela continuidade de chuvas no periodo cultural. Dessa divergencia fundamental, outras promanam. Terrenos absolutamente improprios para nós, são, no norte, aproveitados para arrozaes que, dispensando a irrigação, não exigem as fracas declividades, tão essenciaes á boa cultura.

SARNA -- CARRAPATOS -- GUSANOS -- ATAQUES DE MOSCAS -- BICHEIRA -- BERNE

MAMQUEIRA -- MORRINHA -- PIOLHOS -- LEPRO -- IRRITAÇÃO -- ETC. ETC.

Curam-se e evitam-se com o Especifico MacDougall

Para mais detalhes veja-se a pagina 1. Pedez-se mencionar esta Revista

O arroz dá em qualquer solo, no ponto de vista chimico, ainda que não sejam bem proporcionados os elfentos que constituem a terra aravel. O sub-solo representa, entretanto, papel importante pois d'elle depende em muito o custo da irrigação, e o bom exito de certos trabalhos agrarios. A excessiva permeabilidade é sempre um mal. Convém que predomine a argilla na camada que se segue á terra aravel. Melhores são as terras ricas em todos os elementos nobres; mas o excesso de azoto, augmenta o desenvolvimento vegetativo em detrimento do peso que se busca em grãos. Con-

sideramos já um bom tipo de terras as que tiverem 1 " (") de azoto e de acido phosphorico, 2 a 3 % o de potassa, 10 a 15 % de cal, conforme mais arenosas ou mais argilosas. Não é facil encontrar-se no Rio Grande, terras apropriadas com tal composição, aliás mediocre. As do Municipio de Pelotas, onde trabalhamos, são pobres como veremos, em todos os elementos necessarios, o que demonstra quão pouco exigente é o arroz não havendo outro cereal que neste ponto, a elle se compare. Onde se obtem 4.000 kilogrammas de arroz, por hectare, não se teria senão fraquissima produção de milho e menos ainda de feijão. A agua de irrigação muito concorre para a regeneração das terras conforme a riqueza do manancial que a fornece. Em uma parcella não adubada, tivemos durante 8 annos por hectare as produções de 65, 70, 56, 52, 83, 66, 90 e 95 saccas de cincoenta kilos, peorando sempre, é verdade a qualidade do artigo pelo gradativo augmento do arroz vermelho.

Não é, porém, esta a regra, geral no conjunto da lavoura, como veremos adiante tratando da produção. No geral a produção diminui depois de 4 ou 5 annos pela invasão daservas nocivas. Não é, porém, o momento de entrarmos neste assumpto.

Sirva o exemplo apenas para demonstrar a resistencia ao esgotamento de um terreno de inferior qualidade, devido á irrigação e aos cuidados culturaes.

A composição chimica dessa terra ao começarmos a cultura, era a seguinte:

Acido phosphorico	0,05 %
Potassa	0,03
Cal	0,03
Azoto	0,12

A simples inspecção verifica-se a pobreza deste terreno de puro campo, sempre applicado á criação de gado, que sabiamos, ha mais de cem annos e onde não ha vestigio de mata, senão nos caponetes e restingas marginaes dos rios e arroios que o dividem de outras propriedades. Mais tarde trataremos dos processos empregados para corrigil-o, até á produção de mais de 4 toneladas por hectare. Mesmo assim produziram ellas, sem adubos, nos dous primeiros annos, colheitas de cerca de 3.000 kilogrammas por hectare; após os correctivos atingiram á media geral de 4.100 kilogrammas havendo alguns hectares de 6.000 kilogrammas de produção de arroz, em casca.

Vejamos o quadro thermometrico, de grande valor no estudo da presente cultura, tomando apenas os mezes que nos interessam mais directamente, de Setembro a Abril. Daremos as medias de mais de 15 annos, as maximas e minimas absolutas, tão importantes no caso vertente.

Mezes	Médias	Max. abs.	Min. abs.
Setembro.	15°,5	29°,5	5°,5
Outubro.	17°,1	29°,6	6°
Novembro.	19°,7	28°,4	6°,7
Dezembro.	22°,4	32°,6	8°,6
Janeiro.	23°	33°,4	10°,9
Fevereiro.	23°,4	35°	13°,2
Março.	22°,2	30°	10°
Abril.	18°,9	30°	6°,10

Nota — As percentagens 1, 2 a 3, 10 a 15 são por mil e não por cem.

A experiencia indica que as baixas temperaturas (de 15° para baixo), logo após a sementeira apenas retardam a germinação, não occasionando sobre a planta, ainda pequena, maiores danos além do entorpecimento do seu crescimento, o que não deixa de ser um mal, principalmente nas zonas onde faz-se mistér plantar, colher e recolher a celeiro dentro de curto prazo para fugir aos frios e ás chuvas que se seguem. Sendo o mez de Setembro geralmente frio e chuvoso só se pôde bem semear de Outubro em diante, e é preciso não perder tempo para evitar que os frios de Março, sobretudo á noite, venham affectar a planta na delicada phase da florescencia.

É verdade que ha variedades mais precoces, que devem ser as preferidas pelos plantadores ao iniciarem as suas lavouras, pois a substituição de variedades no mesmo terreno deve ser evitada. Mas nem essas escapam ao perigo do frio. Pensamos que depois que a planta entra em franca evolução são prejudiciaes as temperaturas de menos de 20°, convido médias acima de 23° para o regular desenvolvimento e boa frutificação. As alternativas, ainda que rapidas, abaixo de 15°, na florescencia prejudicam a colheita, dando sementes incompletas, leves e muitas inteiramente chôchas. Já observamos, devido a isso, baixar o peso especifico do arroz "Carolina", de 620 grammas, o litro, para 520 grammas; só ahí estão perto de 20 % de prejuizo. Ora, pelo quadro que apresentamos, vê-se quão baixas são as minimas em algumas noites de Janeiro, Fevereiro e Março. Felizmente essas temperaturas são as do ar e não as da agua que banha o arroz, a qual conserva mais ou menos o calor accumulado, á custa da acção solar dos longos dias veranís. Mesmo assim, as friagens e leves geadas nocturnas no momento delicado da fecundação podem reduzir de 20 a 40 % as colheitas, como tem já acontecido. Nas lavouras do norte do paiz a falta d'agua é o maior inimigo. No Rio Grande esse inimigo é o frio, no momento da florescencia. Encontra o Norte remedio na irrigação. Para nós, a melhor solução está no plantio de sementes precoces, no geral, menos productivas.

A regularidade de chuvas representa importante papel nesta cultura como em todas as outras. Para a planta quando pequena, sobretudo, nada ha que por completo a substitua.

Pela organização pratica dos arrozaes não é possivel dar pela irrigação lençol d'agua de igual espessura a todos os pontos do polygono: a parte a jusante terá sempre maior peso d'agua. Essa differença, que parece nada, vai influir até o fim. Assim, é commum colher-se nessa parte mais baixa sementes mais pesadas; além disso ha desigualdade no prazo de maturação. Geralmente adiamos o esgotamento para a ceifa, por alguns dias, devido a esse motivo. Fica atrasada uma faixa do canteiro e isso devido á falta de uniformidade de irrigação antes do periodo da inundação geral.

Passando ás observações pluviometricas juntamos o quadro a ellas referente, representando medias de mais de 15 annos.

	m/m
Setembro.	129
Outubro.	91,4
Novembro.	91,1
Dezembro.	98,8
Janeiro.	80,6
Fevereiro.	109,0
Março.	103,0
Abril.	103,0
Maió.	84,8

Insistimos em salientar a conveniencia das lavras razas nos dois primeiros annos. Já no terceiro é mister aprofundal-as, trazendo á superficie nova porção de terra virgem. Algumas hervas aquáticas que se geram em virtude das inundações possuem raizes não pequenas, sobretudo as grammas de banhado. Nesse momento as lavras razas não produzem effeito; ellas cortam apenas as raizes que continuam na primavera a brotar e desenvolvem-se zombando da gradagem a mais completa. Não raro vimos terras que pareciam após a gradagem perfeitamente limpas de vegetação apresentarem, um mez após, intensa brotação de grammas e outras plantas aquáticas crescendo ao lado do arroz e igualmente favorecidas pela irrigação.

A cruz das terras é uma operação que só pôde trazer benefício, mas é preferível lavar bem uma vez, a lavar e cruzar sem perfeição; para os arrozaes de forte declividade e de acanhados taboleiros a cruz das terras torna-se difficil e dispendiosa. Além disso nas grandes lavouras não é já facil lavar uma só vez as terras dentro de 3 ou 4 mezes, lutando com as chuvas, o frio e a fraquezados animaes. Fazer a cruz seria realizar uma segunda operação antes do desejado effeito da primeira.

* * *

E' de bom aviso fazer-se a lavra no sentido da declividade do terreno, isto é, em regos mais ou menos normaes ás curvas de nível. Assim produz-se a drenagem do terreno evitando-se que as tiras de leiva sirvam de barragem ás aguas das chuvas, mantendo a humidade que tanto favorece a vida das hervas aquaticas, obstando, além disto, a completa aeração das terras trabalhadas. Entretanto, nos polygonos acanhados, esta pratica acarreta maiores despezas, pois o custo da lavra muito depende da extensão linear continua e mais ou menos rectilinea dos regos. Assim é que nem sempre é isso observado. Se o pequeno arado Rud-Sack que aconselhamos é bom para as primeiras lavras, não o é para as mais profundas. As toiceiras antigas (restevas), gramas altas, etc., formam á superficie um colchão que difficilmente pôde ser reduzido pelo fogo durante o inverno. Só os maiores arados, virando leivas largas espessas, pesadas, conseguem devidamente acalmar-as, alcançando as raizes profundas e estirpando-as. E' para isso excellente o Rud-Sack, typo grande, que permite graduar-se, em marcha, a profundidade da lavra, aliviando o arado nos terrenos lodosos e afundando-o nos de outra natureza. A tracção a cavallos sempre que o terreno permite, é muito vantajosa pela rapidez e economia. E' mais apropriada ás lavouras seccas. Uma charrua de duas relhas, typo Oliver, tirada por seis cavallos e dirigida por um só homem, faz dous hectares por dia em terreno secco, leve e macio. Esse rendimento, que facilmente se consegue na Argentina conforme lá observamos, não pôde, porém, servir-nos de base. Nesta cultura as prolongadas innundações, o transito de ceifadeiras e carros de transporte do arroz para as estações de trilha, deixam o terreno em condições taes que fica pesadissimo para as lavras subsequentes, ora por demais duro quando ha secca, ora excessivamente molle e pegajoso, após as frequentes chuvas do inverno. Ainda na primeira hypothese poderiam ser os arados tirados por cavallos, mas na segunda isso é impossivel. Só o boi poderá vencer semelhante trabalho por ter unhas, ser mais geitoso e paciente. Em diversas observações por longo prazo obtivemos as seguintes médias de custo de lavra por hectare de 24.30 e 36 m'l réis, conforme a qualidade do terreno e a maior ou menor profundidade da lavra, sendo certo que em média geral não se pôde contar com mais de 26 a 28 arcs diários, para cada lavrador, a bois, em terrenos dessa natureza.

Tambem se executa a lavra em grande escala por meio de tractores a vapor ou a gazolina, com grande proveito quando trata-se de superficies consideraveis, superiores a 600 hectares. No Rio Grande se os emprega, entre outras casas importantes, na lavoura do Coronel Pedro Luiz da Rocha Osorio, em Pelotas. O serviço é surprehendente em terras seccas e o custo da obra muito depende do numero de horas de trabalho, visto ser grande o capital invertido na machina e accessorios, para mais de 30 contos de réis. Essa machina faz em boas condições de terreno e de trabalho um hectare por hora, e pois representa o tractor 40 arados de uma relha tirados a

bois, multiplicando assim por 20 o esforço de cada um dos 3 homens necessarios á sua manobra. Um dos melhores typos é o "Oruga" que tambem se presta a terrenos humidos.

Só em fins de Setembro, geralmente, dá-se inicio ao serviço da gradação, trabalho preparatorio da sementeira, da ma's decisiva influencia na sôrte da colheita. Tem elle por fim desagregar a terra das leivas, endurecidas e compactas, reduzindo-as a pequenos torrões, separando os corpos vegetaes, raizes, etc. e tornando mais ou menos lisa e regular a superficie do terreno, para que bem funcconem as sementeiras mechanicas.

Com as modernas grades de discos consegue-se a maxima perfeição no serviço; sem ellas ser'a impossivel, talvez, realizar-se esses trabalhos em terrenos de certa consistencia physica.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO BELLO HORIZONTE



Comissão Organizadora da Exposição: -- Drs. Benjamin Hunnicutt, Daniel de Carvalho, Donato de Andrade, Alvaro de Silveira e Honorio Hermeto.

Em todo o caso convém, tambem, a passagem de algumas grades de dentes, para mais alisar a superficie, antes da estrada da sementeira. As grades de disco trabalham, geralmente, em lances mais ou menos parallelos aos contornos dos polygonos, em numero suffic'ente para o completo preparo das terras, que raramente exigem menos de 4 voltas pela mesma faixa. Organiza-se então diversos ternos de 4 grades cada um, trabalhando conjunctamente uma atraz da outra, dando o mesmo effeito pratico e certa economia de ponteiros. dos bois, assim reduzidos apenas a um para cada terno. São

necessarias tres juntas de bois para grades de ma's de doze discos. E' uma das mais penosas operações para os animaes. Quando ha sêcca, endurecem por tal fôrma as leivas que a marcha por sobre essa superficie irregular e aspera gasta-lhes as unhas, produzindo manqueira passageira. Se chove, veem os atoleiros onde os animaes se afundam e o aparelho se enterra até o e'xo. A gradeação só é perfeita em um terreno levemente humido: os discos cortam e pulverizam ao mesmo tempo as terras. E' difficil, porém nas grandes lavouras aguardar esses momentos especiaes. Custa cerca de 10 a 12 mil réis por hectare a gradeação a bois em terrenos medianamente pesados. Entre as diversas grades de disco ha as de Deere, americanas que são boas.

Convém ter sempre o mesmo typo na lavoura pela facilidade de substituição das peças que se estragam.

Além do preparo mecanico da terra, conforme referimos, precisa ser ella, ás vezes, corrigida com fertilisantes.

Vamos concretizar o facto nas observações proprias sobre o terreno em que operamos ha cerca de 8 annos.

A sua analyse chimica era a seguinte:

HUMIDADE

Agua hydropscopica — Perda de peso a 23°...	2,22 %
Agua combinada e materia organica — Perda de peso pela calcinação.	4,11 %

Substancias soluveis em acido chlorhydrico de 9 %:

Oxydo de calcio.	0,020 %
Oxydo de potassio.	0,008 %
Anhydrido phosphor'co.	0,050 %
Azoto total.	0,100 %

Aproveitando residuos das Xarqueadas de Pelotas, fabricamos em 1909, adubos phosphatados de ossos moidos, que applicados em experiencia, a uma parcella, augmentaram con-

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO BELLO HORIZONTE



Installação do certamen.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO BELLO HORIZONTE



Commissão julgadora do Certamen

sideravelmente a producção, que subio de 2.500 kgs. a 4.000 kgs., por hectare.

A distribuição fez-se a razão de 800 kgs., por hectare, por meio da distribuidora mecanica typo Bajac, que mandamos vir de França.

Esse adubo tinha a seguinte composição, segundo analyse chimica feta no Instituto Agronomico de Campinas:

Acido phosphorico.	30,8 %
Phosphato de cal.	67,2 %
Azoto.	0,9 %
Cal.	3,5 %
Carbonato de cal.	6 25 %

O custo de distribuição foi de cerca de 2\$000, o hectare e o do adubo, por circumstancias especiaes de fabrico em casa, e facilidade de transporte fluvial, a alguns kilometros da xarqueada, importou em menos de 40\$000, o hectare.

Os resultados foram evidentes conforme já assignalamos.

Tambem applicamos em outras parcellas da mesma terra, como experiencia, a seguinte mistura mais completa de elementos fertil'santes, que deu, entretanto, quasi os mesmos resultados praticos:

Sobre cada tonelada de mistura, para cada hectare:

Salitre do Chile.	6 %
Superphosphato.	40 %
Chlorureto de potassa.	7 %
Ossos moidos.	47 %

Esta combinação custou no momento o preço de 175\$000.

Ensaíamos, ainda, por curiosidade, as preconizadas culturas de nitro bacterina do professor inglez Bottomleys, por meio de banhos na semente, que deveriam transmittir-lhe propriedades de fixação do azoto, atmosferico, segundo affirmações d'esse mesmo professor. Não colhemos porém nenhum resultado animador.

Temos para nós que a melhor adubação para arrozaes é a dos adubos chimicos, pois são expurgados de sementes e germens extranhos, de facil applicação e prompto effeito util.

O phosphato de cal sob a forma de ossos moídos, actua sobre o terreno, nas lavouras humidas de forma muito differente que nas seccas. O seu effeito é muito mais prompto, sobretudo quando o pó provém de ossos desgordurados e é sufficientemente fino, o que é facil'mo conseguir-se com simples installações.

No Rio Grande poderá ser enorme essa riqueza, quando aproveitada toda a ossamenta dos animaes abatidos ou mortos annualmente. Só os bovinos, mais de 1 1/2 milhões de cabeças, forneceriam no minimo 30 milhões de kgs. de especial farinha phosphatada, com tão elevado titulo em phosphoro, como vimos, que bem pôde substituir os superphosphatos estrangeiros, que importamos a alto preço.

Além dessa especie de adubos, a outra, de sangue e mais residuos organicos, completariam as necessidades das restituições ás terras riograndenses.

Existe, hoje, em Pelotas, neste genero, a mais importante fabrica do Brasil, da qual trataremos em outro momento, por não possuímos, agora, os necessarios dados.

Não aconselhamos o emprego da palha que sahe das trilhadeiras, ás lavouras, com o fim de corrigir as terras. E' maior o perigo desse emprego que os beneficios colhidos, não obstante a opinião do illustrado Dr. Carlos Botelho, no ultimo Congresso de arroz, em S. Paulo.

A palha não apodrece facilmente; ella se mistura com o barro formando colchões ou pastas resistentes que cream difficuldades á boa execução, da lavra. Peior que isso, é ella um vehiculo de todas as sementes de hervas nocivas, ceifadas, em commum, com o arroz, e que dest'arte, volvem á lavoura.

No sul serve ella de regular forragem de inverno, para o que fazem-se enormes e bem arranjadas parvas, que resistem á acção das intemperies invernosas.

A cinza d'essa palha, sim pôde ser aproveitada, melhorando physica e chim'camente a terra, sem os perigos alludidos.

Geralmente foram, porém, na lavoura por hectare, cerca de 2 toneladas de palha, nas restevas, que nenhum perigo offerece, representando doses de elementos fertilisantes, que poderão ser assim computadas, por hectare:

	Kgs.
Potassa.	80
Cal.	110
Azoto.	4,8
Anhydrido phosphorico.	2,5

Esses algarismos variam conforme a variedade do arroz e a gradação em altura das machinas ceifadeiras.

Semente. Variedades estudadas. Semeadura.

Quando a casa tem especial semente, selecciona a melhor para a proxima cultura, e pôde até apurar a selecção mandando colher cacho a cacho, para a futura sementeira.

Caso contrario, deve adquirir de outras casas acreditadas, examinando a côr, peso especifico, etc. mandando sempre beneficiar alguns saccos como amostra.

A semente aparentemente limpa, é muitas vezes acompanhada de outras pequenas sementes de hervas nocivas, como de germens de doenças.

São indispensaveis laboratorios chimicos e outrosapparelhos de vigilancia, como nos E. Unidos, onde sempre existiu um departamento especial das sementes, a base de toda a construcção agricola.

A ultima conferencia algodoeira tratou do assumpto, preconizando urgentes medidas.

Ainda as mais reputadas casas estrangeiras, não offerecem garantia ao comprador. Assim a afamada firma de Milano, Fratelli Ingegnoli, mandou-nos conjuntamente com a semente de arroz "Melone" que compramos, para experiencia uma verdadeira praga de Cruz Gallis, o pavoroso irmão gêmeo do arroz.

Assim, deve a semente ser submettida a rigoroso tratamento, selecção, ventilação, exames de germinação, medição de peso e volume e por fim immersão em banho de sulfato de cobre ou de ferro, solução de 3 a 4 % pouco antes da semeadura.

Com 150 kgs. de sulfato de cobre banha-se 20 toneladas de semente, custando a operação fóra o sulfato 360\$000.

Além de outras vantagens do banho, é elle o unico meio de completa limpa da semente, expurgando-a dos grãos chochos, leves e sementes de hervas que fluctuam e são eliminadas por meio de coador.

Após o banho é a semente pulverizada com cal virgem, o que lhe facilita o escoamento pelos funis da semeadora.

O arroz para semente deve ser secco ao sol e não em seccadores mecanicos, para evitar que por descuido venha elle soffrer temperaturas excessivas e prejudiciaes á germinação.

Predominam no Rio Grande as variedades Carolina, Agulha, Nero de Vialone e outras sendo actualmente ensaiadas com proveito algumas variedades italianas entre ellas o Originario, o Lencino e outros.

Tive já occasião de communicar a esta Sociedade o estudo de algumas d'ellas, com as mais detalhadas observações proprias, ás quaes me reporta, neste momento.

São ellas as seguintes:

Originario

Peso especifico, por litro, da semente em casca, 630 grammas.

Numero de grãos, por litro da semente em casca, 22,400. Coefficiente thermico (da germinação á maturação), 2.900°c.

Coefficiente de producção, por hectare, em kilogrammas, 4.050.

Peso da semente, a semear, por hectare, em kilogrammas, 130.

Québra de beneficio, no Engenho, 28,9 %.

Bertone

Peso especifico, por litro, da semente em casca, 550 grammas.

Numero de grãos por litro, da semente em casca, 19.200.

Coefficiente thermico (da germinação á maturação), 1.400.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO -- BELLO HORIZONTE



Interessante aspecto da Exposição do Paraná. Ao fundo a do Rio Grande do Sul

Coefficiente de produção, por hectare, em kilogrammas, 3.870.

Peso da semente, a semear, por hectare, em kilogrammas, 100.

Québra de beneficio, no Engenho, 100.

Melone

Peso específico, por litro, da semente em casca, 600 grammas.

Numero de grãos, por litro, da semente em casca, 20.000.

Coefficiente thermico (da germinação á maturação), 2.500°C.

Coefficiente de produção, por hectare, em kilogrammas, 1.800.

Peso da semente, a semear, por hectare, em kilogrammas, 120.

Québra de beneficio, no Engenho, 36 %.

Japonez Branco

Peso específico, por litro, da semente em casca, 500 grammas.

Numero de grãos, por litro, da semente em casca, 19.500.

Coefficiente thermico (da germinação á maturação), 2.800°C.

Coefficiente de produção, por hectare, em kilogrammas, 3.220.

Peso da semente, a semear, por hectare, em kilogrammas, 100.

Québra de beneficio, no Engenho, ...

Matzurka

Peso específico, por litro, da semente em casca, 575 grammas.

Numero de grãos, por litro, da semente em casca, 23.000.

Coefficiente thermico (da germinação á maturação), 3.000°C.

Coefficiente de produção, por hectare, em kilogrammas, 3.950.

Peso da semente, a semear, por hectare, em kilogrammas, 100.

Québra de beneficio, no Engenho, ...

Carolina

Peso específico, por litro, da semente em casca, 620 grammas.

Numero de grãos, por litro, da semente em casca, 21.200.

Coefficiente thermico (da germinação á maturação), 2.900°C.

Coefficiente de produção, por hectare, em kilogrammas, 4.000.

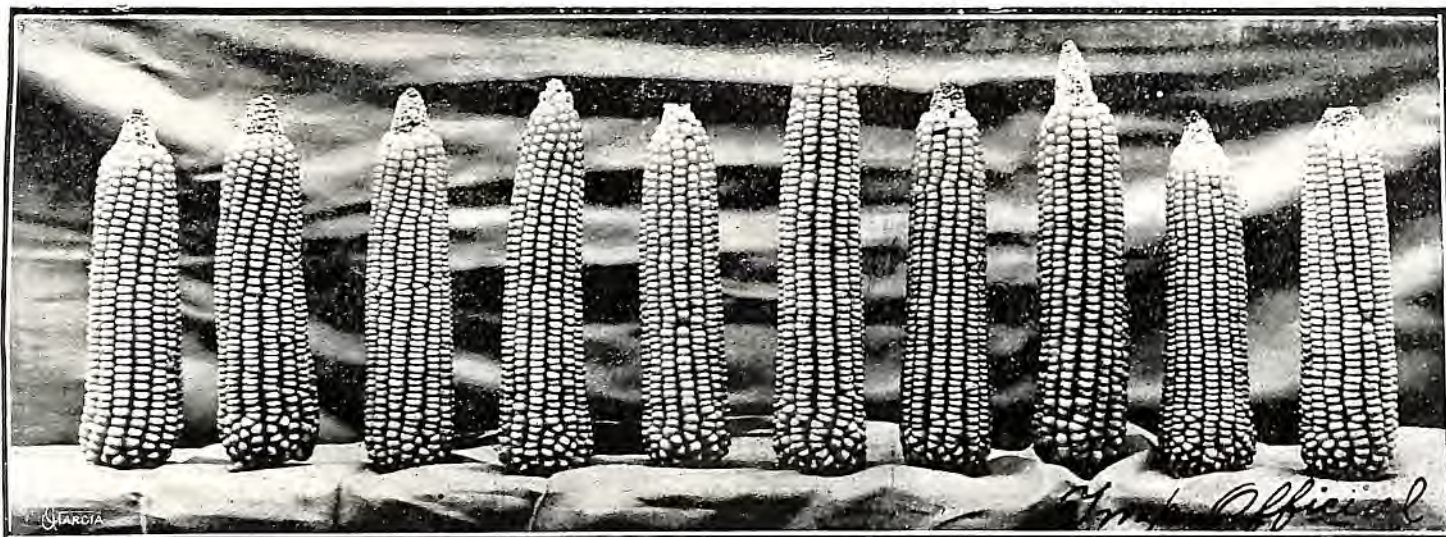
Peso da semente, a semear, por hectare, em kilogrammas, 100.

Québra de beneficio, no Engenho, 36 %.

Chinez

Peso específico, por litro, da semente em casca, 575 grammas.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO — BELLO HORIZONTE



Grupo de espigas premiado pelo jury

Numero de grãos, por litro, da semente em casca, 23.000.
 Coefficiente thermico (da germinação á maturação),
 3.000 °c.

Coefficiente de produção, por hectare, em kilogram-
 mas, 3.950.

Peso da semente, a semear, por hectare, em kilogram-
 mas, 100.

Québra de beneficio, no Engenho, ...

Ranching

Peso especifico, por litro da semente em casca, 550
 grammas.

Numero de grãos, por litro, da semente em casca, 17.000.

Coefficiente thermico (da germinação á maturação),
 2.500 °c.

Coefficiente de produção, por hectare, em kilogram-
 mas, 2.400.

Peso da semente, a semear, por hectare, em kilogram-
 mas, 120.

Quebra de beneficio, no Engenho, ...

Ostiglia

Peso especifico, por litro, da semente em casca, 500
 grammas.

Numero de grãos, por litro, da semente em casca, 17.000.

Coefficiente thermico (da germinação á maturação),
 2.100 °c.

Coefficiente de produção, por hectare, em kilogram-
 mas, 3.000.

Peso da semente, a semear, por hectare, em kilogram-
 mas, 120.

Québra de beneficio, no Engenho, ...

Nero de Vialone

Peso especifico, por litro, da semente em casca, 630
 grammas.

Peso especifico, por litro, da semente em casca, 630 gra

Numero de grãos, por litro, da semente em casca, 17.200.

Coefficiente thermico (da germinação á maturação),
 2.500 °c.

Coefficiente de produção, por hectare, em kilogram-
 mas, 4.000.

Peso da semente, a semear, por hectare, em kilogram-
 mas, 120.

Québra de beneficio, no Engenho, 35 %.

Sempre que possivel far-se-á a sementeira por meio de
 machina, tirada a bois ou a cavallos, conforme o terreno.

Este aparelho distribue a quantidade que se quer, en-
 terra e cobre a semente que fica em linhas mais ou menos
 paralelas.

A germinação é mais prompta e uniforme, o arejamento
 posterior da planta mais completo, o processo de limpa mais
 expedito. Um dos melhores typos de semeadores é o Miranda
 Colonial.

Custa o serviço da sementeira cerca de 4\$500, por he-
 ctare, ou menos, sendo a tracção a cavallos, em terreno secco.

Em más condições de terreno, applica-se o singelo se-
 meador portatil denominado Cyclone, seguido de grades de
 discos para a cobertura.

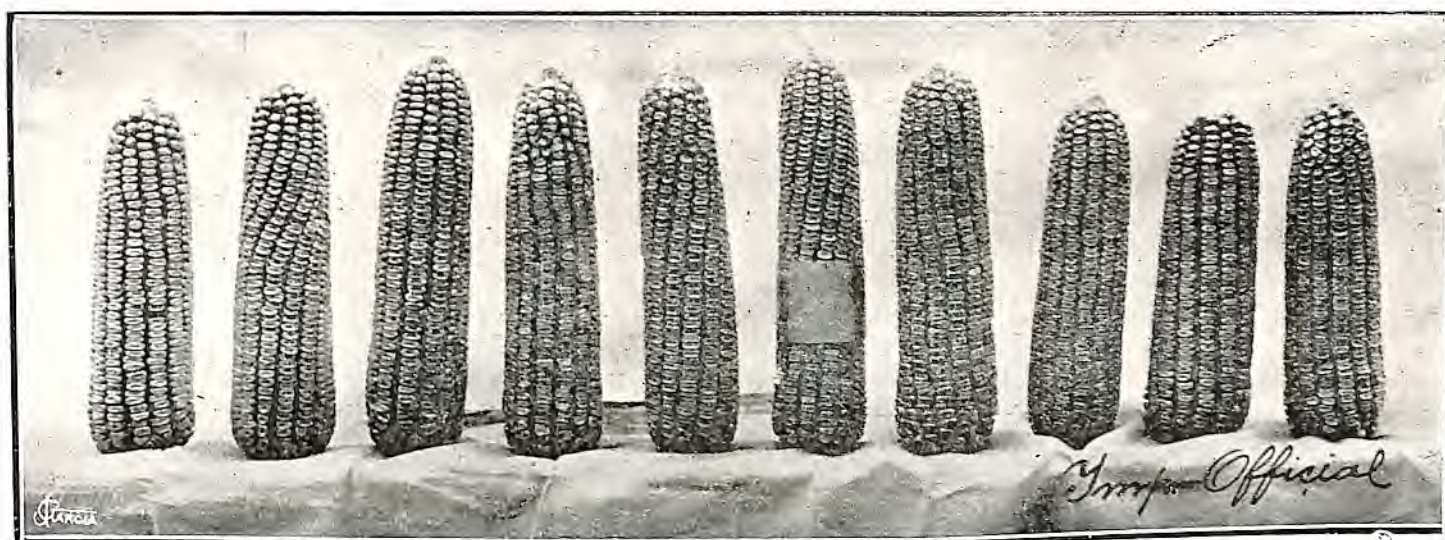
Lançada a semente na terra, retira-se todo o material
 agrario de dentro da lavoura, onde não mais penetrarão quaes-
 quer animaes, concerta-se os pontos de passagem do material
 em todas as marachas, fechando-se os polygonos, que pas-
 sam a entrar no periodo verdadeiramente cultural, sob a in-
 telligente applicação da agua e cautelosas intervenções do
 pessoal da irrigação.

Quando possivel, tratarei de outros capitulos, desde a ir-
 rigação até final colheita, apresentando talvez vistas photo-
 graphicas sobre os trabalhos agricolas de alguns estabeleci-
 mentos riograndenses e o estudo de outras questões interes-
 santes.

Muito grato ao bom acolhimento, lamento não ter podido
 condensar, de modo mais succinto e brilhante, as idéas com
 que julguei necessario iniciar a minha conferencia, em cum-
 primento ás honrosas determinações da operosa e illustre Di-
 rectoria da S. N. de Agricultura, que evidentemente procura
 a todos transmitir o patriótico anelo do estudo das princi-
 paes questões agricolas do paiz.

ILDEFONSO SIMÕES LOPES.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO - BELLO HORIZONTE



As dez mais bellas espigas de milho expostas, censeante epinou a commissão julgadora

Classificação Commercial do Algodão

Este assumpto é, por sua natureza, tão importante que, enquanto no Brasil não o resolvermos pratica e efficientemente, serão nulos os resultados das Conferencias Algodoeiras, impropicio o esforço dispendido na confecção de qualquer monographia sobre a cultura do algodoeiro (*).

Senão, vejamos. Que serve ensinarmos ao lavrador que deve separar as especies, cultivar as de fibra longa em particular e manter, absolutamente puro e limpo, o seu algodão, se, por falta de uma classificação commercial e racional deste producto nos mercados consumidores do paiz, não tem elle maior preço?

Que serve ensinar-se ao beneficiador de algodão que deve adoptar para os typos de fibra longa, os *descaroçadores de rolo*, ou *cylindricos*, quando, por falta de classificação commercial do nosso algodão, os typos de fibra longa não merecem uma categoria especial?

E' facil compreender que serão impropicios os resultados de qualquer propaganda e não ha incentivo para o productor em melhorar as qualidades do seu producto, porque, no Brasil não encaramos ainda a questão da classificação do algodão pelo seu verdadeiro prisma.

Para nós, representa a classificação o maior estímulo para a nossa producção algodoeira, porque se poderia assim apreciar o comprimento e outras qualidades da fibra e a limpeza do producto.

Infelizmente no Brasil não temos compreendido bem

(*) Em virtude das conclusões approvadas na Conferencia Algodoeira, está o Governo autorizado, por lei, a estabelecer typos officiaes para o algodão. N. da R.

esta magna questão, para o futuro do algodão; a classificação actual, defeituosa, consulta mais aos interesses dos compradores do que aos do productor.

Scientifica e commercialmente ella nada representa, porque a industria precisa saber das qualidades da fibra do algodão que vai utilizar pouco importando a sua procedencia.

Entretanto actualmente a classificação commercial que temos no Brasil, longe de expressar as qualidades do algodão, lembra apenas a sua procedencia.

Collocada a questão nesse seu verdadeiro aspecto, no nosso fraco entender, achamos que a classificação commercial que possuímos, além de ser empirica, é defeituosa e um sério entrave para a expansão e melhoramento da cultura do algodão no Brasil.

E podemos dizer: sem ella tudo mais será baldado; ao passo que, quando a adoptarmos, em bases racionais poderemos contar como certo, o surto de progresso do algodão no Brasil.

Esta classificação, é forçoso convir, não poderá ser feita por leigos e negociantes de algodão, mas praticada por peritos de fibra, acostumados nas grandes fabricas de tecidos de algodão, ou armazens deste producto, a lidar com o algodão diariamente, durante annos.

Só estes homens serão capazes de distinguir a fibra do algodão segundo o seu comprimento, resistencia, finura, homogeneidade, consistencia (aspereza ou maciez), côr, etc.

O facto do individuo lidar com o algodão muitos annos e manuseal-o mesmo, não o habilita a fazer a verdadeira classificação commercial deste producto.

E' preciso que a intelligencia e o tacto especialmente, estejam habituados e exercitados nesta classificação.

E' uma questão, pois, em que, só uma longa pratica pôde dar ao homem os verdadeiros conhecimentos para distinguir e separar o algodão, segundo as qualidades de suas fibras.

Demonstrado como ficou, que o unico meio de se melhorar entre nós a cultura do algodão é a fixação pelo Governo de typos commerciaes, esta classificação se impõe sem delongas.

Fixando o Governo os typos officiaes do algodão, a exemplo do que se faz com o café em S. Paulo, o lavrador terá garantida a qualidade do seu producto seleccionado e o industrial saberá o algodão que vai beneficiar.

Deste modo o lavrador terá pelo seu algodão o justo preço que elle merecer e o industrial pagará bem esse bom producto, certo de que, poderá dispôr, para um determinado tecido, que venderá por melhor preço, de uma certa quantidade de algodão em rama, toda uniforme, do mesmo typo, para a fabricação desse tecido.

E assim se estabelecerá não só o melhoramento na produção do algodão, como a confiança reciproca, que deve haver (actualmente não ha) entre o lavrador e o industrial de algodão.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHIO BELLO HORIZONTE



Os Srs. Drs. Joaquim Luiz Osorio, Eduardo Cotrim e Cel. Hannibal Porto, respectivamente 2, 3 e 4, representantes da Sociedade Nacional de Agricultura junto ao brilhante certamen.

Desde que o lavrador tenha a certeza de que, por uma classificação commercial do algodão, official, lhe será garantido maior preço pelo melhor algodão que possa produzir, está no seu proprio interesse obter esse melhor algodão, para fazer jús ao melhor preço; nesta questão de melhor cotação pelo seu producto, o nosso matuto é bastante intelligente. Para tirar della partido, basta conhecer-se-lhe os habitos para se ter esta convicção.

Póde-se, sem receio de contestação, affirmar, que o atrazo

da cultura do algodão no norte, a despeito de outras causas tambem importantes, é devido ao facto de não existirem até agora os typos commerciaes officiaes na classificação do algodão.

Temos para nós que, creados esses typos officiaes, sentir-se-ão os seus effeitos beneficos, que na cultura, pelo emprego das boas praticas, como a selecção, e quer no beneficiamento, pela adopção de machinas aperfeiçoadas. E assim poderemos produzir no Brasil o algodão limpo e de fibra uniforme; qualidades tão reclamadas pela nossa indus-

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO — BELLO HORIZONTE



Premios conferidos aos expositores

tria de tecidos desta preciosa fibra, como pelas praças estrangeiras, onde o nosso producto gosa da peor fama.

Para demonstrar que a classificação existente no Brasil e que foi mantida por uma das conclusões da Conferencia Algodoeira, não corresponde aos reclamos da nossa lavoura e industria de algodão, basta vêr que os Estados do Maranhão e Piauhy figuram, respectivamente, como setimo e oitavo da lista de typos e com a característica de: *typos diversos sem classificação especial*.

De facto, presentemente o Maranhão, por exemplo, segundo tenho ouvido de industriaes desta praça e S. Paulo, se bem que tenha em geral algodão de fibra de boas qualidades, especialmente *longas*, todavia se apresenta geralmente bastante sujo.

Mas, não é justo que, por adoptarmos uma classificação commercial de typos segundo a procedencia e figurando por isso o Maranhão em setimo lugar, o seu algodão tenha, por essa razão, baixa cotação; o que aliás é natural, porque em relação ao café, ninguém pagará o mesmo preço pelo typo *sete* que paga pelo *moka*.

Nestas condições o algodão bom que o Maranhão actualmente produza e que venha produzir, pela influencia benéfica da acção official e das conclusões da Conferencia Algodoeira, que deverá levar aos seus reconditos sertões as monographias nella apresentadas, não poderá exportar o seu al-

godão para os Estados do Sul, onde a sua classificação é a de typo setimo.

Qual, pois, o incentivo que poderão ter os lavradores do Maranhão e Piauhy de aproveitar as conclusões da Conferencia Algodoeira, quando uma dellas, vem ferir, de morte, os vitaes interesses da expansão que poderia ter a cultura do algodão nesses Estados?

Para sermos coherentes, teríamos então cada vez que Maranhão e Piauhy apresentassem typos de algodão melhores, alterar a classificação actual que pretendemos adoptar; então, esta classificação perderia o character fixo que deverá ter, pelo menos durante alguns annos, enquanto a pratica não nos suggerir a necessidade de alterar a classificação que adiante lembraremos.

E o que diremos, se verificarmos que esta classificação por procedencia, exclue Estados, como o da Bahia, que também produz algodão e se presta a ser um dos grandes productores desta fibra e o Pará que já possui hoje, um dos melhores algodões, quanto á *limpeza* principalmente?

Permanecendo como está feita essa classificação, vem ella prejudicar o futuro algodoeiro de todos os Estados que não estão contemplados na lista e, alteral-a cada vez que appareça um novo Estado, grande productor, seria sacrificar o character fixo que deverá ter a *classificação commercial* dos *nossos algodões*.

VENDEM-SE

reproductores de todas as edades da raça CARACÚ.
Informações com o Snr. Roberto Dias Ferreira
Rua Primeiro de Março, 15-Sobrado

Nesse caso a lista tenderia a crescer e chegaria a ter tantos typos, quantos são os Estados do Brasil, multiplicados por *tres*, tantos são os sub-typos.

Nestas condições similhante classificação não pode ter o caracter official.

Parce nos haverem demonstrado perfeitamente que a classificação por procedencia é assaz defeituosa.

Preferimos aceitar a opinião de um dos mais competentes e intelligentes industriaes brasileiros, o Sr. Bernardo Lichtenfels.

Como é sabido, os fiadores de algodão distinguem as fibras deste pelas qualidades seguintes:

- 1º) comprimento;
- 2º) uniformidade;
- 3º) resistencia (apreciando se estão mortas, verdes ou maduras);
- 4º) natureza propria da fibra (aspereza, maciez, grossura, finura, coloração branca, creme, vermelha etc.);
- 5º) limpeza da pluma (ausencia de substancias extranhas);
- 5º) limpeza da pluma (ausencia des ubstancias extranhas).

São estes os factores principaes que devem influir para a determinação dos typos commerciaes officiaes de algodão.

Para a formação dos typos officiaes, bastaria se tomar em consideração os dados seguintes:

1º — Fibra comprida de 30 mm. para cima, não variando a differença entre si nas fibras deste grupo, mais do que 5 mm; algodão muito limpo.

2º — Fibra comprida, idem, idem, um pouco sujo;

3º — Fibra comprida, idem, idem, muito sujo;

4º — Fibra curta, de 20 mm. á 28 mm. idem como no n. 1; algodão muito limpo;

5º — Fibra curta, idem idem como no n. 2;

6º — Fibra curta, idem idem como o n. 3;

7º — Fibra comprida e curta, misturadas, algodão muito limpo;

8º — Idem, idem, idem, idem, algodão pouco sujo;

9º — Idem, idem idem, idem, algodão muito sujo;

Com esses dados resumiremos os typos seguintes:

Typos — Especial (Seridó ou Mocó, fibra longa)

Primeiro comprido.

Segundo, idem.

Terceiro, idem.

Quarto, misturado.

Quinto, idem.

Sexto, idem.

Setimo, curto.

Oitavo, idem.

Nono, idem.

Caso a Sociedade Nacional de Agricultura ache opportuno e digno de consideração, peço nomear uma comissão que poderá ser presidida pelo Sr. Bernardo Lichtenfels Junior e composta de *mestres de fiacão* das nossas fabricas de tecidos de algodão, para estudarem o presente trabalho e propor as modificações necessarias. afim de, mais tarde o Governo, por meio de lei especial, tornar os typos de *classificação commercial do algodão*, officiaes, como se faz necessario para todo o commercio interno deste producto e para a exportação, a exemplo do que se faz com o café.

WILLIAM W. CORLHO DE SOUZA.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO — BELLO HORIZONTE



o Estado do Paraná, na Exposição

A economia de combustivel nas usinas de assucar

Tipos das fornalhas de bagaço (*)

As illustrações, que a este acompanham, mostram as diversas formas de fornalhas para bagaço, usadas nos paizes de assucar visitados.

Fig. n. 1 a n. 6 — representam as fornalhas usadas em Luisiania, Cuba e Porto Rico, e a fig. n. 7 as usadas em Java.

A fornalha n. 1 é do typo dos fornos holandezes, construida pela Stirling Boiler Co. O seu principal característico é que a camara de combustão converge de alguma forma como um gargalo de garrafa, partindo da parede da ponte, em direcção á caldeira. A pressão de ar é obtida por um soprador ligado á machina, cuja velocidade póde ser alterada. O ar é levado á fornalha, atravez de barras occas de Gordon, as quaes se alternam com grelhas em formato de espinha de peixe. O tubo de descarga conduzindo á fornalha, é munido de grelhas moveiças, tendo a sahida da chaminé um abafador. O bagaço é alimentado por um conductor moveiço, correndo sobre as tremonhas. Sobre cada funil de alimentação ha uma abertura cujo tamanho é graduado por uma tampa moveiça que regula á mão a quantidade do bagaço entregue. Os funis de alimentação são munidos com uma tampa dividida em duas partes que se abrem automaticamente com o peso do bagaço que é descarregado na fornalha. Este arranjo evita a entrada do ar.

A fornalha n. 2 é construida sem paredes divisorias, entre as caldeiras e as baterias, e a fornalha collocada directamente debaixo da extremidade da frente das caldeiras. O bagaço é alimentado por quatro funis de alimentação, que estão collocados como indicado no desenho. Os methods de alimentação do bagaço, são semelhantes aos descriptos para fornalha n. 1, excepto não haver grelha alguma na descarga do soprador que gradua o supprimento do ar.

A fornalha n. 3 é de um typo de fornalha holandeza e tem uma parede divisoria occa. Uza-se pressão natural, porém, ella está munida de barras de soprar occas e tubos nas suas paredes do lado, tendo por fim poder usar pressão forçada. Os tubos sopradores são munidos de alçapões que permitem a pressão de ar ser obtida em diversas formas, a saber: pressão natural, pressão forçada atravez dos tubos sómente e uma pressão combinada pelas duas formas. Ella é alimentada como a fornalha n. 1.

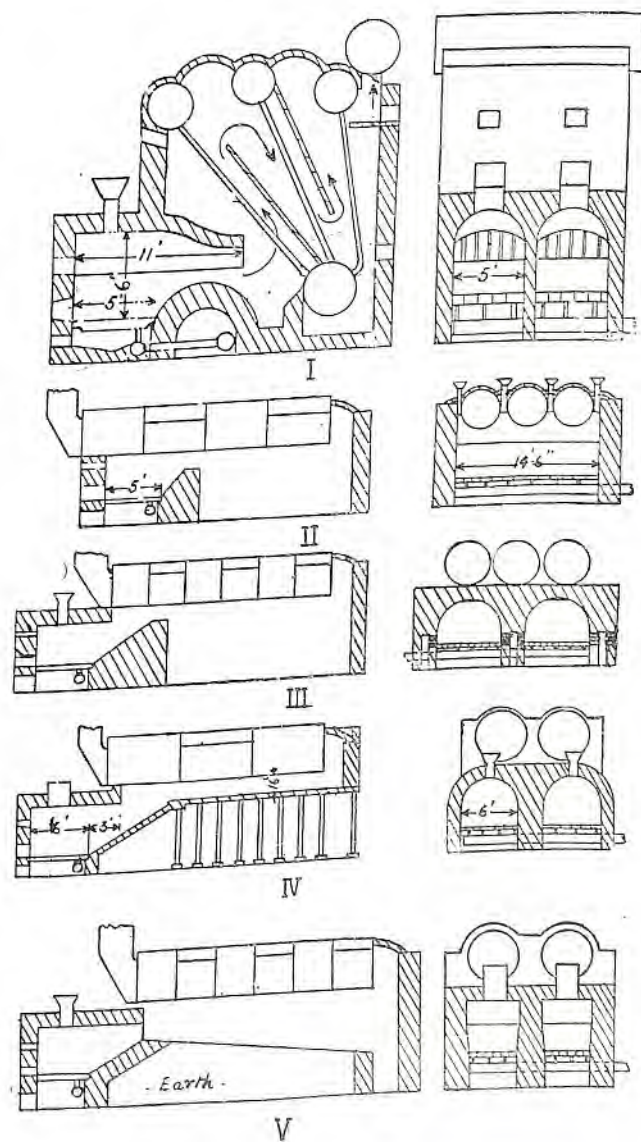
A fornalha n. 4 é do typo do forno holandez de pressão forçada, o supprimento do bagaço e os funis de alimentação são os mesmos que a fornalha n. 1. Queimadores de oleo são sómente usados quando é necessario manter a pressão a vapor. A parte da camara de combustão da parede-ponte fica usualmente debaixo da caldeira propriamente dita. Toda a base de tijolo está encerrada em uma caixa de aço que é supportada por traz sobre pedestaes de ferro.

A fornalha n. 5 é do typo do forno holandez. Os methods de obter pressão forçada, o arranjo das barras das grelhas, e o methodo de supprir o bagaço á fornalha, são os mesmos que descriptos para a fornalha n. 1. Ella é munida de queimadores de oleo permanentes, o bagaço e o oleo sendo queimados conjunctamente.

A fornalha n. 6 é do typo do forno holandez e é applicada á caldeira tubular "Climax" e os seus característicos princi-

paes são o seu feitio e o comprimento da camara de combustão, sendo sómente usada a pressão natural. As chaminés são munidas de abafadores e cada caldeira tem a sua chaminé propria. Queima-se madeira nesta fornalha quando o supprimento do bagaço é insufficiente.

A fornalha n. 7 é do typo de grelhas de escada "Step Grate" que é quasi a unica usada em Java. Por diversas experiencias cuidadosas e extensivas a Estação Experimental de Pekalong conseguiu aperfeçoar a "Step Grate" a ponto de fazel-a trabalhar admiravelmente. As grelhas são collocadas em um angulo de 50° do horizonte. Como demonstra a diagramma ha um espaço morto de 2 a 3 pés para a passagem do bagaço antes de alcançar as grelhas. As extremidades superiores das grelhas estão também fechadas uns 2 ou 3 pés, afim de evitar a entrada do ar. A parte superior da superficie das grelhas póde ser chamada a zona de seccamento, visto que o bagaço ao passar por ella já está em parte secco, devido ao calor do fogo na parte inferior. Em certas installações, queima-se madeira atraz da parte superior das grelhas, afim de auxililar a secca do bagaço. O bagaço começa a queimar quando estiver uns 3 pés acima do fundo das grelhas.



(*) Transcripto do "International Sugar Journal".

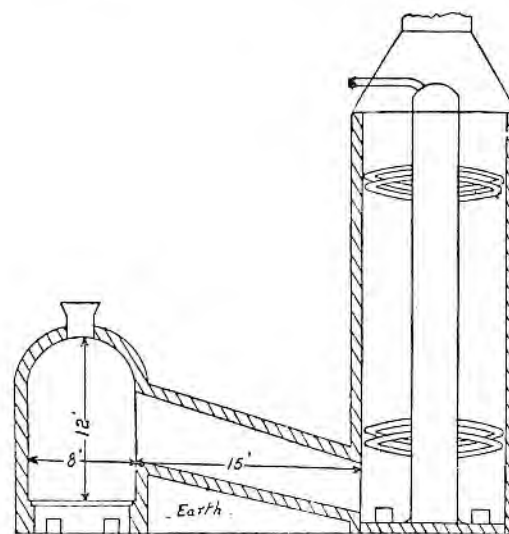
Neste lugar as barras das grelhas são geralmente augmentadas até a distancia de 1 pé do fundo da grelha. Neste ponto é necessario muito mais espaço de ar para a combustão, razão pela qual a abertura das grelhas é maior. No caso de enfraquecimento do fogo dever-se-ha fechar algumas das aberturas das grelhas, deste modo a extensão superficial das grelhas é geralmente regulada pela quantidade de bagaço que se queira queimar. Estas fornalhas adoptam geralmente a theoria que os engenheiros reconhecem como essencial na queima do bagaço. Muitas experiencias em diversos paizes productores de assucar têm demonstrado que a efficiencia da fornalha é muito maior com o bagaço quando secco do que quando molhado. O professor W. Kerr, da Universidade do Estado de Luisiania, verificou em experiencias feitas por elle que em uma libra de bagaço, contendo 44 % de humidade, queimado numa fornalha Luisiania commum, se vaporizou 30 % mais de agua, do que o mesmo peso de bagaço a 51 % de humidade. A maior parte deste augmento em efficiencia foi devida á boa combustão. Com bagaço molhado uma parte é distillada sem ser queimada, reconhecendo o facto de que quanto mais secco o bagaço for, mais efficiente será o effeito da fornalha.

As fornalhas em Java são apropriadas a parcialmente seccar o bagaço antes de sua chegada á parte quente da superficie da grelha. As grelhas são todas muito estreitas, geralmente não mais largas do que 4 pés; quando a largura da grelha torna-se necessario ser de mais de 4 pés para dar a desejada superficie, divide-se a grelha em duas partes, por uma parede á prova de fogo de tijolo, correndo até o fundo da parede-ponte de fornalha. Todas as bases das grelhas em Java são arranjadas da mesma fórma, a caldeira sendo uma bateria continua. A maior parte das chaminés são construidas a partir da base e correndo ao longo das caldeiras. Os gazes da combustão depois de passarem pelos tubos da caldeira, voltam pela parte superior e lado para o deposito que conduz á chaminé. Um tunnel corre em toda a largura da bateria atravez da frente das grelhas e por debaixo da plataforma alimentadora. Em muitas bases um outro tunnel corre atraz das grelhas justamente por debaixo da parede-ponte. Por meio deste ultimo tunnel o fundo das fornalhas pôde ser facilmente limpo. As cinzas são tiradas da camara de combustão por meio de portas no lado opposto á parede deste tunnel. O methodo geral de construcção é semelhante ao uzado na ilha Mauricio, isto é, a maior parte da fornalha é construida debaixo do solo, permittindo assim a plataforma alimentadora do bagaço ficar no nivel do chão. Esta construcção originou-se no tempo em que o bagaço era carregado para a fornalha á mão, mas nas fabricas modernas é pequena a parte da fornalha que fica abaixo do chão. A base em Java é pequena e não se notam rachas na parede, como se dá em muitos casos em outros paizes productores de canna. A mão de obra em Java é a melhor. Na montagem das caldeiras os engenheiros empregam o maximo cuidado para que as paredes sejam construidas sobre alicerces solidos. Os alicerces são aprofundados até encontrar uma camada resistente de "Statum". Uma boa qualidade de tijolos deve ser usada, collocando-se entre elles uma camada de cal, o que é feito por meio de uma pá apropriada.

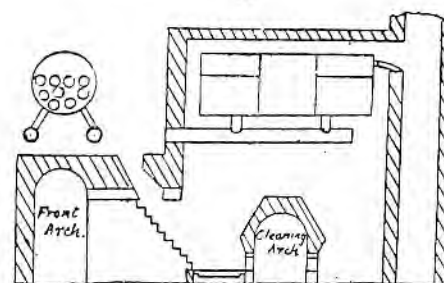
A maior parte das paredes são feitas de um typo fixo de tijolo, porém, algumas bases são feitas com tijolos maiores. A frente das bases é geralmente construida de tijolo com-

primido para dar uma boa apparencia. Como a limpeza das grelhas é feita por baixo dos tunneis, o sujo e a poeira communs na frente da caldeira, produzida por cinzas e faiscas, são evitados. Sob o ponto de vista economico, o methodo de assentar as caldeiras em Java tem a vantagem de reduzir ao minimo o calor perdido pela irradiação. A radiação de uma caldeira commum de 250 H. P., regulada como uma simples unidade, alcança 5 % a 8 % do total do calor do vapor gerado.

Regulando-se as caldeiras em uma bateria continua a radiação das paredes é praticamente eliminada. A passagem dos gazes da chaminé sobre a parte superior da caldeira evita qualquer radiação neste ponto, porque a temperatura destes gazes é sempre mais elevada do que a do vapor na caldeira. O calor radiado das grelhas é quasi todo recebido no tunnel pelo ar provindo das fornalhas. A temperatura dos tunneis é mantida confortavel para os foguistas com a entrada deste ar. Não ha portas entre as grelhas e os tunneis, e isto não sómente evita o uso das grandes portas na frente das fornalhas de ferro, mas tornam tambem as grelhas mais facéis de serem limpas e manejadas.



VI



VII

Algumas das vantagens das fornalhas de Java sobre as usadas na Luisiania e nas Indias Occidentaes.

O factor determinativo das vantagens da fornalha de Java sobre todas as outras é o seu perfeito methodo de distribuição do ar.

Augmento de lã--sua sedosidade--sua finura--seu alto preço--são em absoluto garantidos com o uso do Especifico MacDOUGALL.
Veja-se a pagina 1 Pede-se mencionar esta Revista.

Seu genio algo rude, indomável, arrastou-o ultimamente a uma luta, de que sahiu barbaramente trucidado. A sua morte foi muito pranteada e nelle perdeu a lavoura um indefeso batalhador, pelo que damos os nossos pezames a Minas.

A Pecuaria Nacional e o Gado Indiano

Por mais inverosímil que pareça, o problema da pecuaria nacional se acha ainda muito distante de uma solução razoável, em vista da controversia cada vez mais intensa em torno da escolha das raças bovinas e da questão do gado indiano.

Os interessados na resolução do magno assumpto se encastellam nos seus pontos de vista, sem perceberem que esses extremos encandecem a questão, sem resolvê-la de accordo com os interesses da industria pecuaria nacional.

O objectivo industria-commercial da carne para exportação, que deve dominar, debaixo do ponto de vista verdadeiramente economico, a attenção dos criadores, vai sendo esquecido, para dar logar a discussões, de alguma forma estereis, em que se formam, de facto, partidos apaixonados.

Aos que repellem *in limine* a possibilidade do zebú, cuja carne condemnam, qualificando-a de carniça, se antepõem outros que pretendem que o boi da India fornece a melhor carne e os animaes mais pesados.

Uns, como outros, perturbam a marcha natural das cousas, na escolha das raças, turvando cada vez mais o ambiente em que se debatem os neophytos que querem tomar uma direcção consentanea com a razão.

E' preciso ainda uma vez lembrar aos que esperam dds peritos a palavra de ordem, que todos os factores precisam ser postos em jogo, para que a solução do problema assuma um caracter de generalidade que constitue a feição das questões e soluções verdadeiramente industriaes.

Aos que pretendem que o gado indiano vem resolver no Brasil o problema pecuario da carne, se deve lembrar de que o ponto de vista particularissimo que os domina não se coaduna com as condições exigidas pelos consumidores, que formam e ditam as leis que devem reger a produção.

Quem estuda a historia da criação do gado da India e quem acompanha a evolução dos rebanhos alli criados, sabe que, na sua grande generalidade, o boi é alli animal produzido para o trabalho que exige esforço muscular e que esses animaes evoluem no meio pauperrimo e sempre aspero da falta de boas pastagens; ora, é verdade inconcussa no campo da zootechnia, que o animal, sendo producto do meio que o cria, participa da fartura ou da penuria do ambiente, produzindo derivados mais ou menos ricos em substancias alimenticias, o que quer dizer que a carne se torna menos ou mais fibrosa conforme a pastagem é mais ou menos rica.

No esforço exercido pelo animal na luta pela existencia, a gymnastica funcçional actua como elemento profundamente modificador e então é claro que os apparatus de locomoção e de movimento participem desse trabalho, adquirindo qualidades de resistencia indispensaveis ao objectivo physiologico que os apropria.

De facto, o boi indiano é resistente ás caminhadas e ás intemperies, porque o seu organismo foi criado na resistencia, mas por isso mesmo os que pretendem impôr o zebú como o typo ideal para a formação dos nossos rebanhos de corte, devem comprehender que a carne macia e succulenta não pôde ser produzida por essa raça de gado.

Essas qualidades do gado indiano, que constituem a rusticidade tão essencialmente negativa á produção das massas musculares, que a zootechnia applicada exige dos animaes destinados ao corte e em que o maximo aproveitamento deve correr parelhas com a mais perfeita qualidade exigida no commercio consumidor.

E' verdade que tambem esses elementos não se produzem sem forragens relativamente ricas, ou sem uma alimentação correspondente.

Os partidarios do gado indiano chegam então ao extremo de negar a existencia, no nosso paiz, de pastagens capazes de alimentar o bom gado oriundo do *bos taurus*, de maneira que se collocam num extremo de exclusivismo que não pôde ser admittido.

Já temos visto se confundir o que no nosso *interland* se chama o sertão com o deserto, para se justificar a escolha do zebú como o unico animal capaz de medrar naquelle meio.

Immenso como o é o territorio do Brasil central, precisa ser conhecido para se não permittirem aquelles juizos exagerados. Ha territorios que, embora não se possam qualificar de desertos, participam de condições em que a vida animal é mais precaria, sobretudo na occurencia das seccas periodicas que os assolam, como no nosso extremo nordeste, mas geralmente o sertão brasileiro é bem rico e bem fertil, fornecendo boas e fartas pastagens, onde o gado o mais exigente se desenvolve e progride.

Não ha duvida que o campo nativo e virgem cria hervas asperas, que alimentam mal o gado fino, mas que bastam para o zebú; mas por isso se deve concluir que esses campos não são susceptiveis de melhoria pela cultura?

Realmente que a transformação é uma simples questão de cereaes e de sementes. E' um grande erro economico escolher-se o boi para o campo quando se pôde preparar o campo para o boi. E' uma operação ao alcance de todos, que se tem realizado em toda a parte do mundo e que não constituirá problema insolúvel no Brasil, onde não podem e não devem entrar os processos da India, em que a lei do esforço minimo mantem os milhões e milhões de habitantes na secular penuria conhecida, apezar do trabalho da terra, que produz pelo boi como tractor do arado, para o homem e não para o gado.

Precisamos repetir que o problema do gado é o problema da terra?

O Especifico Mac DOUGALL

E' efficaz na cura da Lombriga, molestias do Figado, etc. Veja-se a pagina 1

Pede-se mencionar esta Revista em suas consultas e pedidos.

não é venenoso, podendo tambem ser usado internamente conforme preceitua a bulla.

E' indispensavel melhorar o pasto para melhorar o gado. Querer guardar o campo como a natureza agreste o fornece e escolher o gado para transformar a forragem dura e selvagem em producto fino, por meio do gado indiano rustico e frugal, é problema que nunca terá solução economica.

Exorbita de tudo quanto é racional e scientifico.

Tambem pretender abandonar o gado fino, que é producto do meio, em que a agricultura adiantada se exercita, ás agruras do campo nativo e inculto, é outra utopia que está na consciencia de todos os homens reflectidos.

Mas os insuccessos dos que irreflectidamente se têm deixado levar por aquella utopia, não podem justificar o outro excesso, talvez maior, dos que se abalançaram a operar uma transformação profunda dos nossos rebanhos com o gado indiano, para se furtarem á transformação mais racional dos nossos campos, que enchem o territorio nacional e que, trabalhados e transformados, se constituirão em riqueza permanente para o paiz e para o futuro economico que elle deve desejar.

O problema está, pois, inteiramente deturpado e precisa ser encaminhado pelos criadores patrioticos e previdentes, na sua verdadeira directriz, para que o objectivo industrial da carne de primeira qualidade venha um dia a ser realidade entre nós.

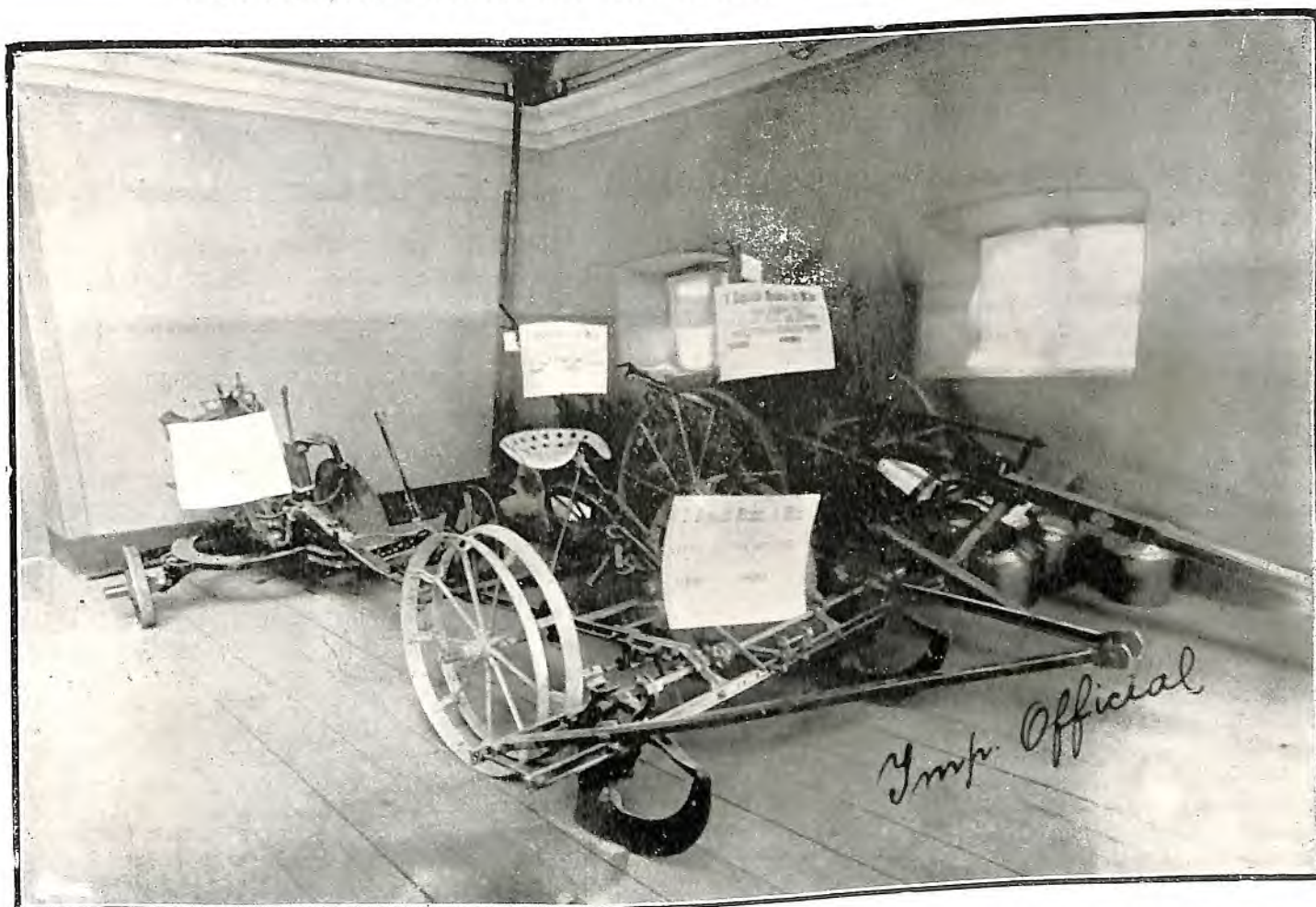
O interesse de momento, mais dominado pela lei do menor esforço, não pôde e não deve preferir áquelle objectivo.

A historia da criação do gado no Brasil, embora obscura para muita gente, nos ensina que vamos retrogradando, no que se refere á qualidade dos nossos rebanhos.

A observação de todos os dias confirma esse modo de ver as cousas da pecuaria nacional e só não sente a magua daquelle retrocesso quem não visita os matadouros de hoje, onde a massa do gado obtido é muito e muito inferior á que suppria esses estabelecimentos antes da injeccão do sangue do gado indiano entre nós.

EDUARDO COTRIM.

ESPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO - BELLO HORIZONTE

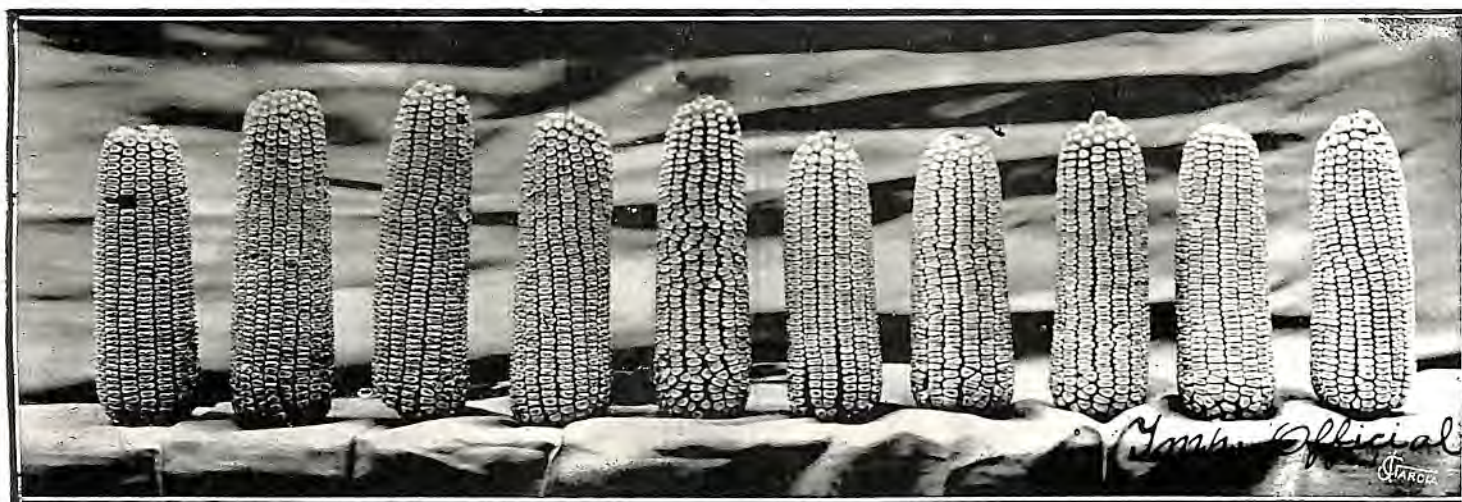


Machinas agricolas offerecidas como premios aos expositores. Vem-se nesse grupo, es instituidos pelo dr. Delphim Mercira Presidente do Estado, o dr. José Beyerra, Ministro da Agricultura, Industria e Commercio

O Especifico Mac DOUGALL para Carneiros, Cabras, Cavalltos e Gada em geral, é vendido em latas de 1 litro e tambores de 5, 10, 20 e 50 litros.

Para mais detalhes veja-se a pagina 1
Pede-se mencionar esta Revista em suas consultas e pedidos

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO — BELLO HORIZONTE



Ouro grupo, também premiado.

Primeira Conferencia Nacional de Pecuaria

PROGRAMMA GERAL

Exmo. Sr.

Devendo reunir-se, de 13 a 25 de Maio do anno proximo, a 1ª Conferencia Nacional de Pecuaria, e sendo intuito da Commis:ão Executiva dar caracter pratico e efficiente aos trabalhos da referida Conferencia, resolvemos adoptar o Programma seguinte, de onde foram extrahidas theses especiaes, e que a Commis:ão pareceram mais opportunas, para serem relatadas e discutidas nas sessões plenas da Conferencia.

Pedimos o valioso concurso da experiencia e dos conhecimentos de todos os interessados, e convidamos V. Ex. para collaborar nos respectivos trabalhos.

1ª SECÇÃO

Historico e assumptos geraes

1.º. Estado actual da criação de animais no Brasil — Origem provavel das diversas raças que povoam o territorio nacional — Causas de sua degeneração — Meios de melhoral-as de um modo geral.

2.º. Influencias mesologicas na evolução das diversas raças de animais domesticos no Brasil — Variações decorrentes do clima e das condições forrageiras — Limites geographicos dessas variações.

3.º. Utilização geral das diversas raças na grande industria universal — Capacidade productiva do nosso gado em geral, no que respeita á industria moderna de productos de transformação e consumo — Ensaio de apreciação relativa á produção actual dos derivados animais, em paralelo com as possibilidades futuras.

4.º. Estudo das condições no mundo consumidor, quer se encare o problema debaixo do ponto de vista da qualidade, quer sob o aspecto de quantidade — Produção e super-produção — Offerta e procura.

5.º. Estatística da produção de animais no Universo,

em relação com as modalidades da industria pastoril — Paizes productores e paizes consumidores — Apreciação comparada da produção e do consumo — Exigencias e tolerancias do consumidor, e suas causas dominantes: transitorias ou permanentes — Capacidade de adaptação do producto ás necessidades do consumo nacional ou internacional.

2ª SECÇÃO

Intervenção dos Poderes Publicos — Legislação

6. Acção do Governo federal, estadual e municipal no desenvolvimento da industria pecuaria e no melhoramento de seus productos — Meios de tornar effectivos e efficazes os auxilios da administração publica — Auxilios directos ou indirectos.

7.º. Intervenção dos poderes publicos, na solução dos principais problemas da industria pecuaria — Liberdade de acção dos criadores — Suas vantagens e inconvenientes.

8.º. Postos Zootechnicos, Fazenda Modelos e Estações de Monta — Seu valor, como elemento de progresso — Necessidade de sua disseminação por todo o territorio brasileiro — Estabelecimentos particulares subvencionados e fiscalizados pelo Governo — Estabelecimentos officiaes.

9.º. Legislação concernente ao nosso meio pastoril: Código Rural, uniformização do serviço de policia sanitaria animal em todos os Estados — Premios aos fazendeiros que introduzirem novos processos tendentes a melhorar a criação — Defesa da propriedade contra os invasores e contra os latrocínios.

10. Leis de protecção geral á industria pecuaria — Suppressão completa de impostos na introdução de reproductores de animais uteis — Fretes e transportes gratuitos nas empresas do Governo, ou sob a sua directa fiscalização.

3ª SECÇÃO

Ensino official e particular

11. O ensino agro-pecuario como elemento de desenvolvimento e progresso da industria — Ensino official ou particular — Necessidade de se harmonizar o ensino, attendendo-se ás condições locais, com a natureza dos productos, que se pretende obter, e com as diversas raças de gado.

12. Ensino zootechnico profissional ou technico — Escolas superiores de criação, escolas médias e escolas rudimentares — Preparo de capatazes — Necessidade de tornar eminentemente pratico o ensino.

13. Ensino veterinario profissional ou technico — Exigencias da industria, no que concerne á formação de um corpo de veterinarios clinicos, de inspectores bacteriologistas e dos praticos, necessarios a todos os estabelecimentos, em que se exploram as variadas industrias subordinadas á criação no Brasil.

4ª SECÇÃO

Industria e Commercio

14. Operações industriaes sobre o gado e seus derivados — Grandes e pequenos estabelecimentos — Acção do cooperativismo sobre as industrias animaes primarias ou secundarias.

15. Operações commercias sobre o gado e seus productos — Necessidade de formação de typos, de accordo com as exigencias do consumo — Localização dos estabelecimentos meramente commerciaes, e dos de natureza tambem industrial.

16. Elementos preponderantes na escolha de local para as installações, que têm por fim a elaboração e o commercio dos productos derivados do gado — Estudo comparativo entre os diversos elementos dominantes na escolha do local: proximidade dos campos de engorda ou invernadas; applicação de forças naturaes, como elemento propulsor das fabricas; situação dos portos de embarque, fluviaes ou maritimos, docas ou estações de caminhos de ferro, etc.

17. Escolha dos diversos systemas de aproveitamento dos productos animaes — Consumo directo ou indirecto — Meios de preparar os productos para o consumo — Conservação dos derivados do gado nas fabricas, durante o transporte e nos entrepostos commerciaes.

18. Conservação dos diversos productos pelo frio industrial, pela applicação de substancias preservantes pela acção do calor, pela evaporação, etc.

19. Estudo especial da acção do frio industrial na conservação dos variados productos da industria animal — Variações na technica frigorifica, em relação com a natureza e destino dos productos, e condições locais.

5ª SECÇÃO

Transportes e fretes

20. Material de transportes terrestres, fluviaes ou maritimos — Necessidade de melhorar os nossos actuaes systemas de transporte dos animaes vivos, destinados aos matadouros, frigorificos ou á reproducção — Acção directa do governo na fiscalização dos transportes, debaixo do duplo ponto de vista industrial e sanitario.

21. Organização technica dos transportes, tendo em vista as condições de rapidez, conforto dos animaes, conservação dos productos, exigencias da policia sanitaria e barateamento dos fretes.

22. Necessidade da regulamenção uniforme para o serviço de transportes por vias terrestres ordinarias, com applicação das exigencias de caracter sanitario e de respeito á propriedade — Desenvolvimento e conservação das estradas de rodagem — Criação de aguadas e pastos na vizinhança dos pousos das estradas.

6ª SECÇÃO

Pathologia e Hygiene animaes

23. Importancia dos laboratorios de analyses chimicas e bacteriologicas, para todos os estabelecimentos em que se tratam productos animaes — Estudo e determinação das enzootias e epizootias proprias ou importadas, que possam acometter e prejudicar a criação dos animaes no Brazil.

24. Prophylaxia e tratamento das zoonoses no Brazil, e comparação com as zoonoses ainda não importadas — Meios de prevenir ou remediar essas importações — Policia sanitaria animal, em todas as suas relações com o problema da criação do gado e da utilização dos seus productos no paiz — Estudos de caracter industrial ou scientifico.

25. Animaes nocivos ao gado — Parasitas do gado — Estudo de sua evolução e meios de acção — Diversos modos de prevenir seu apparecimento, e processos de combatel-os.

26. Acção dos banheiros carrapaticidas na evolução geral da criação — Vantagens decorrentes de sua applicação.

27. Divulgação e estudo das plantas nocivas ao gado — Natureza das substancias vegetaes, que prejudiquem ou matem os animaes nos campos e florestas — Hervas brazileiras — Venenos vegetaes, propriamente, apprehendidos pelo gado — Meios de combater seus effeitos — Meios de prevenir o accesso do gado ás localidades infestadas de hervas venenosas.

28. Accidentes que se dêem no decurso da criação e que possam ser corrigidos pelo proprio criador — Necessidade de divulgação dos processos para esse fim.

7ª SECÇÃO

Zootechnia Geral

29. Criação do gado propriamente dita — Formação de reproductores — Formação de nucleos de femeas para remonta dos estabelecimentos — Formação de rebanhos de novilhos industriaes — Constituição de cavalladas para remonta do exercito — Criação do cavallo de luxo, de sella e para transportes geraes ou tractores agricolas — Criação industrial dos muares — Criação geral dos ovinos, suinos e caprinos — Aves domesticas.

30. Engorda ou invernagem do gado para supprimento dos matadouros — Invernagem das cavalladas ou muladas — Formação de rebanhos de carneiros capões — Suinos, como elementos de industria dos matadouros locais, dos frigorificos, ou destinados á exportação — Discriminação dos typos, de accordo com as industrias — Os caprinos, como fornecedores de productos industriaes — Aves de consumo.

31. Criação de reproductores para todas as necessidades da industria pecuaria.

32. A criação de animaes, como subsidiaria e auxiliar da agricultura em geral — Valor de seus residuos na agricultura — Valor dos animaes como transformadores dos productos e sub-productos agricolas.

33. Registos genealogicos — Sua importancia para o melhoramento do gado brasileiro — Necessidade da organização de sociedades de criação, com os seus respectivos registos genealogicos — Acção official sobre a organização dos registos.

8ª SECÇÃO

Zootecnia applicada

34. Meios de melhorar as raças nacionaes: Selecção, cruzamento, refinamento e mestiçagem — Leis que regem os processos de criação.

35. Operações technicas, inherentes á criação do gado em grande escala: signalagem, marcação, castração, rodios, apartação e pesagem.

36. Necessidade do uso mais disseminado das balanças destinadas a pesar os animais vivos em grupos ou isoladamente.

37. Hygiene geral dos animais domesticos, em suas relações com as funções physiologicas ou industriaes.

38. Instalações indispensaveis na exploração da industria de criação — Limitação dos campos — Systemas diversos de cercas: materiaes de produção nacional ou de fabrico estrangeiro — Systemas diversos de curraes ou mangueiras — Apparelio: de contensão — Utensilios do criador.

9ª SECÇÃO

Bovinotechnia

39. Criação do gado bovino no Brazil — Estudo comparativo com outros paizes criadores — Especialização dos animais: gado para corte, para leite, para trabalho — Criação especial de reproductores.

40. Melhoramento das nossas raças creoulas — Enumeração dessas raças, e seu *habitat* no Brazil — Emprego da selecção, do cruzamento, das mestiçagens e do refinamento—

Necessidades da importação de reproductores — Cuidados de que devem ser rodeados os animais importados — Papel dos poderes publicos na introdução de reproductores.

41. Raças bovinas nacionaes ou estrangeiras para carne, leite, trabalho — Escolha das raças.

42. Criação especial dos bezerros para carne — Necessidade de reduzir o consumo da carne de vitella e de restringir a matança de vacas.

10ª SECÇÃO

Productos, sub-productos e residuos da industria bovina

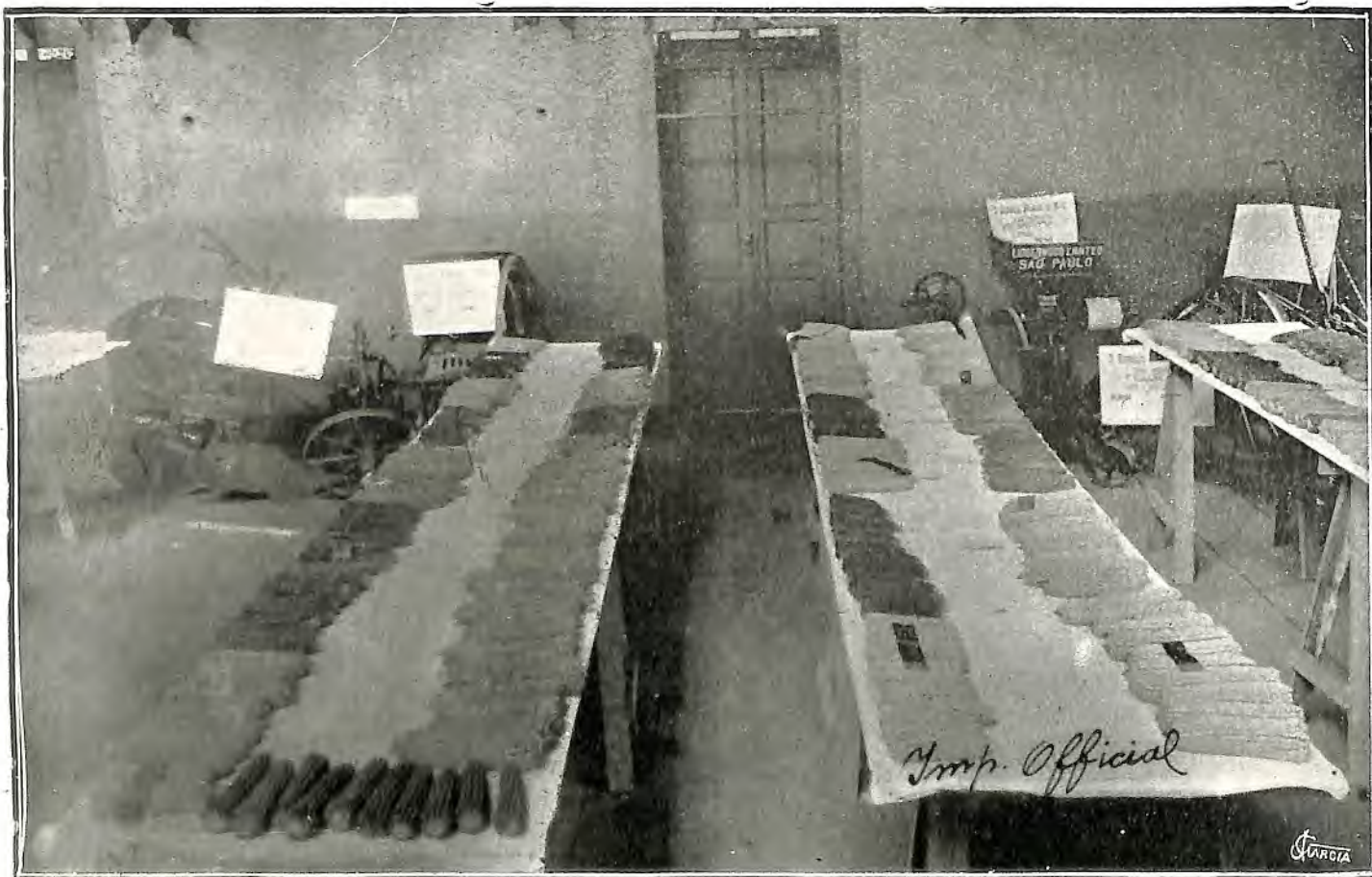
43. Productos da industria pecuaria bovina: carne, leite e seus derivados, sub-productos e residuos — Trabalho mecanico dos bovinos — Sua applicação.

44. Preparo e fabricação dos productos bovinos para consumo e para exportação: carnes congeladas (*frozen meat*) ou resfriadas (*chilled beef*), carnes salgadas, xarque, conservas de carne pelos diversos systemas — Queijo, manteiga e sub-productos da industria dos lacticinios.

45. Industria das pelles — Conservação dos couros para tannagem local ou para exportação — Fabrico das solas e pelles preparadas nacionaes — Industrias estrangeira sderivadas das pelles dos bovinos.

46. Utilização dos ossos e substancias corneas na industria fabril e agricola, applicação das gorduras na industria alimentar e manufactureira — Empleo dos residuos nas industrias agricolas de alimentação dos animais, na reconstituição e adubagem do solo — Importancia do aproveitamento completo dos sub-productos e residuos.

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILHO — BELLO HORIZONTE



Machinas agricolas destinadas a premiar os melhores exemplares

11ª SECÇÃO

Equinotechnia

47. Criação do cavallo nacional — Raças de cavallos no Brazil — Meios de conservar ou melhorar os nossos cavallos.

48. Cavallo de remonta do Exercito — Cavallos de tiro ligeiro, médio e pesado — Cavallos de sella — Cavallos para tractores agricolas — Diversas applicações do cavallo — A carne de cavallo nos matadouros da Europa e do Rio da Prata.

49. Muares, como animaes de sella, como tractores de guerra ou da agricultura, e como cargueiros nas regiões accidentadas.

50. Escolha das raças de cavalos no Brazil — Raças mais convenientes ao cruzamento e ao refinamento de nossas cavalladas — Importação e criação dos jumentos — Escolhas das raças francezas, hespanholas ou italianas — Jumentos americanos — A criação industrial dos muares, sua capacidade economica permanente ou transitoria.

51. Amansamento, adestração dos equinos e muares para fins industriaes, para uso de tiro ou de equitação propriamente dita.

52. Utilização industrial dos productos do cavallo e da mula na fabricação de artefactos de sola, pellos, etc.

53. Importação de reproductores equinos e asininos.

12ª SECÇÃO

Suinotechnia

54. Os suínos brasileiros — Enumeração e descripção das raças creoulas — O porco, como productador de carne e de toucinho — Comparação das vantagens economicas de uma e outra utilização.

55. Meios de melhorar os suínos brasileiros — Rusticidade, precocidade e capacidade de assimilação das nossas raças, comparadas com as raças estrangeiras — Selecção e cruzamento dos suínos brasileiros — Escolha das raças de accordo com sua utilização industrial.

56. Os suínos no Brazil, debaixo do ponto de vista da materia prima dos matadouros modernos — Industria da carne fresca, do toucinho, do presunto e dos embutidos ou salames — Capacidade productora da população suína no Brazil.

57. O commercio dos productos suínos no Brazil — Necessidade de uma utilização mais pratica desses productos, de modo que se tire partido da precocidade e da capacidade de assimilação, que caracteriza as raças melhoradas americanas.

58. Sub-productos e residuos dos suínos na industria manufactureira e agricola.

13ª SECÇÃO

Ovinotechnia

59. A criação dos ovinos e caprinos no Brazil — Estudo e escolha das raças — Ovinos para carne e para produção de lã.

60. Importancia do commercio da carne dos ovinos, por intermedio dos frigorificos — Consumo interno — Causas que restringem o desenvolvimento — Estudo estatistico de nossa população ovina — População caprina brasileira — Sua importancia no commercio das carnes e pelles — Industria das pelles ovinas.

61. Industria e commercio das lãs — A tosa e seus processos rudimentares ou progressistas — Produção brasileira das lãs, finas e grossas, curtas e longas — Industria dos tecidos de lã no Brazil — Seu progresso e seu futuro.

62. Necessidade de desenvolver e melhorar a criação do carneiro e da cabra no Brazil — Escolha dos processos para formação dos rebanhos melhorados — Escolha e introdução de reproductores, de accordo com as varias zonas brasileiras.

14ª SECÇÃO

Avicultura

63. As aves domesticas mais apropriadas ao nosso meio e ao consumo da carne ou dos ovos — Commercio de ovos no Brazil — Industria de sua conservação — Valor da carne das aves domesticas na alimentação — Introdução de novas raças — Selecção dos nossos tipos melhorados.

64. A criação de aves, debaixo do ponto de vista industrial — Estabelecimentos nacionaes, sua importancia, sua produção, seu futuro e sua situação economica.

15ª SECÇÃO

Industrias e animaes diversos

65. Apicultura — Sericultura — Sua importancia e futuro no Brazil.

66. Piscicultura — Possibilidade do seu desenvolvimento no nosso paiz — A industria e o commercio de peixes para o consumo interno e exportação — A criação de peixes nos açudes e aguas semi-estagnadas.

67. Animaes uteis como subsidiarios da criação: cães de guarda, de pastor, de policia, etc. — Cães de guerra e sanitarios — Animaes indigenas uteis ao agricultor e ao criador, farios — Animaes nocivos e das pragas — Animaes como inimigos dos animaes nocivos e das pragas — Meios de combatel-os, damnhos de todas as categorias.

16ª SECÇÃO

Forragens e pastos

68. Estudo das forragens brasileiras — Forragens dos campos naturaes, plantadas, ou consequentes ao abandono das culturas — Invernadas — Seu valor industrial e economico.

69. Necessidade de melhorar, pela cultura e irrigação, os nossos prados forrageiros — Sub divisão das pastagens — Selecção das plantas forrageiras nacionaes — Estudo de seu valor nutritivo — Determinação das épocas, em que cada planta forrageira está no periodo de maxima concentração dos principios alimentares, de modo que proporcione ao criador o seu melhor aproveitamento.

70. Introdução e acclimação de forragens exoticas — Sua cultura nos campos de experiencias dos estabelecimentos officiaes — Reprodução nos campos de demonstração.

71. Cultura das leguminosas indigenas e exoticas — Necessidade da ampliação da cultura da alfafa — Estatistica de sua produção no Brazil — Condições culturais desta e de outras leguminosas — Seu valor industrial e commercial.

72. Valor dos sub-productos das diversas industrias agricolas na alimentação do gado — Tortas de linhos, de amendoim, de caroços de algodão, etc.

73. Valor das raizes tuberosas nacionaes ou importadas, como alimento para o gado — Mandioca, batata doce, inhame, etc.

17ª SECÇÃO

Credito e impostos

74. Credito agricola applicado á industria da criação do gado — Sua efficacia nos paizes criadores mais adiantados — Valor dos campos e dos animaes vivos, como garantia do credito — Estabelecimentos de credito agro-pecuaria na Argentina e no Uruguay, e seu papel, como principal factor da riqueza pecuaria daquelles paizes.

75. Impostos que recahem sobre a producção pecuaria e sobre a industria dos seus derivados — Necessidade de ser estudado um systema de tributação progressiva, de maneira que estimule a producção incipiente.

18ª SECÇÃO

Estatística e recenseamento

76. Estatística das populações animaes no Brazil — Meios praticos e economicos de chegarmos a resultados positivos — Estatísticas de apreciação, estatísticas de deducção — Recenseamento.

Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1916.

Pela *Sociedade Nacional de Agricultura*.

A COMMISSÃO.

REGULAMENTO

Art. 1.ª A Primeira Conferencia Nacional de Pecuaria, promovida pela Sociedade Nacional de Agricultura, sob os auspícios do Governo Federal, com o intuito de estudar, no ponto de vista scientifico e pratico, as necessidades mais urgentes da industria pecuaria e os meios mais efficazes de desenvolvê-la e aperfeiçoal-a no Brasil, reunir-se-ha, nesta Capital, de 13 a 25 de Maio de 1917, na sêde da Sociedade, á rua Primeiro de Março n. 15.

Art. 2.ª Serão membros da Conferencia todas as pessoas que enviarem sua adhesão á Comissão Executiva, antes da abertura, ou se inscreverem em tempo.

Art. 3.ª Os Governos da União, dos Estados e dos Municipios, as sociedades, instituições, comícios e associações pastoris agricolas, industriaes e commerciaes poderão fazer parte da Conferencia, nomeando para esse fim seus delegados.

Art. 4.ª Os membros da Conferencia receberão um distinctivo de entrada para as sessões, o qual será intransferivel.

Art. 5.ª Todas as memorias apresentadas á Conferencia serão préviamente confiadas á Comissão Executiva, afim de serem impressas e encaminhadas.

Art. 6.ª A Conferencia comprehenderá sessões publicas, sessões geraes e sessões das Comissões.

Art. 7.ª Somente os membros da Conferencia poderão assistir ás sessões que não forem publicas, apresentar trabalhos e tomar parte nas discussões.

Art. 8.ª A Conferencia discutirá e apresentará conclusões sobre as theses devidamente approvadas pela Comissão Executiva.

Art. 9.ª Conjuntamente com os trabalhos da Conferencia, serão realizadas palestras de vulgarização e demonstrações praticas de conhecimentos uteis aos criadores.

Art. 10. Os trabalhos de cada secção da Conferencia serão coördenados por uma comissão especial designada pela Comissão Directora.

Art. 11. Esses trabalhos serão entregues á Comissão Directora no prazo que esta designar.

Art. 12. Os pareceres elaborados sobre os alludidos trabalhos serão examinados no seio das Comissões Especiaes, antes de serem apresentados ás sessões geraes.

Art. 13. Nenhuma questão será discutida em sessão geral, antes de ter sido examinada pela respectiva comissão.

Art. 14. Na sessão de abertura, a Comissão Executiva, entregará seus poderes á Comissão Directora da Conferencia, que preencherá dahi em diante as suas funcções.

Art. 15. A Comissão Directora da Conferencia e as Comissões Especiaes serão eleitas em sessão preparatoria, realizada 48 horas antes da abertura da Conferencia.

Art. 16. As comissões especiaes se entenderão com a Comissão Directora, para fixar a ordem do dia das sessões geraes.

Art. 17. As conclusões submittidas ás sessões geraes serão sempre apresentadas por escripto.

Art. 18. Os oradores, que tomarem a palavra em sessão, devem entregar ao Secretario, dentro de 24 horas, o resumo de suas communicações para os relatorios. No caso em que esse resumo não fór feito, será adoptado o texto redigido pela Secretaria.

Art. 19. Os oradores só poderão occupar a tribuna durante 20 minutos, e uma só vez a respeito de cada parecer, a menos que a assembléa, consultada, decida de outro modo.

Art. 20. Será publicado pela Comissão Executiva um relatorio dos trabalhos da Conferencia.

Art. 21. Todas as publicações concernentes á Conferencia serão distribuidas gratuitamente aos respectivos membros.

Art. 22. A Comissão Directora da Conferencia resolverá em ultima instancia sobre qualquer incidente não previsto neste programma.

Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1916. — Pela Sociedade Nacional de Agricultura, *A Comissão*.

QUESTIONARIO

THESES QUE DEVEM SER DISCUTIDAS NAS SESSÕES PLENAS DA CONFERENCIA, EM FÔRMA DE CONCLUSÕES

1ª

Qual deve ser a acção dos Poderes Publicos no desenvolvimento da pecuaria nacional e no melhoramento de seus productos? Até onde deve ir essa acção?

2ª

Qual a mais conveniente organização dos Postos Zootecnicos, Fazendas Modelo e Estações de Monta, para que se tornem effectivamente uteis, como centros de irradiação de ensinamentos aos criadores, promovendo a solução racional dos nossos problemas zootecnicos?

3ª

Qual a melhor fôrma de organizar exposições, concursos e feiras? A quem deve caber essa organização?

4ª

Qual o meio de tornar efficiente o Serviço de Policia sanitaria animal entre os Estados da Federação?

5ª

Qual o plano de ensino zootechnico e veterinario aconselhavel no Brasil?

6ª

A Pecuaria e a industria do frio no Brasil — Quaes os elementos que devem preponderar para o seu pleno exito entre nós?

7ª

Qual a influencia da industria frigorifica no abastecimento interno e no commercio de exportação? Quaes os melhores processos para conservar a carne destinada á exportação e ao consumo no Norte e no Centro do paiz?

8ª

Que providencias competem ao governo e ás empresas de viação maritima, fluvial, ou terrestres, para remover os actaes inconvenientes no transporte do gado e seus derivados?

9ª

Doenças contagiosas ou transmissiveis:

a) aos bovinos:

- 1) Febre aphtosa;
- 2) Tristeza;
- 3) Carbunculo symptomatico ou Peste da Manqueira e Carbunculo hematico;
- 4) Tuberculose, pseudo-tuberculose, para-tuberculose;
- 5) Diarrhéas dos bezerros;
- 6) Osteomalacia.

b) aos equinos:

- 7) Trypanosomiasas;
- 8) Osteoporose ou cara inchada,
- 9) Mormo e Garrotilho;

c) aos suinos:

10) Batedeira;

d) aos ovinos:

11) Piétim;

e) ás aves:

12) Spirillose, Diphtheria, Cholera, Boubá;

f) doenças geraes:

- 13) Raiva e pseudo-raiva, Molestia de Borna;
- 14) Vermínoses animaes;
- 15) Tinhas e Sarnas.

10ª

Principaes doenças não contagiosas nem transmissiveis aos animaes domesticos, sobretudo as que exigem tratamento cirurgico.

11ª

Qual a melhor fôrma de executar o Serviço de Registo Genealogico? A quem deve caber a sua direcção?

12ª

Meio de melhorar as raças nacionaes. — Selecção, cruzamento, refinamento e mestiçagem.

13ª

Quaes as raças creoulas existentes na região? Houve importação de animaes de raças estrangeiras? Em que época? Quaes os resultados conseguidos, na relação a cada uma das raças creoulas, ou estrangeiras?

14ª

Que serviços pôde prestar o uso mais disseminado das balanças destinadas a pesar os animaes vivos?

15ª

Quaes os meios de systematizar a criação do gado a campo?

16ª

Quaes as raças bovinas aconselháveis para corte, leite ou trabalho, attendendo ás diversas zonas do paiz? — Qual o criterio que deve presidir á importação de reproductores estrangeiros?

17ª

Qual deve ser a acção do governo relativamente á criação do cavallo para remonta do exercito?

18ª

Qual o melhor reproductor para se conseguir a criação do cavallo d'armas?

19ª

Qual o meio mais conveniente para se melhorar o cavallo nacional, considerado como animal de sella e de tracção?

20ª

Qual o processo mais conveniente para melhorar o rebanho suino no Brasil, como productor de carne ou de toucinho?

21ª

E' possivel desenvolver-se no Brasil em grande escala a criação ovina? Quaes os embaraços que têm obstado ao incremento dessa criação?

22ª

Será possivel conseguir-se no Norte do Brasil a criação dos ovinos para producção de carne? Quaes as providencias aconselháveis?

23ª

Convém aperfeçoar no Norte do Brasil a criação caprina? Por que meios se chegará a esse resultado?

24ª

Quaes os processos susceptiveis de melhorar os nossos campos de forragens naturaes?

Quaes as pastagens naturaes da região? Hap astos artificiaes? Quaes as plantas forrageiras cultivadas?

25ª

Quaes as forragens indigenas que devem ser cultivadas de preferencia?

26ª

Quaes as medidas que urgem de ser empregadas, afim de tornar effectivo o credito agricola, em suas relações com as necessidades da industria pecuaria?

27^a

Dos meios praticos e economicos para chegarmos a resultado positivo, em materia de estatistica da população animal. Dados e informações acerca do numero de animaes, e de raças, existentes nas varias zonas pastoris do Brasil.

28^a

Devem ser adoptadas medidas coercitivas para restringir do consumo da carne de vitella e cohibir a matança de vaccas necessarias á reproducção?

29^a

Quaes as providencias mais efficazes para regularizar o serviço de marcas de animaes no Brasil?

30^a

Que medidas precisam de ser adoptadas para baratear o custo do sal destinado á criação?

31^a

Quaes os favores que convém solicitar dos poderes publicos para generalizar o embrego das cercas de arame nos campos de criar?

32^a

Qual a orientação que deve ser dada á nossa exploração pecuaria, neste momento, para tirarmos o maior proveito da situação actual dos mercados consumidores?

33^a

Em que condições deve ser normalmente tentada a exploração da industria pecuaria em nosso paiz, para que se conserve remuneradora após a conflagração européa?

34^a

Quaes os auxilios, necessarios aos nossos criadores, para a defesa sanitaria dos seus rebanhos?

35^a

Quaes as installações, que cumpre promover nos portos nacionaes, para o commercio de carnes?

36^a

Quaes os meios de assegurar, aos productos e sub-productos da industria pecuaria, posição saliente no nosso commercio de exportação?

Independente destas theses, a Comissão Executiva da Primeira Conferencia Nacional de Pecuaria acceitará todas as memorias, dissertações e monographias a respeito do gado no Brasil, que se enquadrem no programma geral, offerecido aos criadores, e aos industriaes e commerciantes dos productos, sub-productos e resíduos da industria pecuaria. Esses trabalhos devem ser enviados á Comissão Executiva da Primeira Conferencia Nacional de Pecuaria, até ao dia 20 de Abril do anno proximo, e endereçados á Sociedade Nacional de Agricultura, Rua Primeiro de Março n. 15. — Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1916. — Pela Sociedade Nacional de Agricultura, A Comissão.

COMMISSÃO EXECUTIVA

PRESIDENTES HONORARIOS

Antonio Candido Rodrigues.
Antonio Prado.
Anselmo Carrastazzu.
Alfredo Gonçalves Moreira.
Augusto Carlos da Silva Telles.
Cincinato Braga.
Carlos Botelho.
David Alves de Araujo.
Eduardo Ferreira Cardoso.
Edmundo Berchon des Essarts.
Francisco Salles.
Francisco Amado da Silva Bahia.
Francisco de Amorim Leão.
Fidelis Reis.
Hermenegildo Villaça.
J. F. de Assis Brasil.
Joaquim dos Reis Magalhães.
José de Meira e Sa.
José Cypriano Nunes Vieira.
João Baptista de Castro.
Lauro Müller.
Luiz Pereira Barreto.
Leopoldo Piaut.
Murdo Mackensie.
Manoel Luiz Osorio.
Oswaldo Gonçalves Cruz.
Pedro Luiz da Rocha Osorio.
Percival Farquhar.
Paulo de Amorim Salgado.
Thomaz Pompeu de Souza Brasil.
Vidal Ramos.

PRESIDENTE EFFECTIVO

Eduardo Augusto Torres Cotrim.

DIRECTORIO CENTRAL

Antonio Pacheco Leão.
Affonso Vizeu.
Abdon Baptista.
A. da Costa Lima.
Alberto Maranhão.
Alberto Loeftgren.
Antonio Müller dos Reis.
Antonio Cardoso Fontes.
Antonio de Barros Ramalho Ortigão.
Antonio Olyntho dos Santos Pires.
Adolpho Lutz.
Antono Moniz Sodré de Aragão.
Alfredo Regulo Valdetaro.
André Gustavo Paulo de Frontin.
Arthur Getulio das Neves.
Arthur Moses.
Alfredo Ruy Barbosa.
Augusto Ferreira Ramos.
Alvaro de Sá Castro Menezes.
Alfredo Augusto da Rocha.
Alfredo Ribeiro da Costa.
Alaor Prata Soares.
Adolpho Hersbster Pereira.
Alipio de Miranda Ribeiro.
Alfredo L. Moreau Gottschalk.
Alcides Godóy.
Alcides da Rocha Miranda.
Antonino Freire da Silva.
Astrogildo Machado.

Aleixo de Vasconcellos.
 Adão Gaspar Gonçalves da Cunha.
 Bento José de Miranda.
 Bernardo Pinto Monteiro.
 Barros Fournier.
 Conde de Affonso Celso.
 Carlos Sá.
 Carlos Raulino.
 Camillo Boulte.
 Candido Mendes de Almeida.
 Carlos Rezende.
 Cesar Lacerda Vergueiro.
 Dario de Barros.
 Domingos Pinho.
 Delgado de Carvalho.
 Domingos Sergio de Carvalho.
 Eugenio Tourinho.
 Edmundo Bittencourt.
 Estacio de Albuquerque Coimbra.
 Eloyde Souza.
 Eduardo Guinle.
 Elysio de Carvalho.
 Eugenio Luiz Müller.
 Francisco Prisco de Souza Paraiso.
 Frederico Villar.
 Fabio Sodré.
 Felix Pacheco.
 Firmo Dutra.
 Fausto Ferraz.
 Felix Celso.
 Francisco Avellar Figueira de Mello.
 Gabriel Ozorio de Almeida.
 Gustavo Lebon Reg's.
 Geminiano Lyra Castro.
 Georges Larne.
 Geraldo Rocha.
 Genserico de Vasconcellos.
 Germano Courregé.
 Heitor Beltrão.
 Henrique Santos Dumont.
 Henrique Silva.
 Henrique Figueiredo Vasconcellos.
 Hannibal Porto.
 Hermenegildo de Moraes.
 Horacio José de Lemos.
 Horacio de Oliveira Castro.
 Henrique de Beaurepaire Aragão.
 Ildelfonso Simões Lopes.
 Ildelfonso Soares Pinto.
 Ildelfonso Albano.
 Ivo Arruda.
 João Dale.
 João Fulgencio de Lima Mindello.
 João Cabral.
 João Teixeira Soares.
 João Nogueira Penido.
 João Gonçalves Pereira Lima.
 João Lyra Tavares.
 João Christino Cruz.
 João Muniz Barreto de Aragão.
 João de Carvalho Borges Junior.

João Mangabeira.
 José Fonseca Ferreira.
 José Gomes de Faria.
 José Eduardo de Macedo Soares.
 José Monteiro Ribeiro Junqueira.
 José P. de Souza e Silva.
 José Americo dos Santos.
 Joaquim Luiz Osorio.
 Joaquim Augusto da Costa Marques.
 J. A. da Costa Pinto.
 Joaquim Lacerda.
 Juvenal Lamartine de Faria.
 Julio Benedicto Ottoni.
 Julio Pereira Leite.
 Julio Cesar Lutterbach.
 Jesuino da Silva Mello.
 J. X. Guimarães Natal.
 Leão Velloso Filho.
 Linneu de Paula Machado.
 Luiz Vianna.
 Luiz de Faria.
 Leopoldo Teixeira Leite.
 Lindolpho Xavier.
 Luiz Raphael Vieira Souto.
 Luiz Ribeiro.
 Luiz Bartholomeu de Souza e Silva.
 Licinio Pinto.
 Lauro Travassos.
 Lima Mendes.
 Lafayette de Freitas.
 Manoel Bernardez.
 Miguel de Arrojado Lisboa.
 Manoel Paulino Cavalcanti.
 Manoel Netto Carneiro Campello.
 Marciano de Aguiar Moreira.
 Miguel Calmon du Pin e Almeida.
 Miguel Vicente Calmon Vianna.
 Mario Bulcão.
 Mario Guedes.
 Mario Saraiva.
 Natalicio Camboim de Vasconcellos.
 Octavio Duprat.
 Octavio Pinto Guedes.
 Oscar da Porciuncula.
 Oscar Dutra e Silva.
 Paulo Parreiras Horta.
 Plinio de Almeida Magalhães.
 Pedro da Costa Rego.
 Raul Ferreira Leite.
 Roberto de Almeida Cunha.
 Simeão dos Santos Leal.
 Sergio Barreto.
 Serapião Aguiar e Mello.
 Sylvio Ferreira Rangel.
 Theophilo Alvaro de Azevedo.
 Vicente Ferreira da Costa Piragibe.
 Victorino Ribeiro Carneiro Monteiro.
 Victor Leivas.
 Vidal Ramos.
 Valente de Andrade.
 Wilson da Cunha.

VENDEM-SE

reproductores de todas as edades da raça CARACÚ
 Informações com o Snr, Roberto Dias Ferreira
 Rua Primeiro de Março, 15-Sobrado

Orçamento do Estado de S. Paulo para o anno de 1917

Exposição apresentada ao Sr. Dr. Altino Arantes, presidente do Estado pelo
Sr. Dr. José Cardoso de Almeida, Secretario da Fazenda

Exm. Snr. Presidente do Estado:

Venho submeter á apreciação de V. Ex. as tabellas que devem servir de base á confecção do orçamento para o anno de 1917.

Com o firme proposito de colher elementos que habilitem o poder competente a organizar um orçamento que exprima, com verdade, as exigencias do serviço publico, de inteiro accôrdo com as instrucções de V. Ex., e graças á preciosa collaboração dos meus illustres collegas de governo, procedi a uma rigorosa revisão em todas as verbas de despesas pedidas pelas diversas Secretarias, na importancia de 90.243:000\$000, de modo a reduzi-las ao que fôr estritamente indispensavel para o custeio dos serviços e encargos existentes.

Desse trabalho, levado a effeito com a sincera preocupação de supprimir despesas adiaaveis e reduzir gastos excessivos, e, ao mesmo tempo, com o empenho de que, no orçamento figurem, com exactidão e a maxima clareza, todas as verbas destinadas ao pagamento dos serviços e responsabilidades actuaes, resultou a demonstração de que a despesa no exercicio de 1917 importará em 83.702:427\$000, assim distribuida:

Secretaria do Interior.....	25.307:844\$000
Secretaria da Justiça e Segurança Publica.....	18.183:696\$000
Secretaria da Agricultura.....	14.110:461\$000
Secretaria da Fazenda.....	25.100:426\$000
Total.	83.702:427\$000

Nesta somma de 83.702:427\$000, como V. Exa. verá pelas tabellas annexas, estão comprehendidas as dotações para todos os serviços a cargo das quatro Secretarias do Estado, destacando-se, dentre ellas, pelo seu vulto, as seguintes: Instrucção Publica, 18.508:000\$000 dos quaes para ensino primario 14.700:000\$000; saude publica 2.804:000\$, hospicio de alienados 966:200\$000, força publica 12.302:115\$,

justiça e ministerio publico 2.002:280\$000, serviço policial 1.715:820\$000, alimentação, vestuarios e mais despesas com presos pobres 1.670:580\$000, conclusão de obras publicas iniciadas anteriormente, inclusive a nova penitenciaria e o palacio das industrias, 2.250:000\$000, serviço agronomico, ensino agricola, immigração e colonização 1.922:000\$000, agua e exgottos da capital 1.860:320\$000, subvenções e garantias de juros a empresas de navegação e estradas de ferro, illuminação da capital, prolongamento da Estrada Sorocabana, etc., 4.334:395\$000, despesas com a arrecadação das rendas 3.010:436\$000, juros diversos e amortizações 13.782:475\$000, differenças de cambio 5.267:844\$000, subvenções a casas de caridade 1.000:000\$000, aposentados e reformados..... 1.544:115\$000.

Todos os serviços e todos os encargos foram attendidos com recursos sufficientes, de maneira que, no anno proximo, a despesa deverá ficar limitada exclusivamente á quantia referida, evitando-se assim os creditos supplementares, que são causadores das mais sérias perturbações orçamentarias.

Nas verbas da Secretaria do Interior houve o augmento necessario para occorrer-se ao pagamento das despesas com novas escolas e grupos escolares e com o funcionamento de mais um anno na Faculdade de Medicina.

Na Secretaria da Justiça foram mantidas as verbas actuaes, julgadas sufficientes para prover a todas as suas necessidades.

Nas dotações para os serviços a cargo da Secretaria da Agricultura houve pequena redução na despesa, o que não impediu que ella ficasse habilitada com os recursos de que carece.

As verbas da Secretaria da Fazenda foram contempladas com as sommas indispensaveis ao pagamento de juros e amortização das dividas externa, interna e fluctuante, ao pagamento das differenças de cambio e das despesas com a arrecadação, mas de modo a evitar-se a abertura de creditos quasi sempre exigidas para corrigir a insufficiencia das consignações.

A somma das despesas com os serviços no exercicio de 1917 é, com effeito, bastante avultada. Mas emquanto não se effectuar uma remodelação radical no nosso aparelho

administrativo, ella representa realmente as necessidades do Thesouro.

Acompanhando a marcha do engrandecimento e do progresso do Estado, as despesas da administração crescem extraordinariamente.

O ensino primario, secundario, normal e superior, o serviço sanitario, a justiça, a policia, a força publica, as obras publicas em geral, garantias de juros e subvenções a estradas e navegação, immigração, ensino agricola, serviço de agua da capital e exgottos da capital e de Santos, construção de estradas de ferro, tudo isso exige desenvolvimento de accôrdo com as necessidades publicas, acarretando sensivel augmento nas despesas.

Todas as reduções possiveis e permittidas pela actual organização dos serviços foram feitas na elaboração das tabellas, assim como foram contempladas, com a maxima exactidão, todas as verbas indispensaveis á administração.

Preoccupação primordial na organização das tabellas foi tornar um facto a ambicionada verdade orçamentaria, para que se normalize para sempre a situação do Thesouro e desappareçam, em definitiva, as surpresas e os deficits, motivados, em regra, pela insufficiencia de dotações.

Comquanto seja avultada a quantia de 83.702:477\$00, destinada ao custeio de todos os serviços no exercicio de 1917, é ella — devemos reconhecê-lo — muito inferior ás sommas que a administração se viu na contingencia de despende, nos ultimos annos, com os serviços ordinarios e extraordinarios, como abastecimento de agua e installação de exgottos na capital, prolongamento da Estrada Sorocabana, construção de predios para escolas normaes e grupos escolares, da penitenciaria e de cadeias, e outras diversas, de onde se depreheende que é apreciavel a economia que se pretende realizar.

Com os serviços ordinarios da administração e com as obras extraordinarias levadas a termo, a despesa de 1912 foi de 96.643:449\$415; a de 1913 elevou-se a 107.738:246\$456 e a de 1914 a 109.159:861\$773. Em 1915, obedecidas as instrucções de severas economias, determinadas pelo presidente de então, Conselheiro Rodrigues Alves, a despesa baixou a 93.697:072\$023, e, no exercicio corrente, ao influxo da politica de rigorosas economias, e em consequencia de cortes em muitas verbas do orçamento, a despesa será muito inferior a essa quantia, não devendo exceder de 84.000:000\$.

Posta a despesa do exercicio de 1917 no estreito limite de 83.702:427\$000, sufficiente comtudo para todos os serviços e encargos imprescindiveis da administração, nessa circumstancia estão a mais brilhante prova do sincero empenho do governo em reduzir consideravelmente os gastos publicos e o mais expressivo symptoma de que nos encaminhamos, com decidida segurança, para o restabelecimento do equilibrio orçamentario, tão benefico á regularidade dos negocios publicos quanto ao credito do Estado.

Para pagar as despesas decorrentes do custeio dos differentes serviços e do cumprimento pontual dos compromissos da administração, forneceram as fontes de renda do Thesouro, no decurso de 1915, a importancia de 79.311:101\$768.

Com as modificações trazidas pela Lei n. 1485, de 15 de dezembro de 1915, e pela Lei n. 1506, de 20 do corrente, ao processo da arrecadação do imposto do commercio e de industria e nas tabellas de outros impostos, e com a creação que essas leis determinam de novos tributos, a arrecadação, que já está sendo sensivelmente melhorada no actual exercicio, deverá soffrer consideravel accrescimento em 1917 si a conflagração europeia não vier a difficultar, como está fazendo no momento actual, a exportação da nossa produção.

A arrecadação do ultimo exercicio, a revisão feita nas tabellas de impostos e a melhoria que se verificará no processo da cobrança justificam a estimativa de 83.703:000\$000

para a receita do anno vindouro, sendo 37.800:000\$000 fornecidos pelo impostos de exportação, 8.000:000\$000 pelo imposto de transmissão de propriedade, 5.700:000\$000 pelo imposto predial e taxa de exgottos, 3.400:000\$000 de taxa de agua, 3.500:000\$000 de imposto de sello, 10.200:000\$000 pelo imposto sobre capital e sobre a renda, e o resto pelos demais tributos, taxas e contribuições.

A Lei n. 1560, de 20 do corrente, que acaba de ser votada pelo Congresso, consubstancia um conjuncto de medidas e providencias de innegavel alcance para a normalidade da administração.

Elia proporciona novos recursos ao Thesouro, tornando este apto a acudir ás necessidades do serviço publico e a resistir a crises que affectem determinadas mercadorias; procura generalizar o imposto de maneira que elle recaia sobre todos quantos exerçam uma actividade lucrativa no Estado e não sobre um só producto; diminue consideravelmente as despesas com o serviço de arrecadação das rendas; facilita a cobrança da divida activa e estabelece disposições adequadas a tornar efficiente a fiscalização do emprego dos dinheiros publicos do erario estadual.

O valor official do café, para a cobrança do imposto de exportação, foi fixado em quantia que representa a média do valor real do producto; as tabellas do imposto de commercio e de industria foram revistas de accôrdo com as classes interessadas. Dos tres alvitres apresentados para a diminuição das despesas com o functionalismo, suppressão de logares, redução de vencimentos ou imposto — foi preferido o ultimo por ser o menos prejudicial á classe dos servidores do Estado. A modificação introduzida na tabella das porcentagens que percebem os encarregados da arrecadação, além de trazer grandes economias para o Thesouro, deve fazer com que o producto dos impostos só seja destinado ao pagamento de razoavel remuneração aos empregados e não a dar-lhes excepcionaes e exaggerados vencimentos. A descentralização da cobrança da divida activa, de que cogita tambem a lei alludida, terá como effeitos maior presteza e maior segurança na arrecadação e, finalmente, as providencias adoptadas pela mesma lei no sentido de concentrar no Thesouro todos os pagamentos de obras, pessoal e serviços, muito concorrerão para a perfeita fiscalização do emprego dos dinheiros publicos.

Restringida a despesa á somma fixada e produzindo os impostos e taxas em vigor a quantia esperada, o exercicio de 1917 deverá ser encerrado com o orçamento equilibrado.

Para que tudo se normalize, com evidente proveito para o credito do Estado e estabilidade da situação do Thesouro, será mister que sejam respeitadas com o maximo escrupulo as verbas da despesa e se faça uma arrecadação criteriosa e regular.

Não havendo excesso de despesa sobre as verbas votadas, e dispondo o Thesouro de recursos proprios para attender aos encargos com todos os serviços, ha de, por força, exdesapparecer a necessidade de appellar-se para o credito, externo ou interno, e ha de assim ser alliviado o Thesouro de avultadas despesas decorrentes de juros e differenças de cambio.

Com rigorosa economia, com severa vigilancia na applicação dos dinheiros publicos e com uma regular e methodica arrecadação, conseguir-se-á, por certo, dentro em breve, a almejada normalidade da vida financeira do Estado.

Ninguem desconhece que a principal fonte de renda do Thesouro é o imposto de exportação de café.

E' ahí que repousa o systema tributario do Estado. Mas além de inseguro e falho, por collocar muitas vezes o Thesouro em situação de incerteza nos calculos e na arrecadação de suas rendas, como está; acontecendo no exercicio corrente em que foi calculada em 11.000.000 de saccas

a exportação de café, quando difficilmente attingirá a 9.000.000, esse systema é iniquo, porquanto faz recahir a tributação sobre uma só classe, quasi exclusivamente e difficulta além disso a expansão da nossa riqueza.

A generalização de impostos por todos quantos exerçam uma profissão lucrativa no Estado, sobre collocar o Thesouro ao abrigo de surpresas, virá influir efficazmente para que a lavoura possa ser alliviada, repartindo-se por todos os habitantes do Estado, na proporção dos seus haveres e lucros, a contribuição a que são todos obrigados e que se destina ao custeio dos serviços publicos, dos quaes irradiam beneficios que a todos attingem, indistinctamente.

Comprehendendo nitidamente os defeitos e os inconvenientes do nosso regimen tributario, os governos paulistas, desde 1904, têm procurado remodelal-o, de maneira a tornal-o não só equitativo e seguro, mas tambem não prejudicial ao desenvolvimento da nossa riqueza.

Ao contrario do que succede em quasi todos os Estados, nos quaes são cobrados impostos de exportação de todos os productos, em S. Paulo uma só mercadoria — o café — está sujeita a imposto de sahida, ao passo que os demais productos da agricultura ou da industria paulistas saem do Estado livres de imposto, sendo que o tributo existente sobre a exportação de couros, lenha e fumo representa mais uma protecção ás nossas industrias e defesa das nossas mattas do que verdadeiramente um imposto.

Assim sendo, não é difficil a S. Paulo collocar o seu systema tributario de accôrdo com os melhores principios economicos, conciliando os interesses do erario com os dos productores e contribuintes.

O imposto sobre o capital e sobre a renda, creado em 1904, e remodelado pelas leis de 1915 e 1916, o imposto sobre vencimentos, o imposto de viação, de sello de commercio, de industria, de transmissão de propriedade e outros vão, pouco a pouco, fornecendo recursos não só para normalizar-se a situação do Thesouro como para habilitar o Estado a ir diminuindo gradualmente os encargos que pesam sobre a industria agricola.

O imposto territorial, já instituido, pôde ministrar elementos valiosos para a completa reforma do systema vigente.

Ligando toda a attenção a este problema, o governo commissionou, ha pouco tempo, o Dr. Luiz Silveira, funcionario superior da Secretaria da Agricultura para estudar o processo adoptado na Republica Argentina e na do Uruguay, para a cobrança desse imposto.

No bem elaborado relatorio que apresentou, o Dr. Luiz Silveira expoz com clareza e proficiencia o resultado de suas observações e estudos.

Verifica-se por esse trabalho que as causas determinantes do insuccesso do imposto territorial em alguns Estados do Brasil e em varios paizes foram convenientemente removidas naquellas Republicas do Prata por meio de um engenhoso processo de cadastro e lançamento, o qual torna segura, equitativa e bastante rendosa a arrecadação.

O assumpto está sendo cuidadosamente estudado aqui e, dentro de pouco tempo, ficará o governo habilitado a propor ao poder competente as medidas necessarias para a boa e regular arrecadação do imposto territorial, que está fadado a substituir, com vantagem para o productor e para a expansão da nossa riqueza, o imposto de exportação e a servir de base para a reforma tributaria.

Verdade é que, ao mesmo tempo em que se clama pela redução dos encargos ora supportados pela lavoura, fazem-se censuras ou move-se opposição a toda e qualquer creação de novos impostos.

E', entretanto, impossivel fazer-se sensivel diminuição em certas verbas da receita, sem que somma correspondente seja reduzida da despesa ou novos recursos sejam postos ao alcance do Thesouro.

Para que não sejam desorganizados os serviços actuaes, e, ao mesmo tempo, possam ser attendidas as justas aspirações da classe agricola, torna-se precisa a chamada de outras classes á contribuição, generalizando-se assim os impostos pela collectividade, em geral.

Sem o concurso de outros contribuintes, e sem o auxilio de novas fontes de receita é impraticavel a satisfação dos desejos da lavoura e irrealizavel a equidade na distribuição dos impostos por todos quantos habitam o territorio do Estado.

A redução do imposto de exportação de 11 % para 9 % e a modificação da pauta de 200 para 650 réis, feitas, aliás, no louvavel intuito de beneficiar a lavoura, sem que tivesse havido nas despesas publicas diminuição correspondente e sem que tivessem sido creados novos recursos, sufficientes para supprir o desfalque havido, têm causado os mais graves embaraços á administração pela escassez de renda para as necessidades do serviço, dando lugar a *deficiências*, que ha muitos annos vêm difficultando e perturbando a vida do Estado.

O caminho mais seguro para conseguir-se o fim almejado e com tanto empenho desejado pelo governo de São Paulo, está na severa economia nas despesas, e na distribuição equitativa dos impostos. Sem redução nos gastos e sem novos elementos de renda que suppram a diminuição de tributos que se fizer em favor da lavoura, não será absolutamente possivel attender-se ao justo desiderato sem graves perturbações para a situação do Thesouro.

Com as medidas preparatorias que estão sendo postas em pratica pelo Congresso e pelo governo, tudo será opportunamente obtido sem abalos e com satisfação geral.

Além da distribuição equitativa dos impostos por todas as classes, isto é, por todos quantos exercem no territorio do Estado uma profissão, uma industria ou commercio, ficando a administração com recursos bastantes para attender ás necessidades do serviço publico, e diminuir o imposto de exportação do café, torna-se imprescindivel que, terminada a guerra europea e liquidados definitivamente os compromisso da valorização, seja supprimida completamente a sobretaxa de cinco francos, ou, então, que seja reduzida a uma quantia inferior com a condição de ser o seu producto integralmente destinado a auxiliar e favorecer as classes que com ella concorrem.

Mantendo-se fiel aos compromissos contrahidos com os seus credores e com a lavoura do Estado, o governo de São Paulo tem dado á sobretaxa o destino contractual e legal. O Estado de S. Paulo não incorporou a sobre-taxa ás suas rendas communs, nem com o seu producto custeia serviços ordinarios. Assim sendo, uma vez solvidas todas as responsabilidades a que ella serve de garantia, pôde a sobre-taxa ser supprimida ou reduzida sem causar esse facto a menor perturbação ás finanças do Estado.

Esta providencia, que constitue um esplenno compromisso do actual governo para com a classe dos lavradores, ha de produzir os mais fecundos proveitos não só aos productores como aos interesses geraes do Estado, ligados ao desenvolvimento das nossas forças productoras.

A remodelação do nosso systema tributario esbarra num sério obstaculo, que é a circumstancia de não vir sendo respeitada convenientemente a disposição constitucional que estabelece a partilha das rendas publicas entre a União e o Estado.

A esphera de tributação conferida aos Estados tem sido constantemente invadida, de modo que se torna insegura qualquer tentativa de reforma, a menos que se venha a ag-

gravar ainda mais a sorte do contribuinte com impostos cumulativos.

Os constantes desrespeitos da linha divisória, traçada pela Constituição, e as repetidas ameaças de novas invasões tolhem a acção dos Estados que desejam pôr o systema tributário de accordo com os bons princípios, collocando-os em situação de manterem indefinidamente o defeituoso, anti-economico e falho regimen que adoptaram ha muitos annos ou, então, de sobrecarregarem o povo com uma dupla tributação.

Não é a desigualdade imaginaria na partilha feita pela Constituição que pôde ser invocada como justificativa para a criação de impostos da exclusiva competencia dos Estados. Sob pretexto de defesa de grandes interesses nacionaes, em contraposição com os dos Estados, apparecem hoje paladinos da reacção contra o direito de tributar que a Constituição conferiu aos Estados, esquecendo-se elles de que seriam insustentaveis a federação e a unidade nacional si os Estados não dispuzessem de recursos proprios para a manutenção dos serviços que estavam a cargo do governo geral e que lhes foram transferidos.

Não se comprehende a União rica e prospera, formada de Estados pobres e fallidos.

Só a conciliação dos altos interesses da nação com os dos grandes e pequenos Estados é que pôde trazer a felicidade e a prosperidade da patria commum.

Os actuaes reaccionarios e defensores da doutrina de que os Estados devem ser aniquilados pela diminuição de suas rendas, são os mesmos que, ainda ha bem pouco, na imprensa e na tribuna parlamentar, pugnavam pelos direitos dos Estados, allegando que todos elles haviam sido lesados na partilha das rendas feitas pela Constituição Federal.

Um dos mais illustres e notaveis propagandistas que actualmente clamam contra os chamados interesses regionaes ou particularistas, não ha muito, na tribuna do Senado sustentava opinião inextrinamente opposta áquella pela qual hoje tão ardentemente se vem batendo.

Dizia então esse illustre senador:

"Examinemos agora em que consistem os grandes favores concedidos aos Estados e quaes os prejuizos causados á União pelo partido federalista da Constituinte.

Os impostos transferidos foram os de industria e profissão, transmissão de propriedade territorial e de exportação.

Mas estes tributos foram gratuitamente cedidos aos Estados? Não.

Houve uma descentralização de rendas e uma descentralização consequente de despesas. O producto dos impostos é superior á despesa com os serviços? Em um ou outro Estado, sim; mas na maioria, não.

A Republica deu aos Estados o imposto de exportação, que já pelo Acto Adicional pertencia ás provincias; os impostos de industria e profissão e de transmissão de propriedade, que a monarchia cogitava dar ás provincias, passando-lhes as despesas com a magistratura de primeira instancia, policia e culto, como se verifica em um trabalho do Sr. Paranaipiacaba, em 1883.

A conclusão é que a doação não foi tão generosa, tão larga como apregoam, e que o custeio das rendas da administração, policia, justiça, hygiene, obras publicas, viação, etc., observe as rendas estaduais na maioria dos Estados e alguns vivem ainda em difficuldades.

Não trato de renda de terras porque se sabe que, si é fonte importantissima de recursos nos Estados Unidos, entre nós nunca produziu cousa alguma.

Pergunto: qual foi o sacrificio imposto á União pelo triumpho da corrente federalista na Constituinte? V. Ex. vai ver, pela leitura das notas que tomei, dos ultimos relatorios da Fazenda, que a renda federal cresce prodigiosamente e não soffreu desfalque quando entrou em execução o systema constitucional, isto é, quando passaram aos Estados os impostos do art. 9º, da Constituição.

Si a União luta hoje com difficuldades financeiras — conclue o illustre senador — a culpa não é dos Estados, que ainda têm vindo em seu auxilio; a culpa é da prodigalidade com que despende ella os seus recursos e dos esbanjamentos a que se entrega."

Sem a fiel e rigorosa observancia das disposições constitucionaes, por parte da União e dos Estados, difficil será que as unidades da Federação possam reformar o seu systema de impostos e attender ás necessidades dos seus serviços sem augmento dos encargos que já tão fortemente sobrecarregam o povo brasileiro.

Para assegurar-se a inteira normalidade na vida financeira da União e dos Estados não bastarão, porém, a economia nas despesas e a elevação exaggerada dos impostos.

No augmento progressivo da nossa riqueza exportavel, no desenvolvimento das nossas forças productoras, é que estão os meios mais efficazes para o completo resurgimento da nossa grandeza.

Animar e incrementar a produção, destruir os obstaculos que tolhem ou difficultam a sua expansão, e, ao mesmo tempo, rodear os lavradores e productores em geral da maior somma de garantias e facilidades para que encontrem razoavel remuneração para o seu trabalho, é o dever dos poderes publicos.

Felizmente, outra não tem sido a orientação dos governos de S. Paulo, desde o tempo da monarchia.

A grande riqueza que hoje possuímos, a enorme produção que exportamos, augmentando dia a dia o patrimonio do Estado e beneficiando de modo extraordinario a situação economica de todo o Brasil, têm tido dos poderes publicos de S. Paulo o mais forte amparo e protecção.

E' verdade que o Estado de S. Paulo, pelo systema tributário actual, cobra impostos que recaem sobre a sua principal produção, mas tambem é certo e incontestavel que uma grande parte das rendas publicas tem sido e continua a ser applicada na criação, augmento e circulação dessa nossa produção.

Sommas avultadissimas, desde o tempo da antiga provincia, tem S. Paulo gasto em garantias de juros e subvenções ás estradas de ferro que constituem a nossa rede de viação, em auxilios a empresas de navegação maritima e fluvial, com a introdução de immigrants e colonização, com garantias de juros a bancos de credito real, bancos agricolas e bancos de custeio, com exposições e propaganda no estrangeiro para a conquista de novos mercados, com a defeza e a valorização do nosso principal producto de exportação, com o ensino agricola, com a aquisição de reproductores, com a fundação de institutos agronomicos, postos zootechnicos e fazendas-modelo, com a construcção de estradas de ferro e de rodagem e outros serviços, contribuindo assim o poder publico para a formação da maior riqueza do Brasil, fructo do incessante labor dos nossos benemeritos lavradores e que constitue o mais admiravel attestado do valor e da tenacidade dos paulistas.

Seguindo a sábia orientação que desde muitos annos os governos paulistas adoptaram, em relação ao desenvolvimento economico do Estado, o governo de V. Ex. não se tem descuidado, nem se descuidará, por certo, de destinar

uma grande parte das rendas em benefício do desenvolvimento das forças productoras do Estado, do mesmo modo por que ora se empenha em vir em auxílio dos productores, procurando instituir medidas e providencias que amparem a produção e diminuam o seu custo.

Dentre essas medidas, a criação das caixas economicas, com applicação dos respectivos depositos em proveito da lavoura e da industria, e a fundação dos bancos de credito popular, que ainda este anno se converterão em feliz realidade, assim como a isenção de impostos sobre emprestimos destinados á agricultura, virão contribuir de modo efficiente para que os productores encontrem, em condições vantajosas, os recursos de que necessitam, e demonstrem o empenho dos poderes publicos em zelar por tão magnos interesses.

Com severa economia nas despesas, com rigorosa fiscalização no emprego dos dinheiros publicos, com uma dis-

tribuição equitativa de impostos por todas as classes, com o desenvolvimento das nossas forças productoras e com o amparo e a protecção aos agricultores, havemos de cumprir, dentro de pouco tempo a obra patriótica de restabelecer a normalidade da situação financeira do Estado.

Regularizadas as nossas finanças, e desenvolvida a nossa produção, convenientemente amparada pelos poderes publicos, o Estado de S. Paulo ha de continuar a ser o contribuinte maximo das rendas federaes e o maior productor da riqueza exportavel do Brasil, concorrendo dest'arte, e como nenhum outro, para o progresso effectivo e para o engrandecimento da nossa patria.

S. Paulo, 23 de Outubro de 1916.

J. CARDOSO DE ALMEIDA.

PARANÁ--SANTA CATHARINA

O ACCORDO DO CONTESTADO

Mensagem enviada pelo Exmo. Sr. Dr. Affonso Camargo, presidente do Estado do Paraná, á respectiva Assembléa Legislativa, reunida em sessão extraordinaria, para tratar da questão de limites.

Senhores Deputados ao Congresso Legislativo do Estado. Quiz a fatalidade historica que, ao dirigir-me pela primeira vez, aos legitimos representantes do povo paranaense, fosse para dar-lhes conta do convenio por mim assignado na Capital da Republica em data de vinte do mez findo, para a determinação definitiva dos limites entre o nosso Estado e o de Santa Catharina isso por força do decreto n. 857, de 26 de Outubro, que vos convocou extraordinariamente para conhecerdes esse assumpto tão importante quão melindroso.

Tratando-se de uma questão transcendental, sob todos os pontos de vista em que se a encare, faz-se mister que antes de abordar o assumpto principal que deverá occupar a vossa preciosa attenção, eu vos exponha, com toda a lealdade e franqueza, os motivos determinantes do compromisso moral por mim assumido, decorrente do alludido convenio, fazendo para isso, um ligeiro historico da causa em suas diversas phases e aspectos. Parte integrante de S. Paulo, constituindo a sua antiga quinta comarca, foi o Paraná erigido á categoria de provincia, por força da lei n. 704, de 29 de Agosto de 1865, não obstante essa lei, portadora de nossa emancipação politica, ter expressamente declarado que a nova provincia continuava com os limites que tinha a comarca de Curityba; não obstante isso, repito, os nossos visinhos do Suéste continuavam a luta, que já vinham sustentando, ha muitos annos, com a antiga provincia, hoje Estado de S. Paulo, para o effeito de expansão das suas fronteiras, no territorio comprehendido entre os rios Negro, Iguassú, Santo Antonio, Peperiguassú e Uruguay. Esta luta, á medida que continuava tenaz e persistente por parte dos nossos visinhos era encarada com optimismo pelos paranaenses que, necessariamente, confiantes em seus direitos e na extensão e riqueza do seu territorio, fecharam os olhos ás successivas invasões de S. Bento, Curitybanos, Campos Novos e, ultimamente de Canoinhas. Meios suasorios foram buscados para dirimir a secular contenda, e sempre a fatalidade nos collocava em situação completamente antagonica aos nossos inconcussos direitos. Proposto pelo Deputado por Santa Catharina á Assembléa Geral do Imperio,

Sr. Livramento, que o limite Sul da nova provincia do Paraná, fosse pelo rio Canoinhas e por aquelle em que este cáe, foi essa proposta retirada, mais tarde, pelo seu autor, sob o fundamento de que estava de accordo com a discussão havida, para que os limites do Paraná com Santa Catharina, fossem opportunamente determinados por lei ordinaria. O acto do saudoso paranaense conselheiro Jesuino Marcondes, estabelecendo a linha do "stato quo" pelo rio Marombas, entre os dous Estados, "ex-vi" do Decreto 3.378, de 16 de Janeiro de 1865, foi de grande alcance politico e attingirá ao alvo collimado se fosse mais amplo, pois assim evitaria a sua revogação, pouco tempo depois, por actos administrativos, que reconheceram a posse de Santa Catharina, na região do rio do Peixe. Estou convencido de que se aquella linha fosse traçada pelo rio Negro até cahir no Iguassú, e dahi a procurar no meridiano Sul, a bacia do rio do Peixe, em a parte já sob a jurisdição de Santa Catharina, abrangendo Campos Novos, não daria lugar ao litigio judiciario, que nos foi tão fatal, attendendo a que, até então a base da argumentação dos nossos visinhos era o alvará de 1740 e ainda mais, porque era o territorio de que fallava Corrêa Pinto, dando o Campo da Estiva ao Norte e o rio Pelotas ao Sul, para delimitar o termo de Lages, que mais tarde teve, nas decisões judicias proferidas contra o Paraná a extraordinaria virtude de abarcar todos os territorios que ficavam na sua frente Oeste até á fronteira argentina inclusive Porto União e Palmas, descobertos, muito tempo depois do povoamento e elevação daquelle termo. Levada a questão, já na Republica, ao conhecimento do Congresso Nacional, foi a respectiva commissão da Camara dos Deputados de parecer que os limites entre os dous Estados deviam ser determinados pelos rios Negro e Iguassú até á fronteira argentina, justamente o que pretendia o Estado de Santa Catharina. Obstando o proseguimento na discussão desse parecer para que a questão fosse decidida por arbitramento, fracassou este, sob o fundamento de preterição de fórmulas constitucionaes, depois do Paraná ter obtido a sua primeira victoria, com a escolha, para arbitro, do eminente

Não desanimado ainda com esta minha resposta, S. Ex. o Sr. Presidente da Republica enviou novamente a esta capital o seu já referido emissario, no sentido de scientificar-me da marcha das negociações, a qual deu em resultado a possibilidade de ser acceita por Santa Catharina a divisa pelo rio da Areia, isso depois do esforço maximo empregado por S. Ex. para dar o melhor cumprimento ao honroso mandato que o Paraná lhe tinha conferido. Em solução a esse novo appello do eminente Chefe da Nação, escrevi á S. Ex. a carta abaixo transcripta: "Exmo. e prezado amigo Sr. Dr. Wenceslão Braz, DD. Presidente da Republica. Respeitosas saudações. Tenho a honra de accusar muito penhorado o recebimento da carta de V. Ex., de que foi portador o illustre Commandante Thiers Flemming. O patriotico esforço que V. Ex. tem empregado para dirimir amigavelmente a questão de limites entre o meu Estado e o de Santa Catharina, correndo assim para estreitar os elos da Federação Brasileira, aconselhou-me a uma medida que julgo necessaria, desde que V. Ex., com alevantada nobreza e grande generosidade não quiz sem meu prévio assentimento utilizar-se dos plenos poderes que conferi a V. Ex. Resolvi, portanto, ouvir as representações federal e estadual do meu Estado, sob a proposta que me foi transmittida pelo illustre emissario de Vossa Ex., de modo a poder agir com mais segurança em assumpto tão importante quão melindroso. Isso posto, darei a Vossa Ex., uma solução definitiva até o fim do corrente mez ou o mais tardar até os primeiros dias do mez vindouro. Penso eu, assim, corresponder ao patriotico esforço de V. Ex. e aproveito o ensejo para reiterar a V. Ex. os protestos da minha mais distincta consideração, estima e profunda sympathia. De V. Ex., am^o., aff. adm. a) — Affonso Alves de Camargo." Effectivamente, para dar cumprimento ao que acima ficou exposto, convoquei a reunião de que tendes conhecimento e que se realizou nesta cidade no Palacio Presidencial, em o dia 21 de Junho do corrente anno, e á qual comparestes juntamente com os Srs. Desembargadores do Supremo Tribunal de Justiça, representantes do "comité" de limites e da imprensa patricia. Nesta reunião, sois testemunhas, vos expuz, sem qualquer "parti-pris", qual a nossa situação, dando-vos conhecimento de todos os argumentos favoraveis ou não á nossa causa e, mais ainda que a representação federal se declarava solidaria com a minha ultima solução dada ao Exm. Sr. Presidente da Republica. Depois da memoravel discussão, durante a qual eu bem comprehendí a luta que vos ia n'alma, pois eu sentia commoções iguaes no momento em que

o cerebro precisava fallar mais alto que o coração e este não queria ceder-lhe a primazia, depois dessa memoravel discussão, repito, resolvestes, dirigir ao honrado Sr. Presidente da Republica a seguinte moção: "O Congresso Legislativo do Estado do Paraná, em reunião reservada, convocada pelo Sr. Presidente do Estado, para ter conhecimento das negociações promovidas por S. Ex. o Sr. Presidente da Republica, de um accordo para dirimir a questão de limites entre os Estados do Paraná e Santa Catharina por unanimidade de seus membros presentes, constituindo a maioria daquela corporação, legislativa por dous terços e solidariedade de outros ausentes, resolveu o seguinte: 1º, que louva a acção patriótica do honrado Sr. Presidente da Republica promovendo a solução amigavel da questão de limites entre os Estados litigantes; 2º, que se sente constrangido em acceitar a linha do rio da Areia, como doloroso lhe seria acceitar previamente qualquer outra divisa que trouxesse desagregação de povoações paranaenses, querendo, entretanto, ir ao encontro da louvavel e patriótica iniciativa do Sr. Presidente da Republica, dá plenos poderes a S. Ex. para, em nome do Paraná, traçar a linha que em sua alta sabedoria julgar conveniente para dirimir a questão. Assignados: Affonso Alves de Camargo Presidente do Estado; Dr. Trajano dos Reis Presidente do Congresso; Telemaco Borba, 1º Vice-Presidente do Congresso; Francisco de Paula Guimarães, 1º Secretario; José Nunes Sardenberg, 2º Secretario; Deputado João Sampaio, Alfredo Leissiler, Jayme Baillão, José Mercado Junior, Olivio Carnascioli, Antonio Lobo, Bertholdo Lauser, Arthur Martins Franco, Brasilio Ribas, Leopoldo de Abreu, Arlindo Martins Ribeiro, José Julião, Cleto da Silva Elyzeu de Campos Mello, Romulo José Pereira, José Pinto Rebello Junior, Deputados; Desembargadores Joaquim Antonio de Oliveira Pontes, Presidente do Tribunal; Annibal Valente, Euclides Bevilacqua, Felinto Teixeira, Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Secretario da Fazenda, Agricultura e Obras Publicas; Enéas Marques dos Santos, Secretario do Interior; Clotario de Macedo Portugal, Procurador Geral da Justiça; Lindolpho Pessoa da Cruz Marques, Chefe de Polícia; João Antonio Xavier, Prefeito; Coronel Fabricio do Rego Barros, Commandante do Regimento de Segurança; Tenente-Coronel Benjamin Augusto Lage, Commandante do Corpo de Bombeiros; João Moreira Garcez, Engenheiro-Director de Obras e Viação; 2º Tenente Euclides Silveira do Valle, Ajudante de Ordens do Sr. Presidente do Estado; Amazonas de A. Marcendes, Prefeito de União de Victoria." Investido assim o Sr. Presidente da Republica de plenos poderes para resolver, em nome do Paraná, a questão de limites, continuou S. Ex. em negociações com o Governador de Santa Catharina, até que recebi de S. Ex. ainda por intermedio do Sr. Commandante Flemming, a carta já publicada e que aqui peço venia para reproduzir. Eil-a:

"Rio, 27 de Setembro de 1916. Secretaria da Presidencia da Republica. — Prezado amigo Dr. A. de Camargo. Affetuosas saudações. Nosso amigo Capitão de Fragata Thiers Flemming narrará o que houve relativamente á questão de limites posteriormente ás ultimas communicações feitas ao Presidente amigo. Depois de longas negociações, insisti sobre as duas soluções: estrada de ferro até lugar e deste ponto em recta até a Jangada Ribeirão da Areia e da cabeceira deste á estrada de ferro e por esta até o divisor das aguas, mas estas propostas foram ainda recusadas por Santa Catharina que alvitrou duas outras não acceitas pelo Paraná, conforme sabe o amigo. Tendo o maior empenho em que não fracassem assim as negociações, apresentei novo alvitre a Santa Catharina, fazendo appello ao seu illustre Governador, que é um Brasileiro patriota e digno. Afinal, este alvitre foi acceito com grande contentamento meu e estou certo de que todos os Brasileiros assumem o compromisso de conseguir a acquiescencia do Paraná e o fiz confiado na generosidade do mandato que me conferiram os chefes paranaenses e na convicção em que estou de que a solução convém muitissimo ao Paraná. Eis a solu-

ção acceita por Santa Catharina: Divisa pela estrada de ferro até a estrada de rodagem de Anhumas, por esta até o Jangada e por este acima até o divisor das aguas, seguindo-se por este até a Argentina. Estou certo de que os paranaenses receberão com prazer essa solução, que terá os applausos do Brasil inteiro. Abraços do collega e amigo admirador (a). — W. Braz".

Diante do exposto, vereis que me era absolutamente impossivel recuar do compromisso tão expressamente assumido perante o Chefe da Nação, pois isso importaria na morte moral do nosso Estado e as consequencias deste acto não se fariam esperar, conforme tive occasião de declarar á commissão que me procurou para aconselhar-me a não ratificar a solução dada pelo nosso arbitro. E vereis, tambem pelo exposto, que tive o maior cuidado em salvaguardar a honra e dignidade do nosso Estado, não propondo linha divisoria e apenas acceitando aquella determinada pelo Chefe da Nação, a quem foram conferidos os necessarios poderes. Explicada assim, sob o ponto de vista moral, a minha acção para a realização cumpre-me agora esclarecer-vos qual a nossa situação juridica em face da questão. A execução da sentença promovida pelo Estado de Santa Catharina, foram oppostos embargos pelo Paraná, sem que os nossos advogados e todos os paranaenses mantivessem qualquer illusão quanto ao resultado final da causa, por todos reputada irremediavelmente perdida. Quero porém, contrariando a dura realidade, afirmar que não era uma causa completamente perdida, para chegar aos seguintes resultados: o Supremo Tribunal poderia reconhecer a inexistencia da lei para a execução de sentença da natureza da de que se trata, não obstante já ter proferido decisão em contrario, accordo de 10 de Agosto de 1910, proferido na acção de limites entre Matto Grosso e Amazonas ou julgar-se incompetente para decidir da questão deixando a mesma affecta ao Congresso Nacional, ou, finalmente, resolver "de meritis" a favor do Paraná. São essas as hypothesees que se nos poderiam apresentar. Quaes as consequencias de cada uma dellas? Decerto que não havia lei para a execução, mas essa lei poderia ser votada em poucos dias tanto mais quanto já existe no Senado, o respectivo projecto aguardando terceira discussão, ou não se votaria, desde logo esse projecto, protellando-se a execução por mais algum tempo. Mas, está plenamente provado pelos factos anteriores que a protellação só nos tem sido fatal. Julgando-se incompetente, o Tribunal para decidir a questão e sendo affecta esta ao Congresso Nacional, que poderíamos esperar? Que o Poder Legislativo reconhecesse o nosso direito em todo o territorio contestado? Isso absolutamente não se daria já, porém, o Congresso Nacional, em parecer allí existente, reconheceu todo o Contestado como pertencente á Santa Catharina e já, porém quando quizesse agora ser mais equitativo, está visto que não determinaria limites outros que não fossem os que tivessem como sequencia uma linha que nos garantisse quando muito a metade do territorio ainda sob a nossa jurisdicção prestigiada como estava Santa Catharina, por tres sentenças a seu favor, além de ser um Estado pequeno; essa metade seria constituída pelo territorio comprehendido entre os rios Iguaçu, Jangada, divisor das aguas rio das Antas, mappa dos engenheiros Abreu e Corrêa (ou Copetinga), mappa de Martins (Uruguay Peperiguassu e Santo Antonio), parte essa que nos tocaria porquanto a invasão de Canoinhas, collocado á margem esquerda do rio Negro, em um circulo de ferro, auxiliada pela nossa confissão nos autos e o nosso argumento maximo de limites pelo campo da estiva do Norte e rio Pelotas ao Sul, tinha previamente condemnado aquelle trato de terra. Por outro lado, se ainda pudessemos esperar do Supremo Tribunal a reforma de "meritis" da sentença a nos contrariar, é claro que não devíamos ter a honrosa pretensão de que o mesmo Tribunal reconhecesse o nosso direito em todo o territorio contestado depois de tres accordãos contrarios, mesmo porque, se elle o quizesse fazer, não o poderia desde que já

tinham todos confessado nos respectivos autos da acção, que o limite devia ser declarado pelo rio Negro, até cahir no Iguaçu, hypothese essa em que perderíamos a margem esquerda do rio Negro e as povoações alli existentes como sejam: Itayópolis e Tres Barras. Além disso, é de vêr que o Tribunal quando quizesse modificar as suas sentenças, teria de ser coherente com os seus argumentos e nesse caso o mais que poderia fazer em pròl dos nossos direitos, seria declarar que a pretensão dos hespanhões e depois dos seus successores abrangia o territorio comprehendido entre os rios Jangada, Iguaçu, Chapécó e Uruguay e que nessas condições a região de dividir na linha oeste (respeito aos hespanhões confinantes) deveria attingir até aquelle ponto do territorio contestado, ficando ao Paraná a zona comprehendida entre aquellos rios, tanto mais quanto nem a nosso argumento em opposição ao alvará de 20 de Novembro de 1749, relativamente á barra austral de S. Francisco, poderia prevalecer depois de ser conhecida a resolução legislativa de 3 de Outubro de 1832, concebida nos seguintes termos: "a regencia em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II, ha por bem sancionar e mandar que se execute a seguinte resolução da Assembléa Geral Legislativa tomada sobre outra do Conselho Geral da Provincia de Santa Catharina. Artigo 1.º O territorio entre a margem Sul do Saí, na Provincia de Santa Catharina, fica desannexado do termo da cidade do Desterro e incorporado ao termo da Villa de Nossa Senhora da Graça do rio de São Francisco Xavier, do Sul. Artigo 2.º Ficam sem vigor quaesquer leis ou disposições em contrario. — Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro, 3 de Outubro de 1832, undécimo da Independencia e do Imperio, Francisco de Linhares e Silva, José da Costa Carvalho, João Bráulio Muniz, Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro." O "croquis" em annexo bem vos orientará sobre a situação geographica do Contestado em relação a este Estado e ao de Santa Catharina, mostrando a nossa actual jurisdicção, a parte que nos ficará pertencendo pelo convenio, caso seja o mesmo acceito, e esclarecerá sobre as diversas hypotheses que venho de suggerir. Do territorio actualmente sob nossa jurisdicção, ficará pertencendo a este Estado, depois de approvado o convenio, a área de 20.310 kilometros quadrados. Na hypothese de que fosse adoptada a linha divisoria do Jangada, divisor das aguas do rio das Antas que constitue a metade do territorio sob a jurisdicção do Paraná, seria de 3.550 kilometros quadrados. Caso fosse estabelecida a linha Iguaçu-Jangada-Chapécó, maximo da nossa previsão, isto é, mais de metade do alludido territorio, a nossa perda seria então de 9.360 kilometros quadrados. E nem se diga que, na hypothese de uma decisão pelas modalidades aqui indicadas, entraria no computo de qualquer equidade o territorio sob a jurisdicção de Santa Catharina, pois isso seria um absurdo maior do que o de ainda esperarmos uma decisão a nosso favor.

Para reivindicarmos esse territorio já occupado pelos nossos vizinhos, não poderíamos argumentar nem com o "uti possidetis", nem com documentos, visto como nelle não mais tínhamos posse, nem documentos que invalidassem a nossa propria confissão de serem os limites declarados pelo rio Negro até cair no Iguassu, ou do campo da Estiva, ao norte, e rio Pelotas, ao sul e, ainda, pelo facto de sempre termos respeitado o aviso de 14 de Janeiro de 1879 que, alterando o decreto n. 3.378, de 16 de Janeiro de 1865, estabeleceu os limites provisórios pelos rios Peixe e Goyro, em parte o acto de jurisdicção dos dous Estados.

Em synthese, na hypothese, a mais optimista, de não estar tudo perdido, mas sim de ainda o Tribunal voltar atraz, o que poderíamos obter a mais do que o estabelecido pelo convenio, como já demonstrámos ao computar no calculo a parte comprehendida entre o Jangada e Porto União, seria a área entre o divisor das aguas do rio das Antas, Uruguay e

Peperyguassú, em um total de 3.550 kilometros quadrados igual a 98 leguas quadradas e 6 decimos, ou a comprehendida entre o divisor das aguas e rios Chapécó, Uruguay e Peperyguassú, em um total de 9.360 kilometros quadrados, equivalente a 260 leguas quadradas, e isso acceitando como exacto o mappa de autoria dos engenheiros Abreu e Corrêa, o qual dá como menos extensa a bacia do rio Iguassú, no Contestado do que a do Uruguay, quando o mappa confeccionado pelo Sr. Romariz Martins dá as bacias dos dous rios com faixas de terra approximadamente iguaes.

Pois bem, perguntaremos agora: a perda dessa área relativamente pequena, não ficará compensada com as vantagens decorridas da terminação de uma questão secular, que já tanto sangue e sacrificios tem custado à União e aos Estados litigantes? Da paz e tranquillidade de que gozarão as populações; da estabilidade dos direitos privados perfeitamente garantidos em toda a sua plenitude; do desdobramento pacífico de trabalho que augmenta a produção e do desenvolvimento desta que augmenta a riqueza; do desaparecimento do perigo iminente; da perda de todo o territorio attingendo os limites da cidade de União da Victoria, ponto de grande importância economica e chave principal de commercio na zona sudoeste; de continuarem a subsistir todas as actuaes comarcas do Estado com a não extincção das de Palmas, União da Victoria e Rio Negro, cujas imputações poderão ser compensadoras dos territorios que perderem com outras equivalentes dentro dos limites do nosso ainda vasto Estado, com o facto de ficar alterado o mappa official da Republica Brasileira que ha mais de dous lustres dá todo o Contestado como pertencente a Santa Catharina; de ficarmos ainda com uma extensão territorial duas vezes maior que a dos nossos visinhos; de termos uma sahida digna evitando o terrivel dilemma de derramarmos inutilmente o sangue patricio, commettendo um crime, embora como lenitivo á nossa dôr, ou de entregarmos o territorio sem esse protesto com o anniquilamento da nossa honra empenhada em defendel-o com armas na mão, caso nãol-o quizessem arrancar violentamente, e finalmente, de tanhol-os quizessem arrancar violentamente, e finalmente, de trabalhos outros beneficios que forçosamente trarão a paz e o trabalho intelligente sob as bençãos de todos os brasileiros? A vós, Srs. Representantes do povo paranaense, cumpre responder a todas essas perguntas com a acceitação ou impugnação do convenio que ora submetto ao vosso estudo, concebido nos seguintes termos: "Accôrdo assignado entre os Estados do Paraná e Santa Catharina, para solução da questão de limites — Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1916. Os Estados de Santa Catharina e do Paraná, representados este pelo seu Presidente Dr. Affonso Alves de Camargo e aquelle pelo seu Governador, Coronel Felipe Schmidt, inspirados no amor á paz da Republica e na harmonia, confiança e amizade que os devem unir, como membros que são da mesma Patria, accudindol-os ao appello que lhes dirige o Sr. Presidente da Republica, Dr. Wenceslão Braz Pereira Gomes, no sentido de porem termo, por meio de um accôrdo, á questão de limites em que ha longos annos estão empenhados e ora pendende de decisão do Supremo Tribunal Federal, e tendo em consideração o disposto nos artigos 4 e 34 n.º 10, da Constituição Federal, convencionou o seguinte: 1.º Os limites entre os dous Estados passam de agora em diante a ser os que vão em seguida indicados: no littoral: entre o Oceano Atlantico e o rio Negro, a linha divisoria que tem sido reconhecida pelos dous Estados desde 1771; no interior: o rio Negro desde suas cabeceiras de um até sua foz no rio Iguassú e por esta até á ponte da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande pelos eixos desta ponte e da mesma estrada de ferro até sua intercepção com o eixo da estrada de rodagem que actualmente liga a cidade de Porto União da Victoria á cidade de Palmas, pelo eixo da referida estrada de rodagem até o seu encontro com o rio Janagada, por esse acima até suas cabeceiras e dahi em linha recta, na direcção do meridiano até sua intercepção com a linha divisoria das aguas dos rios Iguassú e Uruguay e por esta linha

divisória das ditas águas na direcção geral do oeste até encontrar a linha que liga as cabeceiras dos rios Santo Antonio Peperý-Guassú, na fronteira argentina. 2.º O Presidente do Paraná e o Governador do Estado de Santa Catharina convocarão para o mez de Novembro proximo vindouro as respectivas Assembléas Legislativas, as quaes se manifestarão sobre este accôrdo depois de resolverem a respeito da regularidade do processo nelle seguido. 3.º Em Fevereiro de 1917, a Assembléa do Paraná, em sua sessão ordinaria, e a de Santa Catharina, de novo convocada extraordinariamente, emittirão pela segunda vez o seu voto sobre o mesmo accôrdo. 4.º Approvado assim em duas sessões annuaes successivas pelas Assembléas Legislativas dos dous Estados será o accôrdo immediatamente submettido ao conhecimento do Congresso Nacional e trinta dias depois de publicada a lei que o approvar, o Estado de Santa Catharina, por effeito da mesma lei, entrará na posse e jurisdicção da zona que dentro do territorio que ora lhe é reconhecido se acha actualmente na posse e jurisdicção do Paraná. 5.º Os dous Estados obrigam-se a não promover assim no curso deste accôrdo, como mesmo depois de sua approvação pelo Congresso Nacional e de ser o Estado de Santa Catharina empossado no territorio que ora lhe é reconhecido o andamento da execução da sentença já proferida na alludida questão de limites e dos embargos que lhe foram oppostos. Se a qualquer tempo alguma decisão judiciaria vier alterar a linha de limites agora ajustada, os dous Estados declaram desistír de todo o beneficio que dahi possam advir e se compromettem a manter e respeitar integralmente a dita linha de limites. 6.º Publicada a lei e a approvação do Congresso Nacional, proceder-se-ha á demarcação dos limites convencionados, onde de accôrdo com os dous Estados ella se fizer necessaria. A demarcação será iniciada dentro de noventa dias e levada a effeito por delegados do Governo Federal, com assistencia de um representante de cada Estado. 7.º Se até 15 de Dezembro, deste anno, a Assembléa Legislativa de qualquer dos Estados, não approvar pela primeira vez o accôrdo ficará este sem effeito. O mesmo acontecerá se até 31 de Março de 1917 não fôr elle approvado segunda vez pelas mesmas Assembléas ou até o dia 3 de Setembro do mesmo anno de 1917, não o approvar o Congresso Nacional. 8.º A renda arrecadada pelas repartições fiscaes paranaenses até o dia anterior ao inicio da jurisdicção do Estado de Santa Catharina, pertencerá ao Estado do Paraná. 9.º Serão respeitados e mantidos pelo Estado de Santa Catharina todos os direitos privados, creados até hoje no territorio que passa á sua jurisdicção por actos regulares legislativos ou executivos do Estado do Paraná. 10.º As causas pendentes, no momento em que se iniciar a jurisdicção do Estado de Santa Catharina no territorio que lhe é reconhecido e oriundas deste territorio, continuarão sujeitas aos Tribunaes competentes do Estado do Paraná, de conformidade com a sua legislação, para firmeza do que o Governador do Estado de Santa Catharina, Coronel Felipe Schmidt, e o Presidente do Estado do Paraná, Dr. Affonso Alves de Camargo, assignam o presente accôrdo em duplicata e na presença do Sr. Presidente da Republica Dr. Wenceslão Braz Pereira Gomes e dos Srs. abaixo assignados, aos 20 de Outubro de 1916, nesta cidade do Rio de Janeiro. — Felipe Schmidt — Affonso Alves de Camargo — Urbano Santos da Costa Araújo — Antonio Azeredo — Herminio Francisco do Espirito Santo — João Vespucio de Abreu e Silva — Francisco de Paula e Silva — Francisco de Paula Rodrigues Alves — Nilo Peçanha — J. L. Coelho e Campos — J. X. Guimarães Natal — André Cavalcanti de Albuquerque — Pelo Presidente do Rio Grande do Sul, Victorino Monteiro — João Pandiá Calogeras — Alexandrino de Alencar — José Caetano de Faria — Carlos Maximiliano — Tavares de Lyra — Lauro Muller — L. M. de Souza Dantas — José Bezerra — Abdon Baptista — Hercilio Pedro da Luz — Generoso Marques dos Santos — Eugenio Muller — Gustavo Lebon Regis — Celso Bayma — João Perinetta — Luiz Bartholomeu — Aristarcho Lopes, representante

de Pernambuco — Arthur Q. Collares Moreira, Maranhão — João de Lyra Tavares, Rio Grande do Norte — Senador Cunha Pedrosa representante do Estado da Parahyba do Norte — Dr. Justiniano de Serpa, representante do Governador do Pará — Dr. Arthur Lemos, idem — Antonio Dias Rollemberg, representante de Sergipe — Dr. Alfredo Ellis — A. A. de Azevedo Sodré — Dr. João Carlos Pereira Leite, representando o Estado de Matto Grosso — delegação do Sr. Dr. João Thomé de Saboya e Silva, Presidente do Estado do Ceará; Pedro Augusto Borges; Aurelino de Souza Leal, Candido Mariano, Barrão Homem de Mello, Dr. Theophilo Nolasco de Almeida, Hermenegildo de Moraes, representante do Estado de Goyaz; Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, Elyseu Guilherme de Lima, Marechal X. da Camara, Desembargador Caetano Miranda Montenegro, Presidente da Corte de Appellação; Dr. Brasílio Machado, Vice-Almirante Gustavo Antonio Garnier, Ribeiro Junqueira, Augusto Ramos, Dr. André Gustavo Paulo de Frontin, Dr. Velasco Vereza, Dr. Archimedes de Oliveira, Dr. Ubaldino do Amaral, Dr. Sancho de Barros Pimentel, Joaquim Luiz Osorio, Figueiredo Vasconcellos, Miguel Calmon du Pin e Almeida, Chrispim Meira, J. M. Cardoso de Oliveira, Dr. Candido Mendes de Almeida, Professor R. Lassance Cunha, da Escola de Odontologia; Dr. Henrique Guimarães, idem, idem; Julio Cesar Tavares, Fausto Ferraz, Deputado; Abelardo Luz, Raymundo Pereira da Silva, José Alves Ferreira de Mello, Deputado Gomes Freire de Andrade, Deputado Frederico Schumann, João Moreira Garcez, Engenheiro Director de Obras e Viação do Paraná; Thucydides da Motta, Negrua Paulo Vasconcellos Varzea, 1º Tenente Oswaldo Costa, da Directoria do Club Militar; Francisco Bressane, Deputado Augusto de Araújo Lima, 2º Tenente Euclides do Valle, ajudante de ordens do Presidente do Paraná; João Collaço, Capitão de Mar e Guerra Oliveira Sampaio, Capitão de Mar e Guerra Alypio Dorea, Liga dos Aspirantes, Dr. Pedro Hercilio Luz, do Instituto Historico e Geographico Fluminense; o Presidente Dr. Simões da Silva, Thiers Flemming, Ephygenio de Salles, Bacharel Alberto Porto Rodrigues da Silveira, da "A Epoca"; Cornelio ardim, da Associação Commercial; 1º Tenente Sylvio Schoeleder 1º Tenente; Julio Gaertner da Directoria do Centro Paranaense; Ignacio Veiga, Nelson da Veiga, Luiz Guimarães Filho, do Centro Industrial do Brasil, por si e por Gabriel Osorio de Almeida; J. A. Costa Pinto, Julio B. Ottoni, Dr. P. de Almeida Godinho, Arthur Pereira da Costa, José de Azevedo Leite, José Agostinho dos Reis, General Ignacio de Alencastro Guimarães, Felipe Antonio Xavier de Barros, Onesimo Coelho, Paulo Dalle, João Alves de Oliveira, Dr. Carlos Pinto Seidl, Coronel Olavo Manoel Corrêa, Deputado Henrique Valga, Godofredo Oliveira, Dr. Alfredo Rocha, José Luiz L. de Bulhões Carvalho, Dr. José Joaquim da Costa Pereira Braga, Felix Pacheco, Sebastião Sampaio, Thomaz Gomes Viegas, Edison Eugenio Leal, pela Associação Commercial; J. G. Pereira Lima, idem; Humberto Taborda, idem; João Coelho Gomes Ribeiro, ex-chefe de policia da antiga Província do Paraná; Joaquim Americo Guimarães, João Maximiano de Figueiredo, Oscar Luiz Viegas, Joaquim Dutra da Fonseca, Honório Pinto Rebello, Matheus Martins, Sylvio Baptista Leite, J. Baptista da Costa, pela Escola de Bellas Artes; Antonio de Senna Madureira Principe de Belford, A. B. L. de Castello Branco, Lindolpho Xavier, J. Henrique Aderne, Virgilio Varzea, Francisco Caldas, Francisco Villanueva, Ayres da Maia Monteiro, J. M. Gomes de Faria, academico de direito; Flavio da Silva Pereira, Demetrio de Toledo Lima, Enri Rugell Guimarães, Eugenio L. Neiva, C. de Castro Nascimento, Araújo Vianna, Rodolpho Chambelland, Cininato Lopes, Candido Baptista, Antunes Filho, Francisco Almeida Cunha, Euzebio de Queiroz Coutinho da Camara, Frederico de Figueiredo Neiva, Victor Hugo da Graça, João José Albues, Leonardo Sireno de Oliveira, Benedicto Bretanha de Miranda, Bartholomeu Araponga, Luiz Pastor Lecoq de Oliveira, Arthur Braz Pereira Gomes, Sebastião M. Salomon, of-

ficial de gabinete do Presidente da Republica; Augusto Barbosa Gonçalves, Auxiliar do gabinete do Sr. Presidente da Republica; José Felix Alves de Souza, pela "A Epoca"; Francisco Paula M. Souto, pelo "Jornal do Commercio"; Oscar Sayão de Moraes, pelo "Jornal do Brasil"; Affonso Campos, pelo "Correio da Manhã"; Mario Soares de Magalhães, pela "A Noite"; Eduardo Americo de Faria, pelo "O Imparcial"; Rizzieri Cascardo, Mario de Azevedo Coutinho, Helio Lobo, secretario da Presidencia; Henrique Braz Pereira Gomes, Coronel Francisco Augusto de Mello Sampaio, Fernando Lobo Leite Pereira, José de Oliveira Freitas, pela "A Rua"; Vicente Amorim, do "Diario Official"; José Braz Pereira Gomes, Senador João Luiz Alves, Capitão Carlos Silveira Eiras, do Estado Maior do Sr. Presidente da Republica; Raul Noronha Sá, official de gabinete da Presidencia da Republica; Didimo Agapito Fernandes da Veiga, Procurador Geral da Fazenda Publica e Arnaldo Camargo. Agora, se julgardes que o humilde filho desta abençoada terra errou, não obstante os applausos geraes da Nação, dos Poderes Executivo e Legisla-

tivo da Republica e das suas forças armadas de terra e mar, de todos os Estados da União, da alta magistratura do paiz, da mocidade das escolas, das classes conservadoras do Estado, dos nossos eminentes advogados e jurisconsultos emeritos, entre os quaes o grande Brasileiro Ruy Barbosa, todos unânimes em declarar que mais do que foi feito era impossivel se conseguir para o Paraná, na sua actual e afflictissima situação, se mesmo com essas manifestações de confortante solidariedade, por esse acto da minha vida publica, ainda julgardes que errei, então seja Deus testemunha da sinceridade com que agi nesta phase historica, querendo de todo o coração fazer a felicidade da familia paranaense, trazendo-lhe a paz e a prosperidade no presente, para assim preparar, em futuro proximo, a grandeza do nosso Estado, que tem todos os elementos para ser forte, rico e poderoso, dentro da patria, grande que é o nosso estremecido Brasil.

Palacio da Presidencia do Estado do Paraná, em Curityba, aos 25 de Novembro de 1916. — *Affonso Alves de Camargo*

CONTINENTAL PRODUCTS Co.

(OSASCO) ◀ SÃO PAULO ▶

Carnes congeladas, frigorificadas e todos os productos e sub-productos de uma "Packing House" moderna

ADUBOS CHIMICO-ORGANICOS

Alimentos para engorda de porcos e gallinhas

PEÇAM BOLETINS

Alameda Cleveland 44 --- SÃO PAULO

AVENIDA RIO BRANCO 109, sala 34 -- Rio de Janeiro

PARTE INEDITORIAL

MATTO-GROSSO EM FÓCO

Para 1 habitante 14 hectares — O que se vê através da mensagem

“ADMINISTRAR E’ TAMBEM CONCILIAR”

A deplorável luta política que se abre neste momento, no grande Estado de Matto Grosso, destinado, sem dúvida, a um futuro tão opulento que a mais fantasiosa perspectiva não poderia desvendar, torna opportuníssimo o conhecimento de informações que se referem á sua vida. Nenhum documento mais proprio a fornecer-as do que a Mensagem apresentada pelo seu illustre governador, documento que revela uma intelligencia e uma visão muito superiores á grande media em que rastejam os personagens da nossa vida política e administrativa, e que espelha o brilho real de uma robusta intelligencia, enriquecida por uma illustração aproveitada. Assim termine promptamente esse conflicto de competições locais, que envereda pela perigosa trilha — a mais perigosa de todas as trilhas — da violencia, e da violencia que se procura mascarar com o respeito á lei.

Matto Grosso, com uma superficie de 1.400.000 kilometros quadrados, tem uma população approximada de 200.000 almas. A’ actividade de cada “um” individuo — comprehendida toda a “população” — é distribuído um territorio de “quatorze” hectares; Não é preciso mais do que este simples facto, em sua singeleza numerica, para mostrar uma deficiencia economica levada aos ultimos extremos e para impôr, como problema primario, o problema do povoamento. Por isso mesmo a Mensagem colloca-o em primeira linha, quando diz:

Estamos em completa miseria com relação a esta gente de produção, o trabalhador, o mais poderoso e o mais efficiente dos que collaboram na formação da riqueza, uma vez que saiba e queira empregar as suas suas faculdades, as suas forças moraes e corporaes contra os obstaculos naturaes. E’ sabido que, entre as riquezas latentes dos paizes novos, contemplam os economistas a população como uma riqueza activa. Terras, por boas que sejam como as que possuímos, sem capitães e sem braços que as trabalhem, nada valem. De todas as riquezas, portanto de longa data, a mais importante é a população. Estamos, consequentemente, com a nossa industria soffrendo a maior de todas as penurias, que é a penuria de braços.

Não é uma preocupação que fique em palavras, essa. O Governador do Estado em Novembro do anno passado, dirig’o “ao illustre Senador Azeredo um telegramma solicitando a remessa de alguns nortistas, por conta da União”, e em Março fez publicar “uma carta, recebida do Ceará, sobre infelizes patricios que desejavam emigrar para Matto Grosso”. Annunciando providencias neste sentido, “apezar da crise financeira que atravessa o Estado” a Mensagem lembra que taes despezas mesmo constituindo um sacrificio, serão das mais proveitosas.

Preocupa-se tambem do “capital”, com a noção perfeita da sua constituição e do valor com que elle collabora insubstituivelmente com o trabalho, no aparelho creador e promotor das riquezas. Examina com grande clareza as fontes de que provém esse elemento. Em primeiro lugar “da economia que é o poder moral que sobre si mesmo tem o homem de restrin-

gir as suas despesas, visando o futuro”, e cuja virtude é tão grande que alguém já a chamou “trabalho da economia”, sendo lamentavel que “o nosso trabalhador não possua ainda essa grande qualidade, o que aliás não é privilegio nosso pois que a falta de previdencia é inherente aos povos que vivem em terras e climas propicios”. Em segundo lugar aponta o credito, “instrumento aperfeiçoado de permutas” e “antecipação do capital no tempo e que assenta sobre a caução moral que é a confiança”. Em terceiro lugar, a arte industrial, “factor de economia no trabalho”, de modo a permittir que parte das forças productoras assim poupadas se appliquem á criação de novos instrumentos de produção. Não aceita, entretanto, quanto ao credito, idéa que está ligada á idéa de banco, a sua realização por meio de estabelecimento bancario fundado com favores do Estado; nesse particular, a Mensagem adopta a doutrina que repelle a officialização de funções de natureza privada, commercial e industrial, que surgem por si proprias como um corollario de necessidades. O que a Mensagem deseja é o “credito agricola” por meio das modestas caixas de economia e emprestimo o “auxilio de si mesmo” posto em pratica a concepção das cooperativas, que já se vão acclimando em Minas, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Para o exercicio de commercio propriamente bancario, a Mensagem acha que basta, e como utilissima, a criação de uma agencia do Banco do Brasil; e a esse respeito recebeu carta muito promissora do honrado negociante desta praça, Sr. Affonso Vizeu, agente do Estado, que em tempo opportuno se entendeu com o illustre Presidente do Banco, Dr. Homero Baptista, para ser levada a effeito a aspiração já reconhecida tão legitima, de uma agencia em Corumbá.

A receita geral do Estado, no exercicio de 1914 foi de 4.856 contos. Excluidas as operações de credito, os depositos, o movimento de fundos, a renda propria do exercicio foi de 4.078 contos. E’ um algarismo irrisorio para a riqueza latente e a grandeza territorial do Estado; mas é um attestado da força productora da sua exigua população. Fazendo por nossa conta o confronto mais desfavoravel para o Estado, approximando esse algarismo do algarismo correspondente da Capital da Republica, verifica-se que a população de Matto Grosso, um quinto da do Rio de Janeiro, deveria produzir em condições de identidade economica, oito mil contos. Matto Grosso produziu exactamente a metade, ou quatro mil contos. Mas aqui ha a pujança das industrias, o vigor do commercio, a opulencia predial, o coração bancario, a densidade e a movimentação. E’ claro que o confronto é arbitrario, entre um “Município” e um “Estado”; mas se elle fosse feito entre Estados, ainda assim não desfavoreceria Matto Grosso. A propria Mensagem lembra os casos do Paraná e de Santa Catharina, em condições melhores que as suas; mas não deixa de lembrar e com razão, a differença de “recursos” entre Matto Grosso e esses dous Estados — tambem de largo futuro assegurado por um prospero presente — Estados de littoral, com progresiva facilidade de transporte, com população mais densa, servidos, antes daquelle Estado Central, do prodigioso elemento de viação ferrea, que só agora ligou Matto Grosso, como uma arteria bendita, ao systema de circulação nacional.

Naquellas rendas proprias do exercicio, 2.500 contos são derivados da "exportação", o que quer dizer que a enorme quota de cinco oitavos dos "impostos" peza sobre a "produção" estadual. É um vicio, um grande vicio de nutrição que condições melhores permitirão corrigir; é o parasitismo official sugando forças que, mais poupadas, offereceriam compensação muito melhor.

E é tanto mais impressionante esse vicio, verdadeira obra de sucção negativa, quanto elle, pôde-se dizer de um modo geral, alastra em todos os Estados da Republica, sem grandes esperanças de cura proxima, embora S. Paulo, Minas e Rio já se estejam preocupando com isso, pelo menos theoreticamente...

A renda arrecadada a que nos estamos referindo ficou inferior á orçada, em todas as rubricas, com excepção da "inferior" onde se deu um augmento de 286 contos, cerca de 16 %; a diminuição de receita arrecadada de exportação, sobre a orçada, se exprime por 14 %.

A despesa total attingio no mesmo exercicio de 1914 a 4.682 contos, deixando o saldo sobre a receita total, de 174 contos.

O balanço provisorio de 1915 — já sob a repercussão de influencias da guerra, accusa uma receita de 3.352 contos e uma despesa de 2.228 contos, com um saldo de 124 contos sujeito á apuração definitiva do encerramento do exercicio, que se deu em Junho findo. Verifica-se de tudo isso que, embora restricta, a vida orçamentaria do Estado não apresenta o virus do "deficit"

A divida passiva consolidada é de 1.840 contos e a divida fluctuante é de 2.700 contos, havendo ainda uma divida á União pendente de reconhecimento, no valor de cerca de 200 contos, de taxas de telegrammas expedidos pelo Governo do Estado até o anno de 1905.

A proporção entre a receita do Estado e quota para os juros da sua divida é de 4 %, apenas 4 %. E como o Governo espera extinguir até o fim do exercicio quasi toda a divida fluctuante, a quota para os juros da divida consolidada representará, na receita do Estado, apenas 2 3/4 %.

Dentro do circulo limitado em que se desenvolve pôde-se pois dizer, como dissemos, que propriamente a situação "orçamentaria" do Estado é de primeira ordem, uma vez que sobre ella não pesa o "deficit"; e pôde-se dizer quanto a sua situação financeira, feita a mesma restricção, que é também de primeira ordem, pois que sobre ella não pesa a carga de responsabilidades aterrorizadoras de abuso de credito que é o fantasma na situação financeira de tantos Estados e, em conjunto, do proprio paiz.

Assim, o caminho está desembaraçado para o desenvolvimento, bem se pôde dizer para o inicio da creação de riquezas. E se o indice que a tal respeito nos apresentam os algarismos da exportação, ou antes, do commercio internacional, pôde merecer reparos, não são em todo o caso para crear desanimos, dadas as circumstancias em que esses algarismos se desenvolvem, e quando os elementos de transporte, sobretudo pela construcção da ponte da Itapura, vão estimular sensivelmente o trabalho de produção.

A exportação do Estado, de facto elevou-se a 4.332 contos em 1913; em 1914 declinou a 3.542 contos; em 1915, mas apenas em 9 mezes, deu 2.842 contos, o que permite supôr que ella haja subido a 3.800 contos no anno; mas a importação diminuiu nos mesmos periodos de 4.284 contos, a 3.150 contos e a 1.703 contos nos nove mezes, de sorte que os saldos subiram de 48 contos a 392 contos e a 1.149 contos nos nove mezes. Este saldo de balanço no commercio internacional não pôde ser reputado indice de riqueza; elle representa uma economia forçada como a que se deu em todos os

paizes privados pela circumstancia da guerra de attenderem não sómente ás suas necessidades de venda, mas também ás suas necessidades de compras. E a questão universal do transporte é agravada particularmente em Matto Grosso, pela sua escassez e consequente pelo seu custo. Um exemplo significativo é offerecido pela Mensagem, na comparação de fretes de dous artigos, productos da industria pastoril. Para um mesmo percurso de 847 kilometrôes a tonelada de couro paga 32\$ e a tonelada de sebo paga 44\$120, na E. F. Rio Grandense; ao passo que de Porto Esperança a Itapura a tonelada de couro paga 93\$700, quasi o triplo, e a tonelada de sebo paga, 147\$680, também quasi o triplo.

Assim, pôde-se dizer que Matto Grosso começa apenas a entrar nas primicias de um aparelhamento, limitando-se, por isso mesmo, á industria por assim dizer originaria de captação manual de productos. Com desenvolvimento da população, com utilização de credito, com melhoria dos transportes, com utilização mecanica, os seus recursos apresentarão um contingente formidavel de riqueza publica e privada. Por isso mesmo diz, e com razão, a Mensagem:

A bondade de Deus nos distinguio com os dons mais preciosos que podiam cair sobre a terra da magnificencia de suas mãos dadas. A nossa terra é um prodigio assombroso de possibilidades economicas, que lhe prenunciam um futuro de extraordinaria riqueza.

Nenhum povo, porém, é grande, rico e forte senão pelo "trabalho", que, já o disse atrás é a "arte da paz". Sem paz não ha "ordem publica"; sem ordem publica não pôde haver "ordem economica"; sem ordem economica não pôde haver "ordem financeira". Emfim, Srs. Deputados, bem o sabeis: onde não ha paz existe a peor de todas as ccusas, que é a "anarchia".

Vol-o repito — aqui vos falla, curto de intelligencia, falho de capacidade, um matto-grossense cujo coração é todo elle da terra em que nasceu.

Diante de tantas grandezas, esforcemo-nos todos para que não sejamos pygmeus. Para isto, basta que amemos esta terra, como filhos que a querem ver grande, prospera, feliz, caminhando para os seus destinos inigualaveis.

Estas palavras pareciam prever os tristes acontecimentos que se estão desenrolando.

E antes de terminar este rapido exame das referencias da Mensagem á situação economica e financeira, daremos algarismos da produção agricola em 1913, e o "stock" do gado resultante de avaliação no mesmo anno. Em alqueires de 50 litros: milho, 25.900; arroz, 37.723; feijão, 13.750; em canedras de 30 litros: aguardente, 33.300; alcool, 5.600; em arroba: assucar, 52.100; café, 133. O "stock" de gado é assim distribuido: vaccum, 2.488.855; cavallar, 196.825; muar, 9.084; lanigero, 23.916; caprinos, 12.110; suíno, 31.016.

Alôra, porém, a questão economica e a questão financeira, a Mensagem faz referencias a todos os serviços e a todas as necessidades publicas do Estado. Não nos permite a escassez de espaço mais do que a simples enumeração dos títulos, com uma ou outra transcrição essencial. E é isso o que fazemos.

— Relações com a União e os Estados, amistosas e cordiaes;

— Congratulações com a Nação pela promulgação do codigo civil;

— Allusão ao assassinato do Senador Pinheiro Machado "episodio tragico que ecoou tristemente fóra e dentro do paiz";

Quaesquer, entretanto, que sejam os criterios contemporaneos, a cuja luz se queira julgar Pinheiro Machado, a verdade é que desde já lhe não podem negar altos, excepcionaes predicados de energia e acção pelos quaes se affirma uma individualidade, que os tinha de sobejo o chefe querido, mercê dos quaes chegou á culminancia da nossa politica republicana, esteiando, na paz e na guerra, com a fé de um apostolo, como um lidimo patriota, as instituições vigentes que defendeu até que o sicario o arrancou do convivio terreno dos amigos e correligionarios para o collocar na admiração, respeito e saudade posthuma de todos esses amigos, de todos esses correligionarios e da propria Republica, finalmente!

— Palacio do Governo e residencia presidencial, necessidade de sua opportuna reforma;

— Carta geographica do Estado, a cargo do Coronel Rondon, trabalho já iniciado e que prosegue sob lisonjeiros auspícios;

— Limite do Estado com o Amazonas:

Em 5 de Fevereiro me telegraphou o Senador Azeredo, dizendo que o Coronel Alcino e o Major Brandão o avisaram de estarem completos os documentos relativos áquelles limites, todas estas communicções tendo sido confirmadas por carta datada de 12 de Março ultimo, em que o Dr. João de Moraes e Mattos diz estar concluida a demarcação da linha divisoria entre os dois Estados.

Até agora, porém, ainda não recebi as cópias ou documentos a que se referem estas informações de varias fontes.

Vem de molde vos suggerir a conveniencia de asentarem-se marcos no rio Roosevelt e outros, afim de que as nossas fronteiras por aquellas bandas fiquem geographicamente mais bem definidas, favorecendo e assegurando mais efficientemente a arrecadação de nossas rendas e a jurisdicção politico-administrativa do Governo do Estado.

— Album graphico de que o Estado adquirio 2.000 exemplares por oitenta contos, como propaganda, mas que é portatil e é de difficil e dispendiosa remessa;

— Secretaria de Estado.

— Regimen Florestal:

Por toda a parte, no Brasil, a ganancia ignara como que se lançou em guerra aberta contra as nossas florestas para o fim de se fazer dinheiro, quer pelo fabrico da lenha, quer nos rotineiros processos agrarios, tanto mais condemnaveis quanto é certo que o Governo já tomou o encargo de fornecer ao agricultor os melhores instrumentos ruraes pelo preço de custo.

E' uma innominavel selvageria esse desamor á mata, isso que por ahí se pratica, sem tino e a esmo, na tiragem da lenha, deixando o terreno desprotegido e inculto. Conviria ou — melhor impõe-se que os lenhadores se limitem a abater as madeiras de certa grossura para cima, respeitando os individuos vegetaes novos, de madeira delei e de fructes: desta maneira se não comprometteriam as nossas florestas e a extracção do combustivel poder-se-hia fazer por longos annos, com vantagens para os proprios extractores e sem prejuizo para a communhão social.

A mata, a floresta, é um systema de forças productivas: a industria florestal ou "silvicultura" é uma

fonte de riqueza. Os effeitos da destruição das matas estão hoje bem conhecidos scientificamente, com respeito á sua funcção electrica, chimico-anemometrica e climatica; outrosim, quanto á sua acção sobre o regimen fluvial, sobre as fontes e estrutura geologica e morphologia do territorio, todos elementos de incontestavel valia na producção agraria do paiz.

— A lavoura, extenso capitulo, revelador de profundo estudo do problema, com referencias a cultura do algodão, e ao campo de demonstração.

Quando se considera a grandeza da tarefa que constitue a criação da agricultura neste grande Estado e o que se tem feito para esse fim, tem-se a impressão que bem se traduz na phrase incisiva de Cincinato Braga: "a de um homem a querer esvasiar o mar com um dedal". É preciso que sejam completamente remodelados os processos adoptados. As nossas condições geographicas não permittem centralizações, sendo de urgente necessidade que seja fraccionada, espalhada a acção administrativa pelos centros de producção.

A acção do Governo Federal, no sentido de auxiliar o surto da agricultura no Estado, tem sido pequenissima. A Inspectoria Agricola, sempre acephala, nada pôde emprender, por falta de elementos primordiales. E' uma simples repartição como as outras, tendo soffrido um golpe quasi mortal com a votação das verbas do orçamento para 1915. A actividade da Inspectoria limitou-se em distribuir alguns instrumentos aos lavradores, a título de empréstimo e ensinar 14 pessoas a servirem-se de arado.

— A Pecuaria, com o desenvolvimento que merece essa industria, a mais importante do Estado, sendo examinadas detidamente todas as questões que a ella se referem;

— A Borracha de cultura e de plantação, capitulo muito documentado;

— A Ipecacuanha, de que o Estado possui a melhor especie, a ipeca "cinzenta" ou "officinal", producto cujo preço subiu por kilo de 16 francos e 50 em 1897 a 49.50 em 1899, a 180\$ a arroba, ultimamente tendo chegado a 280\$000.

— Viação, com os maiores detalhes e dados numericos: Os recursos actuaes de Matto Grosso, para a circulação de seus productos, são:

1° — As Estradas de Ferro Madeira-Mamoré e Itapura e Corumbá;

2° — Os rios navegaveis;

3° — As estradas de rodagem;

4° — Os caminhos para cargueiros;

— Obras publicas;

— Instrucção publica;

Questão fundamental e primordial na vida dos governos que de facto são livres, ganglio vital das nações modernas, "pão do espirito", como a chamaram, a instrucção publica é problema posto em equação por todos os Governos, que o procuram resolver da melhor maneira, como uma das suas maiores obrigações, embora não seja propriamente uma funcção do Estado ou que lhe seja essencial, visto como já vai um tanto desacreditada essa figura do "Estado-professor". Entre o fetichismo, porém, do "Estado-Professor" e o Estado indifferente ao ensino popular, existe um meio-termo, que deve consultar o interesse nacional, principalmente no tocante á instrucção publica primaria, cujo destino ethico-social é preparar o cidadão para a boa

compreensão de seus direitos e cumprimento de seus deveres, como membro da comunidade, ao mesmo tempo que tornando-o mais apto para as lutas e imprevistos da vida real. E o Estado ahí intervém: como "legislador", pelos regulamentos; como "governo", pelas inspecções; como "thesouro publico", pelas subvenções.

O que faz mal ao ensino publico não é essa dependência em que elle ainda está do Governo; o que, todavia, lhe faz grandissimo damno, é o contagio da politicagem, fazendo do professor publico o servidor de um partido, o galopin eleitoral, que escreve a acta e é o agente da cabala eleitoral. O que faz mal ao ensino é essa intromissão malsã do patronato nos concursos para provimento dos logares do magisterio; e que faz mal á instrucção popular, é essa ausencia de dedicação e de vocação sincera para uma profissão tão eminente, de tão alta dignidade, ausencia que transforma o magisterio em um meio de vida, tirando-lhe essa finalidade tão digna e alevantada, que interessa á grandeza da patria, por dizer de perto com o seu futuro politico-economico.

A crise pedagogica, que deu ao seculo passado a denominação de "seculo da educação", atirando por terra com os usos escolasticos, medievaes, deu ao ensino um caracter economico: ensinar é produzir, é enriquecer. Os mais poderosos espiritos pedagogicos levantam, "como insignia de todos os adiantamentos, a bandeira da riqueza". A' economia subordinam todas as questões politicas e sociologicas e, "entre todas, acaso nenhuma como a educação."

Educar é synonymo de enriquecer.

O mesmo capitulo dá informações sobre reorganização do ensino; Lyceu Cuyabano; instrucção militar; gabinete de physica e chimica e historia natural; Escola Normal; concursos; grupos escolares; regimento interno das Escolas; fiscalização do ensino; gabinete de psychologia experimental e anthropologia pedagogica; secretaria; archivo; ensino profissional; escola de commercio; Lyceu Salesiano de S. Gonçalo; estatística escolar (4.500 alumnos e frequência de 3.737 nos grupos escolares e escolas isoladas; 1.507 alumnos e frequência de 1.289 nas escolas particulares; 428 alumnos e frequência de 317 nos estabelecimentos primarios mantidos pela União e Municipios); Considerações:

Com a nossa instrucção primaria mantida pelo Estado, gastamos 7 1/3 da nossa receita, isto é, réis 541:000\$, e como temos para as nossas escolas publicas o numero de 6.512 alumnos, segue-se que cada um custa ao Estado 83\$077 — quociente bastante elevado, em confronto com o de diversos outros Estados da Federação e de diversas nações da Europa e, principalmente, attenderdo-se a que grande parte dessas escolas se encontram desprovidas do necessario mobiliario.

A quota para cada alumno, no Estado de S. Paulo, que é o mais adiantado dos da Federação e que melhor paga o seu professorado, é de 110\$ annual para cada um.

Releva notar que ainda é bem contristador o nosso atrazo, se considerarmos que mais de metade da nossa infancia permanece analphabeta.

De facto, estimando-se a população do Estado em 220.000 almas e constituindo a decima parte dessa população de meninos em idade escolar, isto é, de 7 a 12 annos, teremos para estes um total de 22.000 e o numero dos que frequentam as escolas sendo apenas

de 7.000, inclusive as particulares, conclue-se que apenas um terço da nossa infancia recebe instrucção! Que terrivel pesadello!

- Justiça publica;
- Ordem publica;
- Provimento, criação e installação de Camaras;
- Segurança publica;
- Gabinete de Identificação;
- Regimen Penitenciario;
- Cadernetas de locação de serviços;
- Chefatura de policia do sul;
- Força publica;
- Typographia official;
- Hygiene e saude publica;
- Assistencia publica;
- Bibliotheca publica.

— E seguem-se os capitulos, a que já alludimos demoradamente sobre Thesouro do Estado, Situação Financeira e Situação Economica, havendo um capitulo sobre a Delegacia Fiscal do Norte, no Amazonas, com informações relativas á producção da gomma (que attingio no 1º semestre de 1915 1.807.124 kil. de berracha), a terras publicas (requerimentos de compras de terras destinadas á industria extractiva, 152 lotes com uma área de 68.400 hectares, e titulos provisórios correspondentes a 154 lotes com uma área de 69.300 hectares); balanço de Janeiro a Outubro (1.476 contos de receita e 1.426 contos de despeza, inclusive operações de credito e movimento de fundos).

E por fim, como elucidacão preciosa neste momento, reproduziremos o pensamento politico que na sua Mensagem exprime o digno Governador do Estado, palavras que nas circumstancias actuaes têm ainda maior significacão. Depois de lembrar que jamais se candidatou ao posto que occupa, o qual aceitou inspirado nos extremos de amor que vota á terra em que nasceu, diz o Sr. Governador:

A ninguém, porém, poderia ser licito pretender que, vindo para um logar de tamanhos sacrificios, no meu caso individual, de responsabilidades tão graves, em que o imprevisto intervém a toda ora de modo a diffcultar a accção normal e providente do Governo — "e governar é prevêr para prover" — a ninguém era licito pretender trouxesse eu para o governo outro pensamento, intenção outra que não fosse governar dentro do partido, que não acertou em me eleger, embora muito me honrasse com os seus votos pondo, entretanto, acima e fóra das estreitas exigencias da politica intolerante, dispersiva, os grandes, os santissimos interesses do Estado, de toda a communhão mattogrossense.

O Estado, entidade abstracta, instituto juridico, concretiza-se nesse aparelho complexo, que é o Governo, para bem commum e a garantia de todos.

E o Governo não é senão uma collaboracão harmonica dos poderes, uma conjugação intencional de esforços no sentido do aperfeçoamento social.

Dest'arte, afeiçoada a minha consciencia de quem vê na tolerancia uma das maiores conquistas do liberalismo contemporaneo, de quem não deve "transformar a justiça em favor", de quem deseja que a administração seja uma realidade, que é de administração, prolongada e effectiva, precisamos, que todo o Brazil precisa para nos salvarmos e não um logro que de logros o paiz está cansado e farto; cultivados, por esta maneira, os seus pendores affectivos de mattogrossense, sem o infortunio de paixões odientas, limpo de per-

sonalismo. não seria a mim que poderia caber outra política que não fosse a de nobre e digna conciliação — “porque administrar é também conciliar” — de esquecimento de rancores e odios, que só produzem frutos maleficos, damnhinhos, e não essa política de submissos humilhantes urgidas pelas necessidades materiaes da vida, impostas pela fome que invadio o lar infeliz, as quaes desfibraram o caracter, envelhecem o homem, degradam o proprio Estado, que ficará uma terra de submissos ou de revoltados.

Para fecho deste resumo não pediremos outro senão o da propria Mensagem, corollario do pensamento politico que acabamos de reproduzir:

Taes são as informações que julguei vos dever prestar; haverá sinceridade talvez demasiado rude nas palavras que aqui deixo neste documento. Tenho para mim que o dever do Governo é dizer a verdade. Bem sei que a verdade provoca o odio: não ignoro, porém, que, por dizel-a destemidamente, ninguém foi mais odiado e agredido do que aquelle cuyabano egregio, que hoje é lembrado com saudades, e a quem se deve, como a traducção synthetica de uma aspiração que é ainda hoje, a celebre phrase: “Republicarizemos a Republica”.

(D“A Noticia”, de 9 de Agosto de 1916).

Sampaio Corrêa & C.

GENERAL CAMARÁ 90

RIO DE JANEIRO

Recebem encomendas para o estrangeiro, de artigos e machinas para lavouras e industrias, E. de Ferro, etc.

Preços das fabricas de que são agentes especiaes

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionais do Brasil

Sabbado, 20 de Fevereiro, ás 3 horas da tarde — Plano 360—5.^a

200:000\$000

POR 2\$800 EM QUADRAGESIMOS

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais 700 réis para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes Nazareth & C, rua do Ouvidor n. 94, caixa n. 817, Teleg. LUSVEL, e á casa F. Guimarães, rua do Rosario n. 7, esquina do Becco das Cancellas. Caixa do Correio, 273

TRAJANO DE MEDEIROS & C.

Fabricantes de material rodante para estradas de ferro e bondes

MATERIAL ELECTRICO

Unicos agentes da PATTON PAINT C. fabricantes americanos das afamadas TINTAS PREPARADAS para applicação em obras terrestres ou maritimas

OFFICINAS: Rua José dos Reis no Engenho de Dentro □□ ESCRITORIO: Rua de S. José n. 76

TELEPHONE N. 341 — CENTRAL * RIO DE JANEIRO



Sois socio da Sociedade Nacional de Agricultura, instituição que ha 20 annos vem trabalhando incessantemente pela lavoura ?

Caso negativo, fazei sem perda de tempo a vossa inscrição, certo de que, além de cumprirdes um dever, tereis grandes vantagens correspondentes á vossa previdencia.

COMO CONTRIBUINTE PAGAREIS

15\$000 de joia, 20\$000 de annuidade

Si quizerdes remir-vos, pagareis **215\$000**

Aos seus associados proporciona a Sociedade Nacional de Agricultura reaes vantagens, e, além de muitas outras, serve de intermediaria para compras de tudo quanto concerne á lavoura e industrias connexas, em condições excepçionaes.

Comptoir Commercial Sud-Américain

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

CASA MATRIZ :

30, Rue Le Pelletier, Paris

FILIAES :

RIO DE JANEIRO-PARA'

Representantes da casa

HAILAUST ET GUTZEIT

DE PARIS E NANTES

*Os maiores importadores de productos do Brazil
em França*

Endereço telegraphico : ERSILLY. Codigos : A. B. C. 5ª e RIBEIRO

TELEPHONE: NORTE 4512

Em mudança para a RUA S. PEDRO, 88

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 166 -- Rio de Janeiro

São Paulo :
65, RUA DE S. BENTO



Bello Horizonte:
1055, RUA DA BAHIA

PARIS — LISBOA

Livrarias Aillaud & Bertrand

Livros sobre assumptos economicos, financeiros, agricultura, industria,
e commercio—Bibliotheca Profissional

Dr. Miguel Calmon--FACTOS ECONOMICOS

(vol. in.-16, 433 pags., 2º MILHEIRO)

Com estudos minuciosos sobre a produção do fumo, café e borracha
no Oriente

REMETTEM-SE CATALOGOS

CONSTRUÇÃO E INSTALAÇÃO DE MACHINAS
PARA TODAS

AS INDUSTRIAS DO LEITE

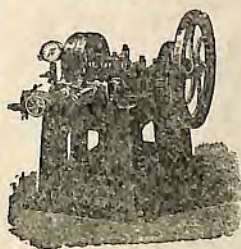
End. Teleg.
GAULINETTE
PARIS

A. GAULIN

Cod. Teleg.
LIEBER.
AZ ABC 5th
Edit. & Private
CODE

ENGENHEIRO - CONSTRUCTOR
Cavalleiro da Legião de Honra — Official do Merito Agricola
19, 21 et 14, RUE LASSON-PARIS 12^{eme}

HOMOGENEIZADOR
A. GAULIN



Patente n.
MUNDO INTEIRO

Apparelhos especiaes para

conservar e transportar o leite

e a nata para todos os climas

8 GRANDS PRIX

NAS EXPOSIÇÕES UNIVERSAES

Numerosos attestados--Catalogos em seis idiomas.

LLOYD BRASILEIRO

A mais importante empresa de navegação
da America do Sul --- 66 vapores
e 26.000 toneladas

PARA TRANSPORTE DE PASSAGEIROS

Linhas internacionais para New-York, Nova-Orleans, Buenos-Aires e Montevideo. Linhas de grande e pequena cabotagem. Linhas fluviais.

Vapores de primeira ordem

Luxuosamente ornamentados,
offerecendo todo o conforto

Praça das Marinhas
Rio de Janeiro

CASA ARENS

SOCIEDADE ANONYMA

Succ. de F. Bulcão & Comp.

CASA MATRIZ:

AVENIDA RIO BRANCO, 20

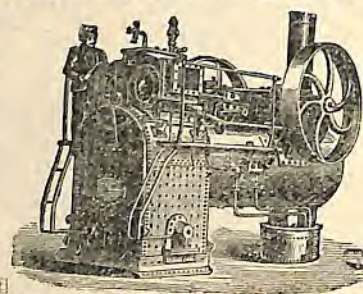
RIO DE JANEIRO

Casa Filial; Rua Florencio de Abreu, 50
S. PAULO

OFFICINAS: JUNDIAHY — ESTADO DE S. PAULO

Depositaros e importadores de:

Motores a vapor dos afamados fabricantes Marshall Sons & Co. — Motores a kerozene, Blacstonh & Co. — Motores a gazolina, diversos — Motores electricos, diversos — Motores a oleo cru de Marshall Sons & Co. — Machinas para serra-ria, carpintaria e marcenaria — Machinas para fabricar gelo de diversos typos e tamanhos.



Material para cercas metallicas de typo privilegiado.

Material para vias ferreas Decauville.

Material para installações electricas de força e luz.

Bombas para agua, de todos os typos.

Locomovel a vapor de Marshall

Catalogos e mais informações mediante consulta indicando esta REVISTA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

COMPANHIA MERCANTIL BRASILEIRA

FERRAGENS E CUTELARIA

Completo sortimento de ferragens, tintas, vernizes, ferramentas finas e grossas para todas as artes e officios, lavoura, etc., utensilios em geral para uso domestico, louça esmaltada e artigos americanos

Depositaria da acreditada enxada e arame farpado marca "Colombo"

Ns. 14 e 16 -- RUA S. BENTO

End. Teleg. VIVAZ ☐ Telephone 2998 NORTE ☐ Caixa do Correio 1666

RIO DE JANEIRO

A LAVOURA

O ESPECIFICO DA ANEMIA E DA TUBERCULOSE

VINHO RECONSTITUINTE

SILVA ARAUJO

Para todas as idades e para a generalidade
dos doentes

CREDIT FONCIER DU BRÉSIL ET DE L'AMERIQUE DU SUD

AVENIDA RIO BRANCO, 44  **RIO DE JANEIRO**
TELEPHONE: SECRETARIA 3750 NORTE  Caixa do Correio 1.307

OPERAÇÕES: Empréstimos, sob hypotheca a prazo até 15 annos,
amortizaveis em prestações semestraes.

Agência em S. Paulo --- RUA S. BENTO, 24 (sobrado)

CAIXA POSTAL N. 115

A JARDINEIRA

CASA ESPECIAL DE AVICULTURA

O estabelecimento neste genero mais importante em todo o Brasil

151, RUA 7 de Setembro, 151 --- RIO

Ferramentas para jardins, gaiolas canarios e alimentos para os mesmos, assim como para pintos e gallinhas
Sementes novas garantidas para jardins e hortas

CHOCADÉIRAS E CRIADÉIRAS, OVOS DE GALLINHAS DE RAÇA GARANTIDOS, CESTAS, BOUQUETS, COROAS E PALMAS DE FLORES NATURAES

Agentes de Productos Veterinarios

Bibliotheca agricola e avicola completa.
Os afamados alimentos Molinari

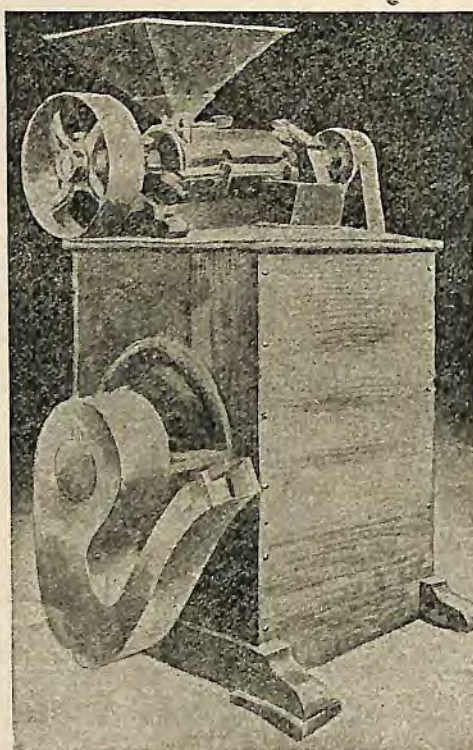
RAUL PINHEIRO & C. — Telephone 5401 Central -- **RIO DE JANEIRO**

Pedir catalogo geral enviado gratuitamente

Descascador de arroz

Combinado com o **Brunidor** e **Ventilador** para as casquinhas
Construção sólida e beneficiamento uniforme

Typo n. 3, producção em 10 horas.	5 saccos	} De arroz beneficiado
" " 6, " " " "	12 saccos	
" " 9, " " " "	30 saccos	



Batedeiras de
assucar.

Desintegradores de
milho.

Moinhos para
fubá.

Moendas
de canna
e outras
machinas
para layoura e
industrias

DESCASCADOR DE ARROZ

Machinas aperfeiçoadas para beneficiar café

Machina Economica, para 200 á 250 arrobas	} Do café beneficiado em 10 horas
Especial Combinada, para 400 á 600 arrobas	

Peçam preços e informações aos fabricantes

Nova Friburgo, 22 de Julho de 1916 -- COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE S. PAULO -- Rio -- Amigos Senhores -- Pelo Correio enviamos hoje duas amostras, uma de assucar e outra de arroz, ambas preparadas pelas machinas rue lhes compramos e que demonstram claramente os resultados superiores que por meio dellas temos obtido. Comparamos os seus resultados com os de outras e, sem exagero dizemos, não deixam que iavejar, pois o typo de arroz que lhes apresentamos, pode, sem medo algum de errar, ser classificado melhor que qualquer typo da mesma especie, e o assucar igualmente. Assim pois, diante de tão evidentes provas de superioridade das vossas machinas, não podem ser negados os votos de louvores daquelles que se subscrevem com a maxima estima e consideração. De V. S. Amo, Crdo. Obrgs. (Assignado.) — *Hassab & Amelio.*

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1534

Avenida Rio Branco n. 25

RIO DE JANEIRO

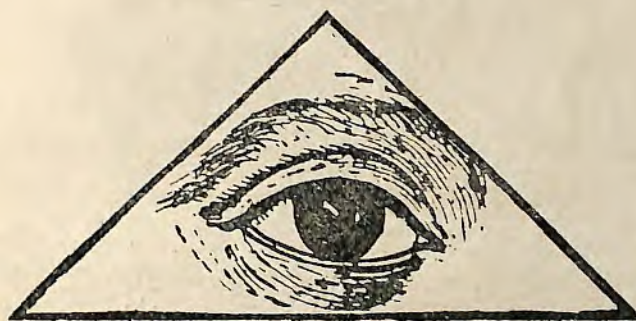
CAIXA POSTAL, 51

Rua 15 de Novembro n. 36

S. PAULO

RECOMMENDA-SE OS
PHOSPHOROS

MARCA



OLHO

São os melhores

A LAVOURA

BRAZILIAN'S TOBACCO

THE BEST OF THE WORLD



Exporters of all kinds Brazilian's Tobaccos

The taxes imposed in some countries of the World to the foreign's tobaccos, does the Brazilian Tobacco unknown. ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐



His fragrant flavour, ist the best of the the World, and when the people take the habit of his aroma, preferes ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ it for ever.

Grande Manufatura de Fumos "VEADO" CO.
ASSEMBLÉA, 94-98  RIO DE JANEIRO  BRAZIL

"PHOSPHO-SAL"

Sal em blocos

Para uso do gado Vaccum, Cavallar, Suino e outros

Engorda e fortifica. Cura a febre aphtosa. Cura a diarrhéa dos bezerros. Augmenta o leite das vacceas. Extermina e evita o carrapato

"O PHOSPHO-SAL," marca **A. B. C.** producto privilegiado, é destinado ao uso do gado em geral e é fornecido em caixas de 48 blocos de pezo approximado de um kilo; a formula de sua composição, foi scientíficamente estudada, contendo em si todos os elementos necessarios ao organismo animal, não só para prevenir as molestias que geralmente, como a febre aphtosa, tão facilmente atacam os animaes, como também encerra especificos para destruição dos parasitas que lhes damnificam o couro, e que tanto prejudicam os criadores. E' também de effeito surprehendente na cura da diarrhéa dos bezerros.

Os blocos de "PHOSPHO-SAL", marca **A. B. C.** encerram, além do CHLORURETO DE SODIO, tonico estimulante de nutrição, PHOSPHATO DE SODIO, CALCIUM E FERRO PHYSIOLOGICO ASSIMILAVEL, bases reconstituintes e tonicas do organismo; SULFATOS DE SODIO, DE CALCIO E DE MAGNESIA, também estimulantes e tonicos; ALCATRAO VEGETAL SOLUVEL, antiseptico intestinal, diuretico e anti-catharral; finalmente, ENXOFRE, o antiseptico por excellencia.

Os blocos de "PHOSPHO-SAL" usão-se como o sal commum, isto é, os animaes podem tel-os constantemente á sua disposição, absorvendo o quanto exija a natureza de cada um; podem ser usados nos cóxos ou no campo onde as aguas das chuvas os não dissolvem facilmente.

FABRICANTES — C. OBERLAENDER & C.^a — RIO DE JANEIRO
Rua da Gambôa, 277  CAIXA POSTAL 515

— RIO DE JANEIRO —
AGENTES: LEE & VILLELA

S. PAULO
CAIXA POSTAL 420
RUA LIBERO BADARÓ, 124



RIO DE JANEIRO
CAIXA POSTAL 183
RUA DA QUITANDA, 137

ALLIUM SATIVUM

faz desaparecer repentinamente o estado febril, dores no corpo, enfraquecimento, delirio, - todo o cortejo symptomatico da influenza.

HOMOEOPATHIA
de
COELHO BARBOSA & C^o

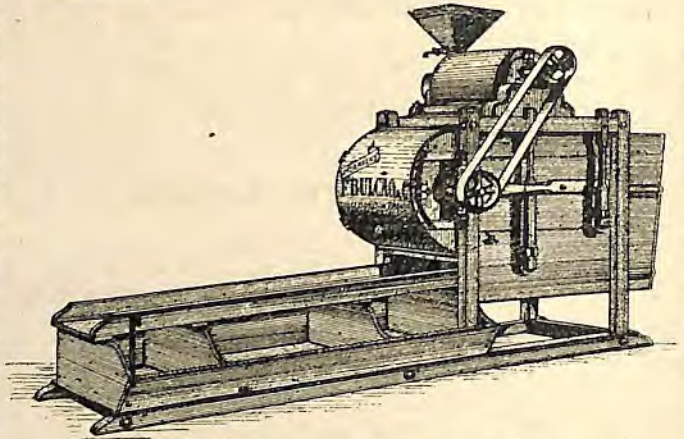
QUITANDA, 106 E OURIVES, 38.

EDIC: PE-GA.

CASA ARENS
SOCIEDADE ANONYMA
Succ. F. Bulcão & C.
Casa Matriz: Avenida Rio Branco, 20 - Rio de Janeiro
CASA FILIAL: RUA FLORENCIO DE ABREU, 58—S. PAULO
Officinas: Jundiahy - Estado de S. Paulo

FABRICANTES DE:

Machinas para beneficiar café, para todos os tamanhos, conjugadas ou separadas — Machinas para beneficiar arroz, de typos modernos, combinadas ou separadas — Machinas para beneficiar milho — Debolhadores, moinhos para fubá, etc. — Machinas para fabricar farinha de mandioca, desde o typto Colonial até o mais complexo — Machinas para fabricar assucar, moendas, tachos em baterias, turbinas, etc.



Machina de beneficiar café «Moka»

Catalogos e mais informações mediante consulta, indicando esta Revista

FORMICIDA MERINO

SULFURETO DE CARBONIO PURO

O mais energico e poderoso destruidor das formigas.

Fabricação esmerada e por processos modernos emapparelhos inteiramente novos.

Encontra-se nas principaes casas desta cidade

FORMICIDA MERINO

GRACAS A ESTE ESPLENDIDO PREPARADO AS MINHAS COLHEITAS AUGMENTAM, COMO POR ENCANTO

Fabrica: Praia do Porto de Iguazú, Marca Registrada. Recept. R. Ovidor, 163 ant. 120 (em frente a Casa Paschoa)

Os Srs. Lavradores poderão fazer as suas requisições de nossa marca á "Sociedade Nacional de Agricultura", que lhes venderá a lata de quatro litros pelo preço da fabrica.

Premiada com medalha de ouro na Exposição Internacional de 1909

MERINO & MAURY

Fornecedores da Sociedade Nacional de Agricultura

ESCRITORIO: RUA DO OUVIDOR, 163 RIO DE JANEIRO

Manual do Código Civil

ou 20 volumes contendo o

COMMENTARIO COMPLETO DO CODIGO
CIVIL BRASILEIRO

Obra presentemente indispensavel a todos quantos devem interpretar e applicar o Código a entrar em vigor no dia 1 de Janeiro de 1917.

A obra é verdadeiramente "monumental", não só pela extensão, como pela COMPETENCIA DOS COLLABORADORES que vão levar-a a effeito, num esforço que o "Jornal do Commercio" muito bem qualificou de patriotismo". Elles foram escolhidos entre as SUMMIDADES dos nossos juriconsultos, escriptores de direito e lentes das Faculdades.

O plano geral e a coordenação estão confiados ao grande juriconsulto e infatigavel trabalhador

Sr. Dr. PAULO DE LACERDA

nome que, por si só, offerece todas as garantias de exito para o empreendimento, pelo seu valor e pela sympathia, que reúne, de todos os seus eminentes collegas.

Cada um dos illustres collaboradores tem a seu cuidado um dos 20 volumes, e vai escrevendo, por fasciculos, o commentario da parte respectiva do Código Civil; de maneira que, produzindo cada qual, mais ou menos, um fasciculo por mez, dentro de um anno e meio, toda a obra estará completa.

E SERA' UMA OBRA DE MESTRES

O monumental trabalho está assim distribuido:

- I—Paulo de Lacerda.
 - II—Pires e Albuquerque.
 - III—Eduardo Espinola.
 - IV—Luiz F. Carpenter.
 - V—Conselheiro Candido de Oliveira.
 - VI—Estevam de Almeida.
 - VII—Astolpho Rezende.
 - VIII—João Mendes Junior.
 - IX—Didimo da Veiga.
 - X—Alfredo Bernardes.
 - XI—Bento de Faria.
 - XII—Candido de Oliveira Filho.
 - XIII—Carvalho Mourão.
 - XIV—Clovis Bevilacqua.
 - XV—J. X. Carvalho de Mendonça.
 - XVI—Inglez de Souza.
 - XVII—Levi Carneiro.
 - XVIII—Hermenegildo de Barros.
 - XIX—Ferreira Alves.
 - XX—M. I. Carvalho de Mendonça.
- A numeração dos fasciculos será por volumes.
Haverá também uma numeração geral das cadernetas, seguindo a ordem em que se forem publicando. As assignaturas serão de cadernetas.

Caderneta avulsa (32 paginas)..... 2\$000
Assignatura de 20 cadernetas..... 30\$000
Recebem-se assignaturas desde já, na casa do editor

JACINTHO RIBEIRO DOS SANTOS

à Rua S. José n. 82 — Rio de Janeiro

CASA ARENS

SOCIEDADE ANONYMA

Succ. de F. Bulcão & C.

CASA MATRIZ:

20, AVENIDA RIO BRANCO, 20

RIO DE JANEIRO

Casa filial: Rua Florencio de Abreu, 58

SÃO PAULO

OFFICINAS: JUNDIAHY--ESTADO DE S. PAULO

Depositaros e importadores de instrumentos agricolas para todas as culturas, a saber:

Arados de discos, ditos de aivexa fixa ou reversivel.
Cultivadores e Capinadores de todos os typos e tamanhos.
Semeadores de diversos typos e tamanhos para cereaes.
Sulcadores de todos os tamanhos.

Machinas e material para lacticinios a saber:

Desnatadeiras, Batedeiras, Salgadeiras, Latas para condução de leite, Apparelhos de laboratorio, etc.



Cultivador Planet Jr. de 7 dentes. Machinas para todas as industrias.

Catalogos e mais informações mediante consulta, indicando esta Revista



GRANDE CRIAÇÃO
DE PORCOS

"Casco de Burro"

Typo grande---Aperfeiçoado

Provas absolutamente convencedoras podem ser adquiridas somente por experiencia propria.

Decidi *introduzir* a raça de porcos CASCO DE BURRO aqui no Brasil, depois de ver que, devido ás condições naturaes aqui, não se pôde depender de nenhuma das outras raças de suínos para se conservarem vivos e serem criados em grande escala.

Tive longos annos de experiencia com ella nos Estados Unidos da America do Norte de onde a exportei a diferentes partes do mundo.

Despachei porcos daquella raça para o Canadá, Russia, Rumania, Austria-Hungria, Egypto e Arabia, e todas as vezes obtive absoluto successo.

E' por isso, e com toda a compicção e a maxima fé, que apresento essa raça de porcos em meus annuncios ao publico.

Aos interessados fornecerei copia das opiniões dos competentes, dentre os quaes a de um pro-eminent e antigo criador das raças Poland, China, Duroc Jersey, Large Blak (e outras), o Exmo. Sr. F. Upton, (São Paulo, Largo de S. Bento, 12), transcrevendo palavra por palavra de uma entrevista generosamente concedida por aquella autoridade no seu aprazivel sitio em Piritiba, à Exma. Directora da acreditada Revista Feminina.

Vede a Revista Feminina de Julho de 1916, pagina 26. Para circulares com descripções detalhadas, preços, etc., dirija-se a

Estação de Vallinhas--Linha Paulista--Fazenda S. João

da Boa Vista—S. PAULO

D. B. von Beszedist

INTRODUCTOR, IMPORTADOR E CRIADOR

COALHO PARA LEITE

"MINERVA"

FABRICAÇÃO DINAMARQUEZA

GARANTIMOS que os superiores "Preparados Dinamarquezes" de Coalho marca MINERVA são extrahidos exclusivamente de coalheiras de bezerros recém-nascidos e por um processo que permite a extracção completa da secreção activa da coalheira, sem o uso de "agente chimico algum".

GARANTIMOS que os preparados de Coalho MINERVA são chimicamente puros e livres de quaesquer substancias nocivas ou de impurezas que possam prejudicar a qualidade do queijo. Por isso,

GARANTIMOS que o Coalho "MINERVA" é o mais duravel, como tambem

GARANTIMOS a força especial e sempre igual, o que torna economico o seu uso e evita surpresas desagradaveis aos fabricantes.

Os pedidos feitos por intermedio de Sociedade Nacional de Agricultura gosam de abatimento

UNICOS DEPOSITARIOS

HIME & COMP.

Rua Theophilo Ottoni, 52 - Rio de Janeiro



50,000 LIVROS

GRATIS PARA OS HOMENS.

O Caminho para a Saude, Força e Vigor.

Se soffre de qualquer uma das doenças peculiares ao homem, deve pedir-nos este maravilhoso livro gratis. Descreve em linguagem simples como se pode curar qualquer homem que soffra de doenças taes como Siphilis ou Envenenamento de Sangue, Gonorrhoea, Gota Militar, Franqueza Vital, Debilidade dos Nervos, Abusos contra a Natureza, Espermatorrhea, Doenças Infectas e doenças dos Orgãos Genito-Urinarios; assim como tambem Asma, Dyspepsia, Prisão de Ventre, Catarro, Hemorroidas, Rheumatismo, Estomago, Fígado e Doenças da Bexiga, tratando-se em sua propria casa e por pouco dinheiro. Se está desanimado e cansado de gastar dinheiro sem conseguir alivio, talvez que este Livro Gratis para os Homens lhe seja de grande valor. Não só é instructivo como n'elle se encontram verdadeiros e opportunos conselhos. Esta Valiosa Guia para a Saude é um compendio de conhecimentos, e por meio d' ella talvez possa conseguir recuperar a sua Saude, Força e Vigor. Lembre-se que lhe será enviada absolutamente Gratis, Porte Pago.

Encha e Devolva-nos este Coupon para o Livro Gratis.

DR. J. RUSSELL PRICE CO., A. 707 9 So. Clinton St., Chicago, Ill., U. S. A.

Illmos Sars:—Tenham a bondade de me enviar um exemplar do vosso Livro Gratis.

Nome Rua e No.

Cidade e Estado Paiz

BROMBERG & C.^{IA}

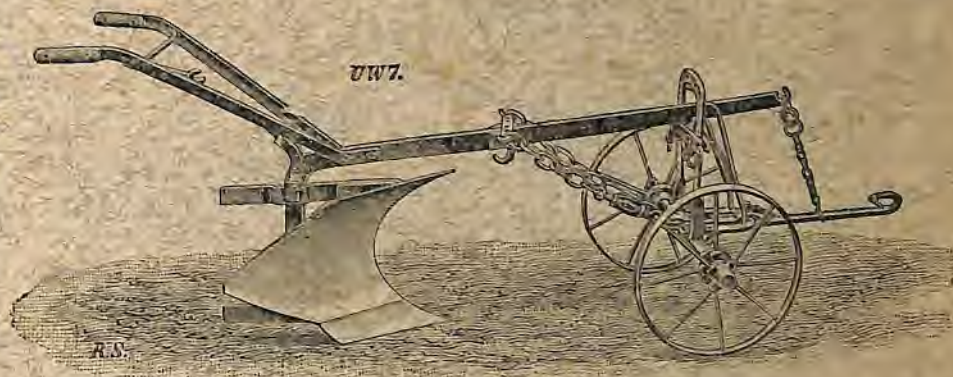
Engenheiros, Electricistas, Constructores e Importadores

EXPOSIÇÃO permanente de machinismos e utensilios os mais aperfeiçoados para agricultura e criação

ARADOS SACK-UNIVERSAL, inteiramente de aço, excluindo por completo o inconveniente de quebra e entortamento.

Além dessa superioridade do material a vantagem principal é a sua engenhosa construção, que permite que d'um ARADO marca «Sack-Universal», dotado de diversas peças accessorias, em poucos minutos poderá ser transformado em «varios Apparellhos aratorios» (em 26 typos) como : — Sulcador, Cultivador, Extirpador, Escarificador, Arado de sub-solo, adador de batatas, Carpideira, etc. fazendo assim de maneira igualmente perfeita o serviço deapparellhos especialmente construidos para o referido fim, economisando ao lavrador, tempo, dinheiro e espaço.

Arado-Motor STOCK, a unica machina que resolve o problema da lavoura intensiva em grande escala de Alfafa, Milho, Algodão, Canna, etc. e-quivalente ao serviço de 40 juntas de bois e de 12 Camaradas com despesas relativamente diminutas, preparando o solo numa só passagem até á profundidade de 35 cm. e semeando-o ao mesmo tempo.



Grades ZIG-ZAG, grades articuladas, grades de discos, olas de ferro para destorroar. Semeadeiras de uma e mais filas para milho, arroz, alfafa, etc., das mais reputadas marcas.
SEMEADEIRAS, CULTIVADORES e CARPIDEIRAS "PLANET Jr."
Ceifadeiras, Ceifadeiras-atadoras para arroz, etc.
Frenas enfiadoras, para alfafa, feno, algodão, etc.
Debulhadores, Batedeiras e Abanadeiras para milho, arroz, etc.
Moinhos para tuba, marcas "LANZ" e "KRUPP".
Machinas para cortar forragens "LANZ" - (Picadores de canna)
Desnatadeiras LANZ, Batedores e Espremedeiras de manteiga.
Resfriadeiras de leite e Vasilhame para o transporte de leite.
Machinas Combinadas para beneficiar arroz, da afamação e marca "SCHULE".
Moendas para canna.
Instalações completas para fabricação de farinha de Mandioca "SAPYRANGA"

Machinas para extinguir formigueiros "SALVADOR"

Appetrechos para apicultura, sortimento completo



PEÇAM PREÇOS E CATALOGOS

SÃO PAULO

Rua da Quitanda, n. 10

CAIXA POSTAL, 756

RIO DE JANEIRO

Rua Buenos Ayres, 22

(antiga do Hospicio)

CAIXA POSTAL, 1367

H
O
P
K
I
N
S
,
C
A
U
S
E
R
&
H
O
P
K
I
N
S



Alfa - Laval

A Desnatadeira Mundial

A preferida pelos fabricantes de manteiga

Mais de 2.000.000 de machinas vendidas

Grande e permanente stock de:

Batedeiras — Salgadeiras — Pasteurizadores
Resfriadores — Butyrometros — Aquecedores —
Acidimetros — Thermometros — Filtros —
Cremonometros — Vidros graduados — Coadores —
Seccadores — Latas — Baldeas — Escovas —
Espatulas — etc., etc., etc.

PEÇAM CATALOGOS, ORÇAMENTOS OU INFORMAÇÕES

“CYMAROL”

Ou a Fortuna dos criadores

Poderoso especifico contra as diarrheas dos bezerros

Milhares de attestados firmados pelos mais eminentes
criadores demonstram a sua efficacia



MARCA REGISTRADA

PEÇAM PROSPECTOS OU INFORMAÇÕES

VARIADO SORTIMENTO

EM

Chocadeiras Criadeiras Gaiolas Gallinheiros
— Capoeiras-parques para pintos — Marcas para
aves — Comedeiros Bebedeiros — Ninhos Me-
nhos para ossos Phosphates — Remedios & c.

As machinas que melhores resultados tem
dado aos Srs. avicultores

ALFA-PINTO



C
A
I
X
A
D
O
C
O
R
R
E
I
O
1
0
5
5
R
I
O
D
E
J
A
N
E
I
R
O